



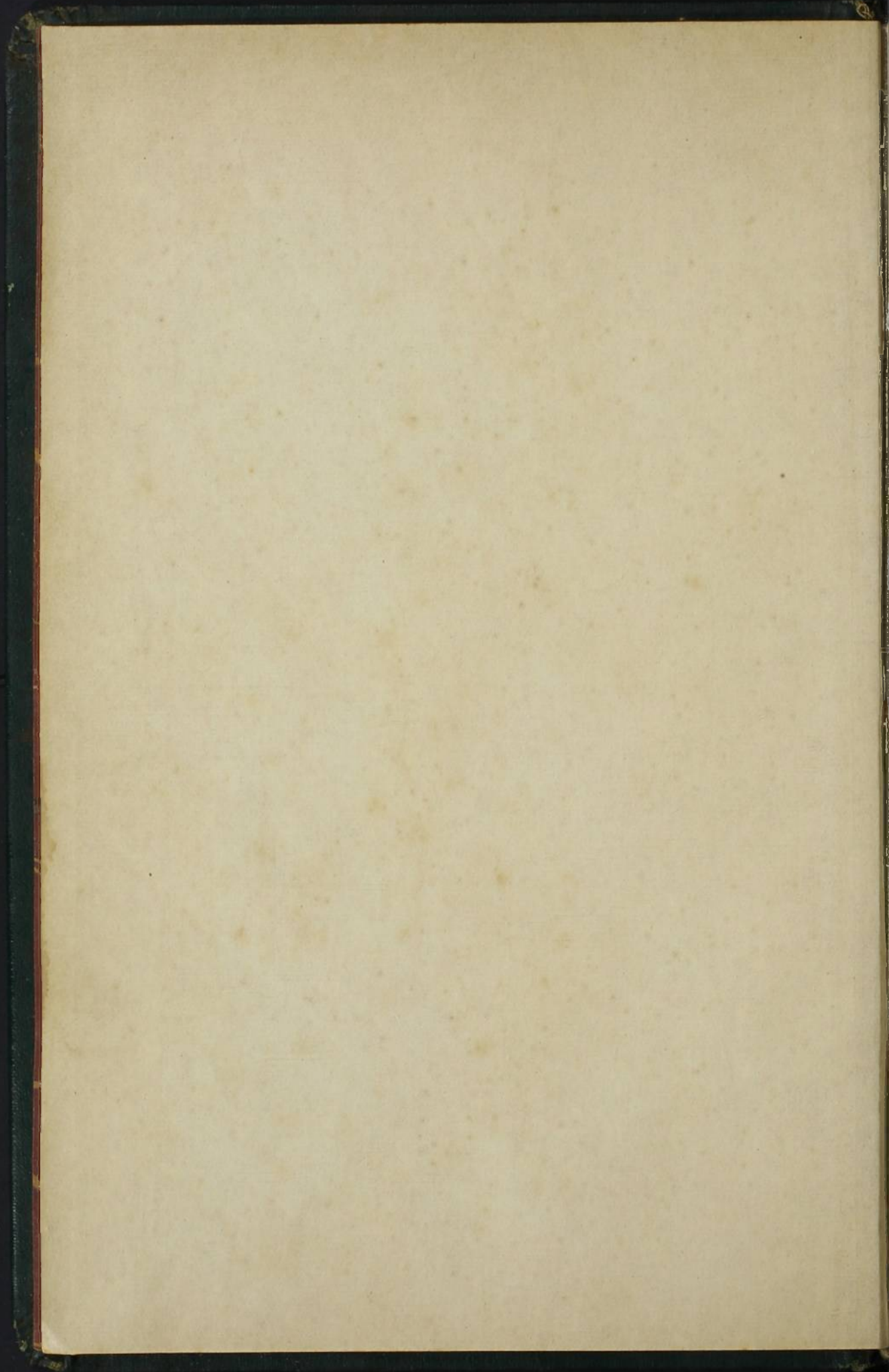


Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

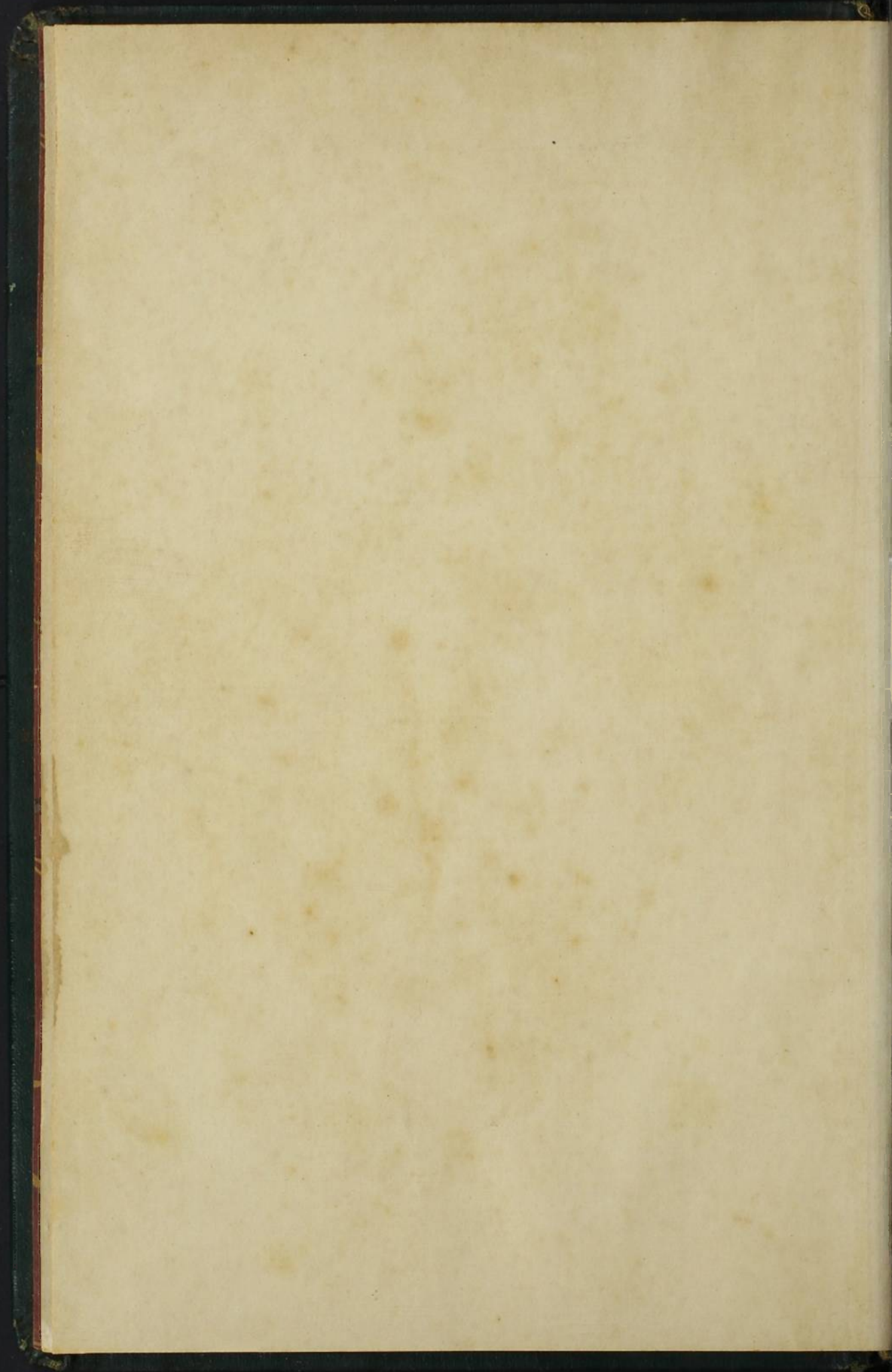
*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin









~~OS ROMANCES DO EXILIO~~ X I

22166

II

# A Estrella de Absyntho

ESTE LIVRO FOI ESCRITO EM  
S. PAULO, DE 1917 A 1921. -- RE-  
FUNDIDO VARIAS VEZES E DADO  
Á PUBLICAÇÃO EM 1927, MAS NA  
SUA FORMA PRIMITIVA :: :: ::

EDITORIAL HELIOS LIMITADA  
SÃO PAULO 1927

DO MESMO AUTOR

Pau Brasil  
Memorias Sentimentaes de João Miramar  
Primeiro Caderno do Alumno de Poesia Oswald de  
Andrade  
Serafim Ponte Grande

Os Romances do Exilio

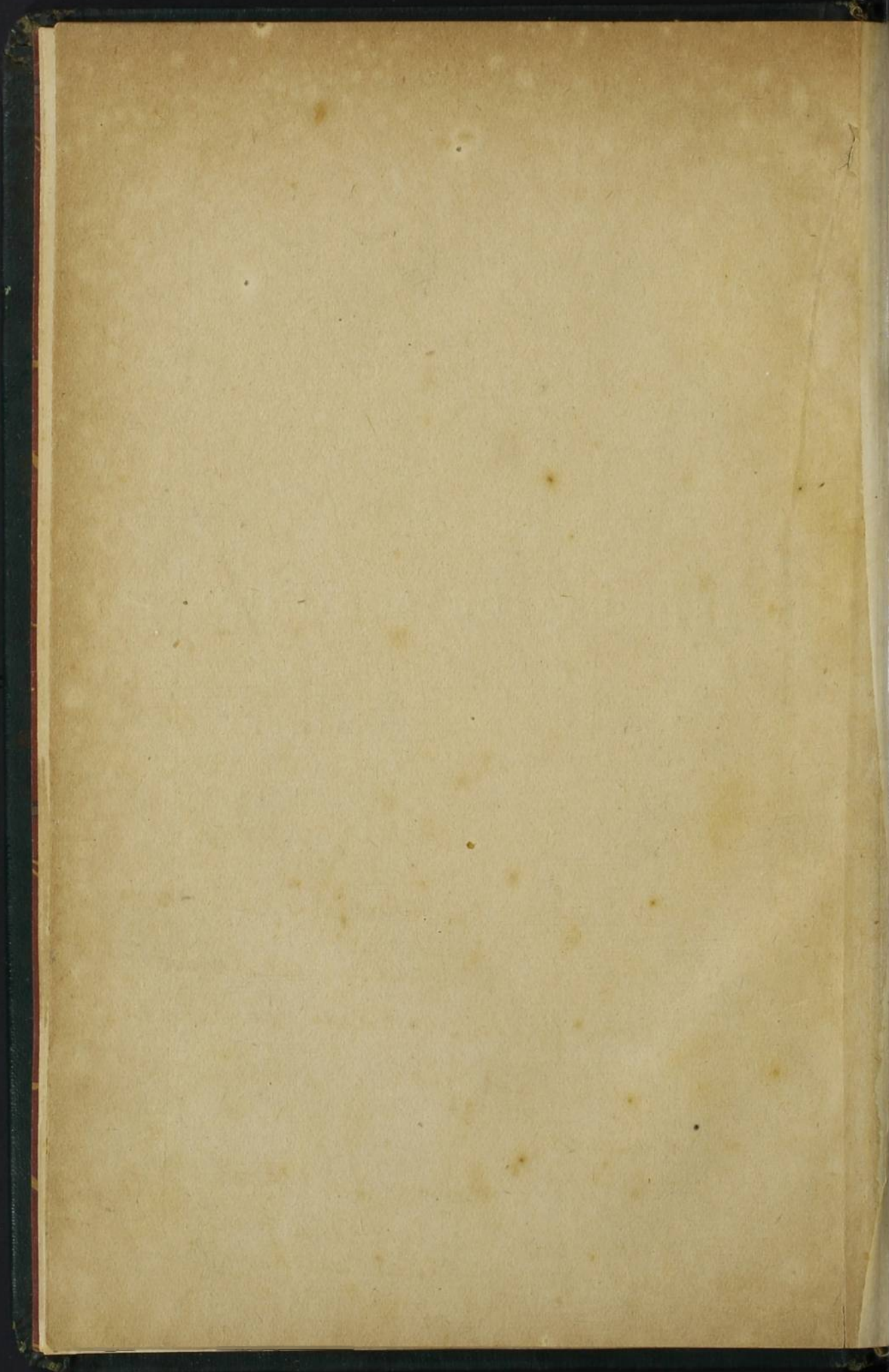
- I Os Condemnados
- II A Estrella de Absyntho  
*A sahir*
- III A Escada

100

22c  
No. 10 pmo  
Los Condenados

II

A ESTRELLA DE ABSINTHO



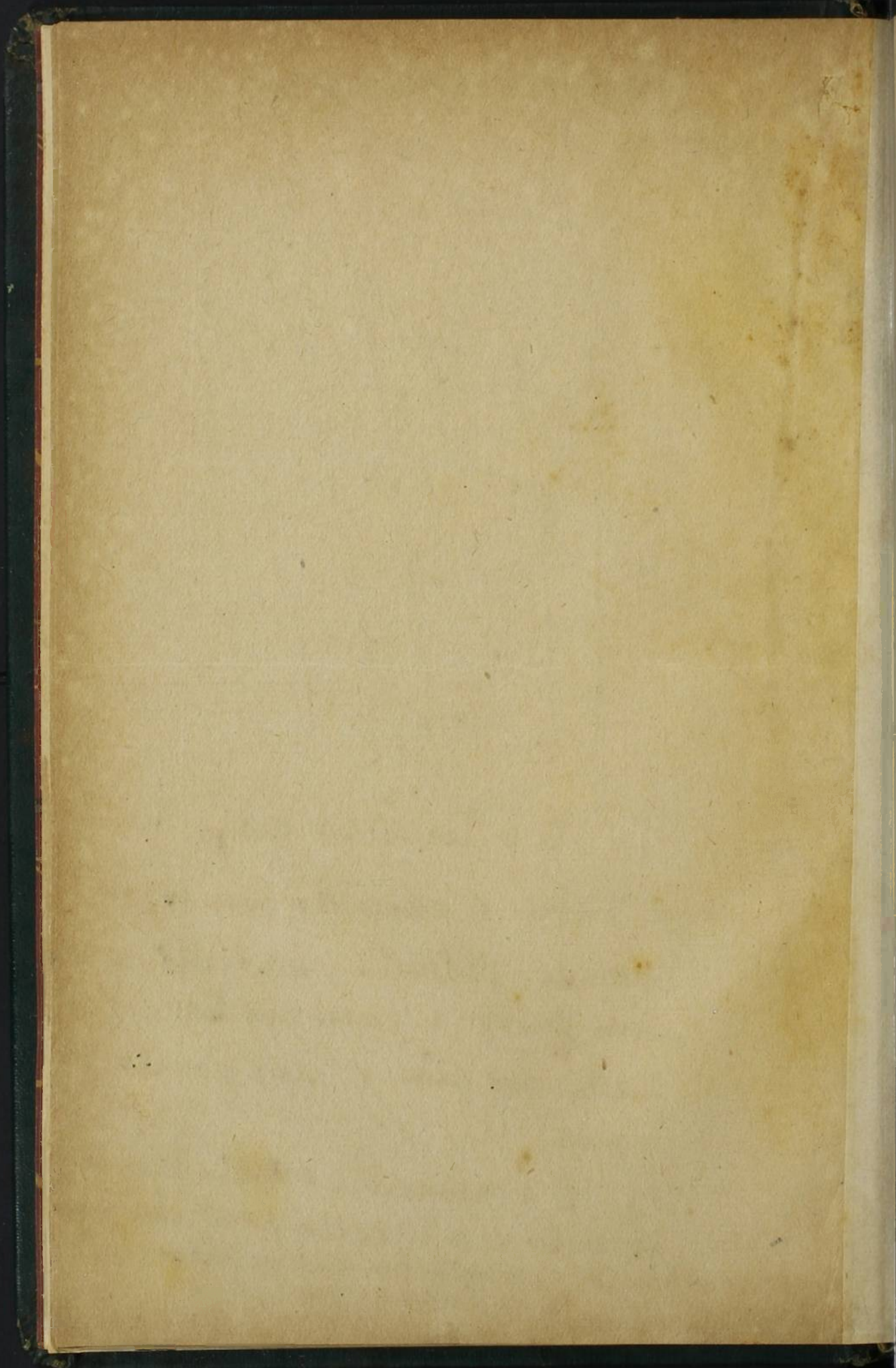
10. Et tertius angelus tuba cecinit et cecidit de coelo stella magna, ardens tamquam facula, et cecidit in tertiam partem fluminum, et in fontes aquarum;
11. et nomen stellae dicitur Absynthium; et facta est tertia pars aquarum in absynthium, et multi hominum mortui sunt de aquis, quia amarae factae sunt.

Apocalypsis B. Joannis A. — C. 8.

É o terceiro anjo tocou a tuba e caiu do céu uma grande estrela, ardente como um facho, e caiu na terceira parte dos rios e nas fontes das águas;

É o nome da estrela era de Absinto e a terceira parte das águas fez de Absinto, e muitos homens morreram das águas que se tinham tornado amargas.

Apocalipse de S. João — C. 8



- Que pensas dos homens?
- Uns canalhas...
- E das mulheres?
- Também.

Na luz medida do atelier de esculptura, cerrado ao meio por um biombo, recoberto em azul, Jorge d'Alvellos movia-se sem trabalhar.

Sentia-se alegre aquella manhã na sua pátria, de onde partira em busca de victórias com dezoito annos. Voltara ao Brasil, artista ignorado, quando longo tempo fazia já do seu embarque, com o avô que o levara até o porto de Santos.

Jorge d'Alvellos fixava obstinadamente aquelle resto readquirido de sua gente: uma mulher quieta e grande, sob o capacete côr de cobre dos cabellos.

Estavam sentados junto à porta fenestrada que apanhava, por cima do claustro,

as montanhas lisas, empastadas em massas ténue-roxo dos fundos de São Paulo.

O vime rangeu sob o estofado de cretone, com flôres rubras, enormes. Jorge deitara-se aconchegando ao rosto uma almofada esférica de seda. Perto de ambos, no chão, uma pequena espinga de doze mamas estacava.

— Uns canalhas...

Fazia uma santa manhã lá fóra.

Era no Palácio das Indústrias, onde o esculptor armara atelier na parte já terminada do pavilhão central. Haviam-no deixado montar ali casa de doido, com desenhos cíclopicos tirados a carvão no soalho e baldes e greda e fôrmas e fragmentos e estátuas.

Elle ficara a princípio seduzido pela mudança de céu e de ambiente, depois subitamente horrorizado com artistas e críticos que conhecera, agora contente com a reaparição de Alma.

Elle estava de novo ao seu lado ali... e elle repetia-lhe mentalmente o nome, olhando-a sem ver.

+ Parecia-lhe que fóra numa missa de Natal, em Areias, a última vez que a vira, antes da viagem. Elle conservara-se na frente delle, num vestido curto de etamine, de onde emergia a forte carnadura sob os cabellos. Não havia padre. E no côro, um trio instrumental com vozerio que parecia vir de tubas,

eternizava Dominus Vobiscums em escalas de Marselhesa. O povo esperava, bestificado, cheirando a areia, como quem espera milagres.

A parte fatigada de terra que fica nos limites do Rio, cemitério de cem <sup>qu</sup> quilômetros com cruces de cidades. Tinham ambos, <sup>e</sup> elle e <sup>e</sup> ella, na vinda do Amazonas, corrido o início da vida, por lugarejos parados e seculares, entre as tentações distantes das grandes capitães: em pleno dia, aldeias, onde se ouvia a roçada das formigas, sob um céu voraz, feito de milhões de <sup>as</sup> asas de insectos.

Elle sentia isso numa repercussão. Haviam parado <sup>alli</sup> ali somente um <sup>anno</sup> anno e o país <sup>sá</sup> safaro parecia <sup>tel-os</sup> tê-los marcado. Elle era como os rapazes da região que, estalada a puberdade, migram, deixando o mulherio ficar numa prévia viuvez, de coxas ardentes e semi-abertas, como para depoimentos, e calores eternos, sonhando casamentos absurdos e prostituições impossíveis. Partira no chamado da sua eleição. E a família ficara se desarvorando.

Mary Beatriz tinha permanecido na Itália, estudando.

Não quizera reatar na partida. Os olhos sérios, morena, nas toilettes americanas. Jorge revia-a, diversa das burguezinhas usadas que viera encontrar em São Paulo.

Alma, no entanto, com os seus vinte e cinco ~~anos~~ <sup>me</sup> ~~auguraes~~, repunha dentro ~~delle~~ a personagem de guignol que dormia, séculos, quem sabe, desde a invasão do grande rio pelos seus avós, que, retirados do bulício dissolvente das civilizações peninsulares, se tinham honrado na conquista de Mazagão em Africa, e depois varado o Amazonas até as suas cabeceiras de febre.

Mary Beatriz... ter-se-ia mesmo casado com ella, se ficasse em Roma. Começara tudo na surpresa de Jorge por ~~vel-a~~ <sup>ver-a</sup> conversar em português com a mãe, numa cauda de ~~theatro~~. Escrevera-lhe cartas. Pintava giestas e papoulas, numa eclosão do temperamento. A descoberta do amor ~~puzera~~ <sup>puz</sup> uma floração de colorido em pequenos quadros que manchavam de luz o atelier, no chão, nos muros, nos móveis. E do busto frágil, de seios em ~~pêra~~, o ~~escultor~~ <sup>escultor</sup> tinha inacabado uma estatua.

Alma ~~sahira~~.

O artista permanecia no cretone, num mergulho pelo passado.

Suas tendências para a ~~esculptura~~ <sup>escultura</sup> tinham-se revelado na obsessão infantil dos

bonequinhos de lama com que vivia sujando as mãos e a casa do avô negociante, escritório da firma commercial em que o puzeram para começar a vida.

Seu pai, quasi paralytico, estacionara ao lado do velho Lucas, em Areias, numa última tentativa de enriquecer, como creador. Depois viera definitivamente para São Paulo.

Mano Anthero, com a barba redonda dos antepassados, seguira a tradição de investida contra o mato, da raça passada para a América no começo do último século. O pai de Jorge, depois d'elle, deixara tambem uma manhã o porto de lenha barrento de Amazonas, onde perdera a mulher e a primogenita, Carolina.

Na vinda de Areias, Jorge entrava na adolescência.

O Amazonas reaparecia ao esculptor. Via-se numa rede, num quarto enorme, á noite. No cacaual, lá fora, sobre as folhas caídas, começava a ronda das onças. Lembra-se da descida pelo estuário, com a familia dizimada, numa barca que tinha um toldo de esteira. A floresta conversava desde manhã com o rio. Os barqueiros, torrados e suarentos, mergulhavam n'água, num salto, para tomar de novo os remos tapuyos, ao sol. Noite caída, havia paradas soturnas nas

brechas da terra e o appello dos homens chamando.

Depois, o mar, a cidade branca de Fortaleza, o Rio de Janeiro entre montanhas, o exilio de Areias, São Paulo e os primeiros bondes electricos, o avô vacillante na casa de louças e brinquedos. Depois da morte do paê, fôra passar demorados mezes no Seminario dos monges brancos em Pirapôra.

Tio Anthero propuzera levá-lo, como fizera depois inutilmente com Alma — rumo da fazenda de Nova Olympia, centro das suas culturas crescentes, na entrada do sertão de Yacanga. Lá, elle se incorporaria ao paiz, sob o céu propício da América. Casar-se-ia, fundaria novas plantações, proseguindo, a-cavallo, às quatro horas, na posse brutal da terra promettida e achada.

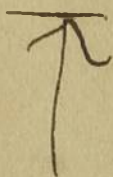
E não teria tido a vida que tivera na Europa.

Jorge d'Alvellos levantou-se de um salto. Se Alma quizesse ser sua... Na América das cidades de acampamento, elle armaria barraca à parte. Se Alma fôsse morar com elle!

E porque não quereria e porque não viria, se era tudo o que lhe restava?

Jorge d'Alvellos passou com força as mãos espalmadas sobre os olhos, estirou-se num bocejo e andou passos até junto do grande grupo em gesso das "Amazonas e o Caval-

lo”, teve ímpetos de mandar um sócco ao focinho arreganhado, ossudo e vivo do immenso animal, tal o vigor que lhe pulava da boca, dos olhos, dos membros distendidos. Ao lado, as Amazonas, de seios em escudo, dominavam o bicho processional.



Haviam deixado o atelier, num deslumbrado carinho, o loiro Carlos Byron e Mário de Alfenas, únicos amigos rehavidos em São Paulo, por Jorge d’Alvellos, na sua volta.

Bairão

Sozinho, o esculptor obstinava-se na modelagem da figura central de sua “Fonte da Vida”. Na blusa, sobre uma escada aberta, no silencio mudo, marcava agora os cabellos architectonicos.

Alma surgiu inesperadamente, num tailleur folgado de lã clara, septentrional sob um largo feltro branco.

O artista descido immobilizara-se. Ella pisava o atelier com o seu passo lépido e sólido, clarificada na luz de estúdio. Em silencio, no canapé, tirou o chapéu, descalçou uma luva. Abriu num voluntário desastre o casaco felpudo e revelou, sob rendas, alvos começos de seios.

Depois, empilhando almofadões, depositou as pernas, na sêda esticada das meias, sobre o cretone. E Jorge surprehe~~n~~deu, entre linhos, promessas da sua nudez de pêl~~l~~os fulvos. Achegou-se numa persuasão.

Qui~~z~~ prender-lhe num beijo a bo~~cc~~a carminada. Ella teve um refúgio do rosto pa~~l~~lido e ardente.

— Resolveste posar?

— Sim, respondeu ella pelos dentes.

Embolara-se, fugindo, como um animal no cretone.

Jorge encostou a cabeça de cabel~~l~~os fartos e enormes sobre as suas coxas violentas e qui~~z~~ prender-lhe a cinta nos braços. Ella teve uma ondulação flexuosa de defesa. E fixava-o, os lábios entreabertos, vermelhos, molhados.

Elle buscou-a numa apaixonada fo~~r~~ça. Ella retirou-se, risonha, elect~~r~~ica. Na luta, os dedos de modelador tinham seguro um seio destacado e pequeno. Ella p~~o~~nde desferir-lhe ainda um tapa certo e frouxo nas pa~~l~~pebras...

Deixara-o prostrado de felicidade no di~~v~~an. Re~~co~~mput~~u~~zêra-se, buscou o fêl~~t~~ro e as luvas. E, ante um minúsculo espelho que retirou da bolsa de missangas, avermelhou os lábios fanados.

— Adeus!

Sahira. Os seus passos amorteciam-se lá fóra na escadaria lateral do Palácio. Onde iria?

Jorge d'Alvellos sentiu que aventurava tudo nesse amor.

Alma trazia-lhe no escuro passado, no presente inquieto, minutos seculares de angústia, de humilhação e de praser. O seu aparecimento fóra um aviso de devastações. E elle offertava-se ao romance presentido numa dadivosa ambição victimal.

O dia caminhava azul lá fóra, festivo e calmo. Vinham de longe ruídos de pedra trabalhada, de bondes que passavam, de carroções que estouravam o calçamento.

Jorge d'Alvellos, de costas, nas almofadas do divã, cerrou os olhos. Revia a imagem adorada. Ella já estaria longe, onde? Na direcção da Luz, do bairro confuso que habitava com o outro, o amante confuso. E o seu coração fechou-se, vagarosamente.

Jorge d'Alvellos passou o olhar pela espinge atarracada ao lado de Alma, pelas

estátuas cançadas de ouvi-las na tarde caída.

As estátuas dobravam mais seus gestos mudos, abriam mais suas bocças inertes. E victórias e bruscos torsos punham na sombra inicial cambalhotas irónicas.

Encontraram-se sem difficuldade no tumulto cowboy que àquellas horas de partida e chegada de comboios à noite, enchia a gare achatada da Sorocabana.

De longe, Jorge adivinhara, sob jorros eléctricos, a silhueta vigorosa, num gorro de viagem, uma valise minúscula nas mãos enluvadadas. Um carregador acompanhou-os e elle comprou dois bilhetes de ida e volta.

— Dois?

— Querias ir só?

— Pensava que sim.

Tomando-lhe a valise, Jorge seguiu-a até a plataforma onde o trem formado chiava. Por toda a extensão havia grupos de pessoas e nos wagons uma malta de gente.

Alojaram-se num banco defrontado por dois rapazes loiros. Passavam carregadores

com malas e viajantes atarantados à procura de lugar. Una campainha retiniu longamente. A plataforma teve um minuto de ~~at~~tenção. A ~~ma~~ch<sup>ina</sup>ina longínqua apitou e o trem partiu de ~~v~~agar.

Alma conservava-se impassível e extáctica no seu canto. Houve uma curta parada. ~~El~~la levantou-se e ~~s~~ahiu na direcção do carro da frente.

Só, no assento de palha, o ~~escul~~ptor continuou o sonho em que ia perdido. O trem deslocou-se de novo. ~~S~~ahiu de uma pequena estação com quintalejos, bananeiras e luzes. Alma demorava-se, Jorge levantou-se impaciente. ~~El~~la não tardou a apontar ao fundo do corredor. Vinha segurando-se às paredes do carro. Atravessou num esbelto gesto os bancos ~~o~~cupados e fez Jorge sentar-se.

— Sabes quem está ~~a~~hí?

— Quem?

— ~~El~~e.

O ~~escul~~ptor recusou-se a ~~compre~~hender. Houve uma longa pausa. Depois ~~e~~lle interrogou-a.

— Quem?

— Não sabes?

— Não.

— Mauro.

Jorge sorriu sem crer.

— Queres vê-lo?

— Para que?

— Tens medo... fez ella emmudecendo de novo.

Jorge conservava-se incrédulo. A idea desse encontro que elle previra e desejava com o homem de Alma, agora, naquella viagem improvisada a chamado de Camilla que se achava doente em Baruary, parecia-lhe absurda.

— Encontraste-o onde?

— No outro carro.

— Fallou-te?

— Conversámos...

Jorge sentia-se tomado de uma surpresa que o varava. Esboçava-se-lhe vagamente no cérebro, no peito, uma perturbação lamentosa de homem que se ludibria.

— Tinhas combinado o encontro? perguntou.

— Não. Mas talvez elle descobrisse...

— Sem que tu o dissesses...

— Ou tũ!

— Não creio, terminou Jorge impaciente.

— Tens medo de ir vê-lo, fez ella.

— Talvez.

Calaram-se. O trem ia deixando para trás campinas escuras entre rolos de fumaça. Jorge não se conteve muito tempo.

— Vamos!

Ella ergueu-se e atravessou o wagon. Elle seguiu-a. O trem agora amortecia a marcha. Quando elles pretendiam passar para o outro carro, uma onda de passageiros que desembarcava os conteve. O comboio parara numa pequenina estação animada. Jorge mantinha Alma pela cinta. Depois de um velho magro de capote — carregando jornaes na mão, vinha um rapaz forte, de chapéu côco, sob uma larga capa preta. Passou sem fitar ninguém. Alma apontou-o:

— E' esse...

O pequeno estribo do carro esvaziara-se. Na plataforma batida de luzes, guardas e viajantes passavam. Jorge desceu e procurou o homem que Alma indicara. Elle conversava num grupo alli perto. Encararam-se. O homem tinha um olhar côr de cinza por sobre o nariz quebrado de aguia. A bocca entravalle bruscamente num rictus pereinne.

Sem hesitar, Jorge enfrentou-o. Depois, vendo que elle se desviava para conversar, pôz-se a andar. E quasi roçou no homem que pareceu não o perceber. Ao voltar para junto do estribo, onde Alma permanecia, grande, sozinha, ella levou a mão à bocca num gesto de quem suplica. Mas nada disse e sorriu. Jorge voltou de novo. Estacou a dois passos do outro. Elle tinha a voz metálica e

lenta. Um apito cortou a estação. Uma lanterna verde oscillara. O trem ia sair. Vagoroso, sem perder Mauro Glade com os olhos, Jorge subiu ao primeiro degrau do carro. Alma, segura a um balaústre, deixara de sorrir. O trem moveu-se, passou pelo grupo, onde o homem de capa preta esperava. Elle e Alma trocaram olhares eguaes, fortes. Jorge teve ímpetos inúteis de obstar que ella o fitasse. Houve um segundo trágico. E o trem rolou de novo, por campos escuros.

<sup>s/</sup> Ao sentar-se com Jorge, Alma disse num susurro:

— Que olhos lindos elle tem!

O esculptor calara-se numa agitação lancinante. Alma não deixaria nunca de amar esse homem.

Apparecia-lhe agora, allí, naquella estação pequena de hinterland brasileiro, pela primeira vez. Não se perturbara um instante; nem por um instante deixara a sua linha sinistra e glacial.

E Jorge sentira o olhar vendido de Alma, na partida.

— Encontraste-o por acaso?

— Não sei.

— Mandaste-lhe dizer que ias só.

— Não tive por quem mandar dizer...

— Que importa? E' um covarde.

Calaram-se. Os moços loiros conversa-  
vam em inglês. O trem corria.

— Que vem elle fazer ahí?

— Tem amigos.

— Nunca anda só.

— Medo de ti...

— Não tive delle. Provoquei-o, esbarrei-  
me nelle. Estava acompanhado, podia ata-  
car-me.

— Quem sabe se nos acompanha?

— Melhor! Verei até a próxima estação.

Quiz levantar-se. Alma reteve-o com  
força.

— Não quero, Jorge.

— Dizes que tenho medo.

— Exijo que fiques.

— Mas porque?

— Porque te amo.

— Jura que o não avisaste da viagem.

— Juro.

— Por quem?

— Pelo Senhor de Pirapora.

— E's capaz de ir jurar no sanctuário?

— Irei. Não vim para ver Camilla. Que-  
ro cumprir uma promessa que fiz...

E accrescentou:

— Na festa de amanhã...

Jorge recordou pensativo e incrédulo a romaria de Agosto em Pirapora.

Levantou-se. Foi até ao fundo do comboio. Nos ajuntamentos, nos carros, até os dormitórios fechados, procurou inutilmente a silhueta encapotada de Mauro Gladc. Voltou. Alma esperava-o de pé, no estribo do carro.

— Creio que ficou...

Ella, então, num persuasivo silêncio fê-lo ceder. Iriam pela manhã, a Pirapora.

Tinham chegado a Baruery. Desceram. O trem partiu fazendo vacillar a lanterna vermelha do último carro, pela escuridão da linha. Jorge examinou detidamente os passageiros desembarcados na plataforma minúscula.

Para dormir, pediram informações. Um menino grande e sujo acompanhou-os longe, pela villa nocturna plantada na brutalidade.

Havia uma casa aberta, numa estrada ladeirosa. Deram-lhes um quarto ao fundo, abrindo duas janellas acima de um paredão a pique. Para lá do quintalejo, em baixo, começava o valle negro até bater no rio, léguas além. Havia lua no céu distante, uma lua amorpha, entre nuvens esfarrapadas. Do astro doente, cahiam reflexos na terra morta.

Alma fechara a luz. Perdido à janella,

Jorge d'Alvellos contemplava fóra a noite mágica.

A serrania invisível e crestada parecia constituir na distância infinita um fundo de palco. A lua sobre ella despencava theatralmente. Apagaram-se um a um os reflexos. Uma coruja gargalhou, voando perto da casa, no escuro. Lá em baixo, um trem desenvolveu-se, passou, desapareceu, trecho rascante da terra desaccordada. E ficou tudo immenso e côr de nankim.

As rodas do trol<sup>e</sup> mordiam o tijuco da estrada. Aquelle morro calvo e negro, elle já o vira, com emoção, quando o tinham trazido para o colégio. E o rio, matinal e sagrado, como outrora, sobre as pedras vivas, junto à ponte. Era uma grande ponte, outrora...

Um ajuntamento colorido de feira ganhava na lama extensa da rua principal. Mulheres mascaradas de gesso, prostitutas de São Paulo, famílias ingênuas, negras de trunfa. E o batuque guerreiro na sombra do samba media, por cima de tudo, o tambor secco, egual, com o caracaxá e o ribombo longinquo do bombo. Era Pirapora.

E como Alma quizesse regressar, Jorge teve ímpetos de mata-la na agitação rumbosa do hotel.

— Fizeste esta viagem, então, para que? Para vê-lo somente, para encontrá-lo?

— E desejo voltar porque não quero vê-lo, não quero encontrá-lo.

— Elle combinou vir até cá!...

Ella não disse nada. Jorge ergueu-se do leito numa rápida suspeita. Mauro era audacioso. Se tivesse chegado agora no automóvel que acabava de cortar, sob a janella, a rua alacre...

Deixou o quarto. Dirigiu-se para a sala de entrada. A porta, um empregado encostava-se mollemente. Sentou-se a uma cadeira de balanço, abriu um jornal e dirigindo-se ao homem:

— Novos hóspedes?

— Não senhor.

Passaram-se minutos longos. Jorge foi ver a rua. Barracas de turcos, onde camelots enrouqueciam, punham nos balcões e nas tendas velas de cera, rosários, quadros, ex-votos. Um cavalleiro festivo passou por entre gritos exagerados da turba.

Jorge d'Alvellos sentou-se numa crescente andiedade. Um automóvel estacara em frente ao hotel. O empregado agitou-se. Desceram malas. E sereno, bem instalado, numa

roupa de brim, subiu os dois degraus de entrada, um fazendeiro de barbicha e corrente de ouro no colléte.

— Bom dia!

— Bom dia!

O homem foi-se com o empregado. Mauro podia estar em outro hotel. Jorge veio ler machinalmente o jornal, dobrou-o num gesto. Na sala, havia um espelho ao centro da parede, ladeado por pantomimas oleographicas com índios e portuguezes.

Foi tomar o chapéu no quarto, onde Alma permanecia, recurva no leito, lendo um volume rasgado.

Andara na multidão. Penetrou de repente da Sala das Graças, em frente à igreja. Toda a humanidade como que se photographara para encher aquellas paredes enormes.

Tomou o caminho do Barracão dos Romeiros. Era o mesmo antigo hangar de calíça, com olhos furados de janellas. Encontrou esbarrando num negro cow-boy, hercúleo e risonho, que levava nos hombros uma criança linda.

Gente cafuza espalhava-se no chão por cobertores vermelhos e pallidas esteiras, rodeando os pilares quadrados. Um pandeiro invisível batia um frémito de azas metálicas. Uma dansarina preta, de olhos cerrados, atravancava a passagem numa roda estabe-

lecida por um grande bombo reteso. Ao lado, um aleijado de cava<sup>ignae</sup> sustido em muletas, tinia o caracaxá. Ella ia e vinha, de passos meúdos, de gala e de offerta.

No andar de cima, mysteriosa e inflexivel, desconnexa e rapida, passava a luxúria religiosa, esganiçando-se em bandos lubricos, em bandos ardentes, em bandos triumphaes. E subito, o artista descobriu, no clamor, um anão de ebano grudado a uma menina branca e caólha, num remeximento descompassado de cópula, para o onanismo sensacional de redor.

Estava na lama da rua, indeciso de novo. Um sino feriu uma pancada forte e tremula na torre enorme. Fez a volta do templo, recordando. Regressou ao hotel: o empregado encontrava-se de novo à porta.

— Temos um pedido para a noite...

— Quem é?

— Um casal.

× Como ficasse sentado longamente, não tendo ânimo de ir ao quarto, onde cahiria sem solução no drama que o dilacerava, o homem falou-lhe:

— O senhor veio cumprir promessa?

— E'.

Jorge pensou em tomar informações a respeito de Mauro, talvez fosse conhecido allí, mas achou-se ridiculo e perguntou quem era o senhor que tinha chegado.

— Fazendeiro em São Simão. Já no tempo da defunta D. Augusta, elle vinha visitar o Senhor Bom Jesus.

Uma vontade saudosa apertou-o. Porque não iria lá em cima ao collegio da meninice? Porque não se dissolveria no chamado das orações?

Do Brasil todo, corriam para allí. numa confiança secular, os paes, as mães, as mulheres salvas de maus transes, os homens que tinham tido dramas na vida. Vinham todos inundar a Sala das Graças de photographias até o tecto, rostos de cera, mãos, torsos, pinturas ingenuas de chagas.

A imagem das aguas, o Senhor d'adivoso, de grandes palpebras erguidas sobre o fulgor de eternidades, inundava-os de soccorros invisiveis. E elle? Como veltara até o sanctuario?

Tinham saído para fóra, onde o samba dos homens se despedaçava sob o samba das estrellas. A lua dansava muito negra no espaço. E o rio, espumoso e nocturno, dansava.

A uma esquina, um grupo de carnaveleiros e vinha, com música e folhagens, festejando uma dúzia de homens alinhados, impassíveis, soberanos. Era a esmola de um baile perante um acampamento de morféticos. No auge da competição dos corpos rítmicos, os dansarinos convidavam os lázaros com gestos. Mas elles sorriam apenas, extáticos, envolvidos de chales, com sorrisos longínquos, onde se escarrava a saudade da carne roída dos narizes, das orelhas, dos olhos.

Depois foi o revólto fim e um grito dos mutilados lentos:

— Deus lhes pague!

Alma pediu a Jorge que a levasse à barchanal nocturna do Barracão. Penetraram na kermesse de luz mortíça, espaçada, onde trovejava o ribombo do bombo. Subiram. Parecia um palácio de columnas infinitas, onde uma luzida mascarada de negros festejasse.

Subito, deante delles, o anão de pixe abriu círculo, dansou. Era uma metade lípida e preta, grudada com tenazes de mãos em ancas polpudas que vibravam. Sob o chapéu enterrado até a bocca de dentes immensos, as pernas trabalhavam, batiam os pés bási-

cos, enlameados e enormes em va<sup>u</sup>ens de samba e de maxixe.

E o coral empolgante, religioso, gritava de t<sup>o</sup>da parte, por cem peitos metálicos de fêmeas e de machos, num desfallecido estreitamento de ancas e de sexos.

× Na h<sup>y</sup>pnose lúbrica do quarto silencioso, elle sentia-lhe o hálito, os beiços carnudos. Apertou-lhe o rosto com as duas mãos. Ella cerrou os olhos.

— Amas ainda...

— Amo-te!

— E por isso arrasta-me a uma viagem em que devias ser d<sup>e</sup>lle?

Ella então perguntou:

— Queixas-te... Foste tu o ladrão...

— Nasceste para mim.

— E provocas ainda o homem roubado...

— Matá-lo-ia.

— Serias capaz? sussurrou ella, de olhos interrogativos, a b<sup>o</sup>cca descerrada.

— Matar?

— Matar.

Uniram-se. Embolaram-se no leito.

Jorge d'Alvellos ficara a um canto num tamborete.

O apartamento que havia tomado para ella, depois da promettida renúncia, era entre siléncios e barulhos longínquos de bondes, num primeiro andar da Rua Scuvero, no Cambucy. O quarto atravancava-se de vasos, crayons, flores e livros — recordações trazidas da Europa pelo artista.

Um enorme abat-jour de ouro descia exaggeradamente a luz, encerrada num círculo, sobre um tapete central.

A janella do estreito patamar aéreo para o jardim mal cuidado, uma cortina branca enquadrava a silhueta vermelha de Alma.

— E falaste-lhe...

— Que remédio...

Voltara-se, crescera sorrindo.

— Responderei então à carta de Roma.

— Ella te visitava?

— Como tu.

— Ia ao teu atelier?

— Como tu.

— Foi tua amante?

Elle baixou a cabeça. Ella disse:

— Responde! Eu volto ao meu amor.

— E's digna d'elle!

— Cala-te, Jorge. Faz hoje um anno que nos encontrámos.

Jorge recordou a tarde em que a vira no Correio, pela primeira vez, depois da longa separação.

— Oito horas! proseguiu ella, desmanchando os cabellos. E atirou-se num salto pesado de gata, ao leito.

De fóra, de um quartel vizinho, vinham sons de corneta na noite de ressonância. Depois, foi um brum-brum-brum de tambores. E a corneta mais clara, cortou insistentemente o silêncio.

— Ouves? fez Jorge, de pé, num subito carinho. Esta noite de recordação permanecerá na nossa vida. Escuta como se recertam bem essas notas, como tocam profundamente esses tambores... tudo para ficar gravado.

E approximando-se, convincente:

— Como me falam os teus olhos ruins! Rodeia-os uma inquietação...

Houve um silêncio persuasivo.

— Deixarás de ser a boneca que foste! Vê como é triste ser uma boneca... Que foste até agora? A boneca maltratada dos que te formaram longe de mim; depois, a boneca d'elle, desse salafrário! E a tua consciencia, que é a minha consciencia, morta, apagada,

inútil! Será preciso que leves a minha vida para acordar em ti a mulher que és?

Ella murmurou:

— A boneca morreu...

— Quando?

— Agora. Não ouviste o funeral de tambores?

— Alma! gritou Jorge, querendo beijá-la toda.

E ficaram escutando a corneta que tocava, cheia<sup>a</sup> sonora, na noite de estrellas.

A fanfarra de quartel cessou num último tru-tru! tru-tru! de tambores. E no silêncio inesperado, a voz d'elle cresceu, alongou-se emocional.

— Fiz-te passar pela coisa mais bella da vida... exclamou ella.

— Por que?

— Pela desgraça.

— Alma!

— Beija-me agora e vê como é bom.

— Que lindo theatro!

Riram ambos. Houve um silêncio jocundo. Jorge d'Alvellos buscou seu pijama de listas numa cadeira, entre vestidos atirados. E apertou o botão da luz, dizendo na escuridão ainda doirada:

— Representamos bem hoje. Toca para a frente o nosso carro de ciganos!

*Bairas*  
Carlos Byron promovia uma excursão a Santos, naquela noite enorme de lua.

Jorge d'Alvellos recusara-se a ir sem Alma. E numa effusão os amigos que tinham acabado de jantar num gabinete commum do Pierrot, decidiram buscá-la.

Além de Carlos e de Jorge, havia Mario de Alfenas e seu irmão Bruno.

A Cadillac foi tomar essência. E, conduzida por Carlos Byron, deixou o centro da cidade pelo Largo da Sé.

— Vimos roubar-te para ir a Santos, disse Jorge, entrando.

— Em trem especial?

— No meu trem de setenta cavallos, annunciou Carlos que subira também.

— Vamos sós?

— Com os dois Alfenas.

— E o chauffeur?

— Eu mesmo.

— Vae fazer-nos derrapar na serra?

— Consequencias de uma aposta, fez Jorge. Como choveu toda a semana e a estrada está horrível, Bruno de Alfenas apostou uma ceia com champagne como Carlos não era

*Bair*

capaz de descer a Curva da Morte com o pé no accelerador.

— E nós vamos nos prestar a experiên-  
cia. Lindo! Vocês vão me esperar no auto...

Beijaram-lhe a mão e sahiram para o es-  
curo onde o carro estacava.

Ella veiu muito grande, toda em jersey,  
recostou-se entre Jorge e Mario de Alfenas,  
ao fundo.

Sentado ao volante, tendo ao lado Bru-  
no, Carlos sahiu.

Conversando, passaram a garganta po-  
pulosa do Lavapés e tomaram a estrada do  
Ypiranga. Houve a primeira parada a sahi-  
da de São Paulo: um homem com somno, veiu  
examinar a viatura sob o arco de ferro illu-  
minado. Penetraram no estirão fofo e duro  
do Caminho do Mar. Num rasgar de bandei-  
ras desfraldadas, Carlos <sup>arrão</sup>Byron gritou:

— Cento e noventa a hora!

A flammula branca da Hippica Paulista  
fremia sobre os holophotes. Desceram de re-  
pente. Subiram. Tinham attingido as pri-  
meiras luzes de São Bernardo em dez minu-  
tos. Passaram, alcançando logo a atmosphe-  
ra fria da Serra.

Bruno de Alfenas, voltado completamen-  
te para o banco do fundo, contava um pas-  
seio sensacional que fizera com o pintor Mei-

ra, o músico quieto Torresvedras e o impagável Barrinhos, todos bêbedos.

— O Meira bateu o record kilométrico do vomito. Foi molhando o caminho todo. Na Serra, o auto, um velho Hupmobile, guiado por um motorista de praça, virou sleeping-car — todos dormiam, inclusive o chauffeur. Resultado: demos de banda numa pedra e foi preciso terminar a viagem a pé. Pela estrada. o Barrinhos queria convencer o Torresvedras de que o devia pôr em opera. Quando chegámos ao Largo do Rosário, às cinco horas, o Meira exigiu uma pharmacia, si não morria. O Barrinhos, muito myope, viu uma porta açcesa e levou-o para lá — era um açougue!

Riram todos. Apenas Alma conservava-se silenciosa e recurva. A descida fazia-se com súbitas derrapagens. Brecado, o carro guinchava perigosamente no declive. Subia do escuro um cheiro forte de borracha queimada contra o cascalho e à direita, abriam-se valles onde boiavam estiradas copas de árvores. A uma volta panorâmica, as luzes de Santos desenharam-se ao luar, perdidas num mappa de enseadas e montanhas. O auto marchava com velocidade cautelosa, contornando-os de repente sobre despenhadeiros sem fundo. Calavam-se agora os viajantes e da Serra vinham vozes de água e de folhas. A lua pare-

cia muito proxima, acima da barranqueira.

Subito, Jorge percebeu que a mão de Alma tocava ligeiramente a mão de Bruno, sempre voltado para elles; e teve um recuo para o seu canto. Alma achegou-se tambem. Bruno pôz-se de novo a falar, repetindo os perigos que passara alli.

Jorge sentia um mal-estar profundo e um odio torvo invadirem-lhe o peito. Alma apertou-se mais contra o seu hombro. Num incontido gesto, elle enterrou-lhe as unhas na carne do braço. Ella não teve um gemido, um movimento de defeza.

O auto continuava a fazer ladeiras em curva, por entre enormes arvores pasmadas. Sahiu, em baixo, no caminho estreito do Cubatão. Veloz agora, desliçava pela madrugada na direcção de Santos.

— Que tens? sussurrou Alma a Jorge.

— Nada.

Haviam attingido a estrada lisa, de pedra soçcada, beirando a cerca da ferrovia.

Jorge d'Alvellos sentia mais uma vez que não podia abandoná-la. Atirado de novo ao chão, no conjunto amado, debruçava a cabe-

ça sobre o collo preferido, que uma saia de gabardine branca, com largos botões, fechava.

De fóra, no meio-dia azul, vinham baques repetidos de roupa, num tanque.

Sentada ao leito, ella foi mansamente descobrindo os agasalhos íntimos e offereceu-lhe as coxas, entre rendas, para a carícia habitual.

A luz filtrada, elles descansaram allí numa reconciliação insistida e feliz.

Alma entrara com a carta amarrotada na mão, pela vingadora manhã, no atelier do Palácio. E disse:

- Sabes quem me perseguiu até aquí?
- Quem?
- Mauro.

Num irreflectido susto, não querendo por nada perdê-la, o esculptor pensou num segundo em fugirem ambos para outros tumultos de cidades, onde elle os ignorasse. Ia propor... Mas ella ria, grande, fulva. Tinha mentido. Jorge devorou a carta. Era d'elle, despedindo-se, datada de bordo de um paquete americano.

Tomara nas mãos o seu antigo vigor.

Ao tocar o Brasil, compuzera, num estouvamento, o grupo das “Amazonas e o Cavallelo” que passara logo em gesso.

No ímpeto da luta com a resistência de Alma, viera a “Fonte da Vida”.

Fôra sempre um fragmentário. Em torsos quebrados, metades, estudos largados, concentrava numa predilecção alegre e constante, a força reveladora de sua arte. Era um creador de mutilações.

O vasto atelier compunha-se assim: para lá em branco, as Amazonas com o animal; no cavalletete central, a estátua de Alma, e esboços e trechos e torsos e bronzes vindos da Europa e photographias das exposições e amphoras altas.

Alma aquietava-se em silêncios felizes, no divan de flores monstruosas, mãos perdidas entre os joelhos. Elle vinha beijar-lhe os olhos. Ella recusava-se a accôrda daquella perplexidade de êxtase contente, na luz das manhãs.

E elle seguiu-a sem ser visto pelas ruas centraes de São Paulo. Havia chovido. Passara por ella num momento de acaso e não fôra percebido. Decidiu então seguit-a à distância, numa delicia de admiração ingenua. Onde iria? Ao Palácio das Indústrias de certo.

Alma trajava um vestido suave, onde da gola redonda, das mangas seccas, emergia a carne viva. Marchava sem pressa e seu chapéu vermelho e copado fluctuava acima das cabeças, no movimento da tarde, na Rua 15 de Novembro.

Cortou direito o Largo do Thesouro, atravancado de bondes e vendedores de jornaes. Jorge teve uma ligeira surpresa. Porque não descera na direcção do Palácio? Talvez fosse para casa, sem lhe fazer a visita habitual. Ella estava agora perto do Largo da Sé. Não dobrou a Rua Direita, enveredou para os lados do Carmo. Elle sorriu satisfeito; ella iria ao Palácio das Indústrias e, numa phantasia de creança, escolhera o caminho mais longo.

— Chapeuzinho vermelho! murmurava seguindo-a.

Ella ia descer pela ladeira íngreme do Carmo, até a várzea ajardinada. Tomou a Travessa da Sé.

Mas ella não desceu a ladeira curta do Carmo; tomou para a frente, dirigindo-se no mesmo passo tranquillo e lento até a Rua da Boa Morte. Jorge deixou entre ambos maior distancia. Havia poucos transeuntes. Ella passara a igreja e o collegio. Elle acompanhava-a surpreso, temendo ser visto.

x Subito, Alma parou em frente a uma casa baixa. Um moço sahia. Ella interpelou-o. Elle voltou, fez a chave correr na fechadura. Ella desapareceu. Elle fechou de novo a porta e veio na direcção do esculptor. Ia passar por elle. Jorge interrogou-o.

— Pode dizer-me se mora naquella casa o Sr. Mauro Glade?

— Não conheço.

— Não é a casa d'elle?

— Não. E' uma garçonnière de rapazes...

Fôra andando. Jorge estacara. Numa obsessão euphonica, voltava-lhe cem vezes a phrase que vinha dizendo: — o lobo te espera! o lobo te espera!

Num impeto, alcançou a porta, bateu; Alma assomou à janella ainda de chapéu.

Depois, veio, calmamente, abrir.

— Que vens fazer aqui?

— E' a casa de uma amiga. Queres entrar?

Jorge penetrou. Um corredor extenso levava até o fundo indeciso.

— Não vale a pena, fez ella.

E sahiram, batendo a porta.

Voltaram em silencio, um silencio que se seguira á estupefacção rapida de ambos.

Começou de repente a chover. Oculta-ram-se meia-hora, calados, a uma porta de sobrado. Depois, puzeram-se a andar na mesma vaga direcção.

Dois dias vieram e foram, inflexíveis e inúteis. Jorge engulia distâncias, descia alamedas, contornava praças animadas de algazarras infantis, perdia-se em bairros longinquos.

O seu raciocínio emperrara numa conclusão tremenda: Alma trahia-o, entrara numa garçonnière, elle vira-a entrar, retirara-a lá de dentro. Não havia sophisma que a pudesse defender. Alma trahia-o.

Subitamente, tomou um eléctrico que passava para o centro. Desceu no Largo da Sé, esperou passeando para cá e para lá. Com um rumor surdo, chegou um bonde do Ypiranga, cheio de gente. Subiu, sentou-se. Ia vê-la pela ultima vez. Queria apenas que ella confessasse. Não obtivera nada do seu obsti-

nado silêncio na volta daquella tarde. O bonde passou o Largo João Mendes e desceu pela Rua da Glória.

Jorge apeou um quarteirão antes, tomou a rua Scuvero e entrou rapidamente em casa.

Alma estava sentada ao leito, mal vestida, na penumbra morrente. Continuou pregando a uma calça um largo monogramma azul.

Jorge começou:

— Alma, não quero mais do que uma palavra tua, uma palavra de confissão. Perdoarei se a disseres. Não ha nada de peor na vida do que a incerteza. Fala, conta! Tens um amante?

— Tenho.

— Quem é?

Alma erguera a cabeça, largando o trabalho. Elle sentou-se a uma cadeira.

— Conta!

— Um velho conhecido, disse ella.

— Um velho amante?

Ella calava-se.

— Esse telegraphista de quem me falaste no Jardim da Luz, nos primeiros dias...

Duas lagrimas involuntárias despenca-ram dos ciliós baixados de novo.

— ' elle?

Ella fez um gesto que não.

Houve um enorme silencio.

— Quem é? Por tua mãe morta, fala!

— Um rapaz.

— Como se chama?

— Arthur.

— Que faz?

— Não sei. Sei apenas que conversa muito bem e ~~dansa~~ muito bem. *dansa*

— Onde o encontraste?

— Na rua.

Calaram-se. Jorge sentia um aniquilamento definitivo cortar-lhe a vida.

— Como chegaste a ir lá?

— Tinha o endereço.

— E foste procurá-lo?

Insultou-a pesadamente. Alma não se moveu, olhando o tapete numa fixidez insensível.

— Mas como foi? Como? Porque? Não te bastava o teu caften?

— Nunca te trahi com Mauro...

— E trahiste-me com outro, agora, quando eu pretendia ligar para sempre a minha existência à tua... Perdeste-me... Perdeste-me...

A noite vinha de fóra. Alma levantou-se, ficou toda nua, grande, fulva. Poz um pijama de sêda e veio enroscar-se no fundo do leito.

Uma molle sensualidade quebrava o corpo de Jorge. Deitara-se ao lado da amante

polluída. O contacto de uma anca, sob a sêda, interpelou-o.

Um demónio novo, pouco a pouco, ia tomando conta d'elle, persuadindo-o, convidando-o. Na penumbra tonta, ao seu lado, Alma permanecia nua, no pijama, sobre a carne. Jorge perguntou-lhe:

— Como te entregaste?

— Ia passando, elle estava à janella, fez-me entrar.

— E depois?

— Foi mostrar-me o quarto. Sentamos ao leito, para conversar. Uma aranha pequenina assustou-me. Elle riu, dizendo: araignée du soir, espoir! E deitou-me.

Jorge, tomado de uma volúpia espantosa, ao ouvir a cínica narrativa, queria minúcias, obstinava-se de dentes cerrados.

— Foi para mostrar os dessous novos que te entregaste?

A sua mão, fazendo-se automática, attingira-lhe o pijama que se rachava frouxamente. Ella deixou-se acariciar, acariciou-o também, com as mãos longas e brancas. Mas de um salto Jorge levantou-se, fugindo ao espasmo diabólico que o tomava. E ria agora num doloroso esgar:

— E' a vida!

Veiu de novo, disposto a torturá-la. Cingiu-lhe os seios com as mãos numa violência

de bruto. Ella gemia, fugindo. Elle atacava, furioso. Agatanhara-lhe a garganta.

— Pede-me perdão! pede!

Ella recusava-se, gemendo sempre. Pequenas lágrimas apontaram-lhe aos cílios; e gritou afinal na sombra, sentindo-se esganada:

— Per-dão!

Largou-a e fugiu para o patamar. Des-cera. Parou um instante à esquina. Depois, foi-se alquebrado e triste.

Mezes passaram-se rápidos sobre a desgraça mortal de Jorge d'Alvellos. São Paulo tumultuava na expectativa das festas do Centenário. Artistas brasileiros, recém-chegados da Europa, armavam ateliers ao seu lado, no Palácio das Indústrias, agora em rápido acabamento.

No pavilhão térreo, alinhavam-se as maquettes do concurso para o Monumento do Ypiranga. Havia uma pulsação desconhecida nos meios artisticos da cidade. Fundavam-se revistas, lançavam-se nomes, formavam-se grupos.

Em contraste, a vida de Jorge desnuda-

ra-se. Elle destruíra friamente, doidamente, a martelladas implacáveis, o grupo immenso das “Amazonas e o Cavallo”, depois maquetes e torsos; atirara para o fundo uma esguia Victória alada em mármore branco. E no cemitério de greda partida e gesso espedaçado, deixara apenas ao centro, presa ao gancho recurvo do cavallette, o motivo palpitante que arrancara do corpo de Alma para a “Fonte da Vida”. Modificara-o, entretanto. D’uma espiritualização trágica de linhas, tirara effeitos hallucinantes, erguera os braços para cima em parallelas infinitas, immobilizara um rictus poderoso na maxilla, arredondara o crânio sob os cabellos em toalha — e a figura ficara numa exclamativa postura de necrópole. D’ella se derramava um isolamento penetrante e gelado.

Jorge cobrira-a totalmente de pannos. E apenas, uma manhã, quando Alma appareceu e depois de examinar em silencio a derrocada do atelier lhe pediu para ver “A Fonte da Vida”, elle sorrindo descobriu a estatua.

Elia quedou-uma hora inteira no divan de largas flôres.

Ella levava os seios para o outro.

Haviam-se despedido hostilmente e Jorge, à primeira esquina, regressara para seguir-a, na noite accesa da cidade.

Ella ia voltar de-certo à Rua da Boa Morte, por elle ter-se recusado a acompanhá-la. Ia voltar... Qualquer coisa se passaria de tremendo, qualquer coisa que já se consumara e que elle queria, por força, evitar ainda.

Caminhava lépida, levando para o outro o leite elançado e quente de seu corpo. E por tudo que se engrenava dentro d'elle — ódios luminosos, dôres assassinas — coruscava às vezes uma invasão lúbrica e tonta dos sentidos.

Jorge caçava-a com os olhos, na viravolta dos beccos, egualando o andar e o porte à marcha dos transeuntes de acaso.

E, durante um quarto de hora, viu-a estacar a um canto escuro da Rua das Flores.

Voltava. Não fôra até lá. Uma victória irreprimível cantava dentro do esculptor. Mas a lutuosa memória do que se passara invadiu-lhe o ânimo de cançeira. De que servia, se ella estivera outras vezes com o outro.

E lá ia, sozinha, num convite lascivo à gula anonyma dos homens que paravam nas calçadas, a contemplá-la, a querê-la.

Retomara o caminho habitual da casa, cortara a Praça João Mendes.

Um rapaz alto e imberbe, de jaquetão, fez passos atrás della. Depois percebeu Jorge e parou.

Na Rua da Gloria, um homenzinho que sahia de uma casa, recuara ao vê-la. E logo se pôz a caminhar, acompanhando-a. Tinha um chapéu côco, um guarda-chuva e o andar molle.

Jorge seguia ambos num confiante interesse. Ella não fôra ter com o amante, não se deixaria levar assim, agora. Atráz, parecia vir lentamente o rapaz de jaquetão, pela outra calçada.

Mas Jorge só temia o outro, o que a essas horas talvez ainda a esperasse.

O homenzinho de chapéu côco afrouxou os passos a uma esquina, parou, decidiu voltar. Jorge notou que elle tinha os bigodes para cima.

E elle ia tê-la, sua de novo... ella era a sua caça, elle a prendera melhor que todos e era quem lhe construira o ninho inviolável... ninguém mais subsistia, ella e elle, na terra indifferente.

Mas tocaram-lhe no braço. O rapaz de jaquetão estava parado, indagando d'elle em que rendez-vous, por favor... Sem comprehender, o artista perguntou porque.

— Por nada, eu a conheço.

Ante a revolta que fuzilava no interpe-  
lado, o outro angustiou-se na voz e na pos-  
tura.

— Não, cavalheiro. Porque eu não gosto  
de empatar ninguém.

Partira. Jorge percebeu que a cidade tô-  
da a conhecia, a caçava com indiscutíveis di-  
reitos. Quis fugir, deixar tudo...

Mas baixou a cabeça. E caminhou para  
o ninho quem sabe se dez vezes conspurcado,  
mas seu aquella noite.

Elle a principio quizera esquivar-se, fu-  
gir. Mas mil argumentos detiveram-no. Como  
deixá-la? Para vê-la cair nas mãos do ou-  
tro? Para vê-la prostituir-se definitivamente,  
ella, o seu amor, o seu amor?

Seguira-a de novo, semi-doido, e não a  
vira voltar à casa baixa da Rua da Boa Mor-  
te. Passara noites inteiras de garôa peneira-  
da nos lampêões, sob beiraes, a verificar se  
alguém surgia para tê-la em casa.

Apenas, uma noite, Camilla viera visi-  
tá-la. Ella desceu até o portão, em sandálias,  
para despedir-se.

Um soldado de ronda no Lavapés, hespanhol velhusco, de grossos bigodes, entrou a conversar com elle e, interrogado, disse-lhe que da casa visinha sahia ás vezes uma moça franceza com um homem e na outra, entrava sempre, tarde, depois dos theatros, um rapaz fardado.

Jorge deu dinheiro e cigarros ao soldado hespanhol, pediu-lhe que prestasse toda a attenção ao sobrado de rótulas, voltaria na noite seguinte. E nunca mais voltou.

Alma, entretanto, tratava-o como se nada houvesse acontecido. A experiência escudara-a contra o amor envolvente do artista: tinha por elle um sentimento crescente, de curiosidade e no começo tivera apenas uma resolução de volupia. A's vezes, mostrava-se enternecida ante aquelle aniquilamento pertinaz.

Certa noite, voltara uma crise da velha annexite e pedira-lhe que arranjasse uma creada. E havia apparecido uma mulher sem idade, vindo como elles das areias de Areias. Chamava-se Milagre e tinha o corpo como o corpo de Alma.

O esculptor deixara de espioná-la para, numa obsessão delirante, surprehender e descobrir o homem que lhe arrazara a vida. Passou tardes e tardes guardando a casa da Rua da Boa Morte. Era fevereiro, fazia um grande sol. E uma vez elle viu, num passo desprevenido e largo, approximar-se um rapaz delgado, lenço a fluctuar, chapéu de palha enterrado exageradamente na testa, a defender o rosto da luz crua. O desconhecido passou sem o ver: tinha a barba azulada a navalha e uma esplendida bocca bem rasgada, sob bigodes negros e curtos. Alma disse-lhe uma vez sorrindo: — Si soubesses como é bella a bocca de Dom Juan!

O rapaz parou em frente à casa baixa, tirou um mólho de chaves que luziram, deu volta à fechadura, entrou.

E Jorge passou a encontrá-lo quasi todos os dias. Era um typo do Triângulo. Fixava-lhe de longe o porte fino sob chapéus elegantes, a gingar sozinho pelas ruas centraes; e acompanhava-o como um paranoico perdido na sua idéa fixa. Disfarçava para não ser visto e seguia-o e andava, procurando dar-se uma grave missão de castigador e subito achando, num paradoxo infernal, razões para applaudir a proprio derrota.

Um dia, estava no Viaducto de Santa Ephigenia quando o desconhecido passou. Dois homens commentavam-no.

— O Arthur... do escriptorio da Brasileira, secretario dos Bandeirantes de Momo...

Era esse o homem que lhe infernara a existencia — um empregadinho que sabia dansar, um secretario de club carnavalesco...

E parava sempre nas cercanias da casa baixa afim de encontra-lo. O desconhecido sahia, arrastava-o como um iman. Mas ruas cheias de movimento, lá ia Jorge d'Alvellos sonhando, atraz do outro que sonhava. Procurava nos menores detalhes, uma ida ao Correio, um bonde tomado, reconstruir, adivinhar, compor aquella vida errante. Quando o homem parava num encontro de amigos, approximava-se para escutar-lhe o timbre da voz, para apprehender-lhe idéas, phrases... Via-o sempre rir muito, rir com a bella boca de bellos dentes.

A figura do malandro de grande cidade acabou por seduzir o artista. Uma vez, Jorge surprehendeu-se parado, num borborinho de praça, que o outro atravessara no seu passo de tango, a murmurar:

— E' o irmão bohémio della...

A corrida das semanas e dos mezes acalmara lentamente a dôr irritada do esculptor. Alma fôra se tornando gentil, carinhosa. Elle mostrara-lhe, certa vez, uma photographia risonha de Mary Beatriz, no caes de pedra do Lungotevere. E, com delicia, sentiu ella entristecer.

Uma tarde de prolongado amor sereno em que os dois haviam partido de automovel até a lagôa côr de sangue do Engordador, pelo caminho silvestre e sinuoso, ella lhe disse, mão na mão:

— Quando me surprehendeste aquella tarde, senti que apesar-da tua máguia, esperavas ainda em mim.

E contou-lhe então a modificação que lhe impuêra, dia a dia, noite a noite, o seu trágico desalento.

— A destruição das estátuas! A transformação da “Fonte da Vida”... Não imaginas, Jorge, o que foi para mim o teu atelier devastado!

O artista que num esforço colérico tentara reatar o romance deixado em Roma, vira de novo esvair-se, perder-se, a lembrança da artista. Alma empolgava-o numa domi-

nação de sentidos e de cérebro que o levava a um estado de beatitude quasi imbecil.

A s vezes, no entanto, reabria-lhe de um golpe a intima ferida. Uma noite, disse-lhe:

— Porque os homens hão-de ter sempre as mesmas palavras de espasmo? São grosseiros...

Elle reviu num segundo a posse della pelo outro e calou-se numa doida revolta.

Nesses momentos, procurava um pretexto e sahia a pé na direcção da casa de Mario de Alfenas ou da garçonnière de Carlos Byron num palacete da Praça da Republica. Outras vezes, ia até a Avenida São João para fechar-se em seu quarto, sentindo que fugia à vida como a um immenso castigo. Ficava a ler, a fumar, a pensar e passava a noite sem somno. Duas manhãs, Alma viera reconciliar-se no seu manto esbelto de inverno; despira-se e deitara-se com elle até dia alto. Mas outra vez, brigaram rudemente, sem dizer palavra, ella vestiu-se e sahiu. A tarde, elle encontrou-a distrahida e áspera, irritou-se, perguntou-lhe se tinha visto o homenzinho do Carnaval.

— Encontrei-o ao deixar a tua casa.

A noite esboçou-se insupportável para ambos. Elle convidou-a a ir a um theatro.

Elle enfiou um vestido que elle lhe dera: a blusa justa em setim negro, sem mangas, a túnica da mesma côr com flôres largas de ouro. E nas meias de cinza até em cima, fechou as ligas monogramadas, ficou de pé sobre sapatos de setim negro com fivelões ardentes.

Subito uma rusga trágica estourou. Não iriam mais.

Elle pôz o feltro e, antes de sahir, pediu-lhe um pouco de Pernod: fazia frio lá fóra, ia longe.

Elle atirou para uma cadeira o chapéu immenso, foi buscar a garrafa verde e bojudá que gastavam habitualmente e virou, sobre um copo esguio, a botelha de crystal com agua.

Sentia-se lá dentro Milagre arrumar. Jorge pensou ainda em beijar a amante. Elle esbofetou-o num ímpeto hystérico. Elle ia espezinhá-la no vestido, mas preferiu partir.

A sahida, escorregou na lama da calçada. A rua, em concertos de illuminação, levantava ao seu longo pedras empilhadas e montes de terra solta; uma lanterna vermelha indicava o começo da excavação urbana.

Elle rodou longamente sem rumo, pelas travessas abandonadas do bairro. Seriam nove horas apenas. Gente desprevenida passava: soldados, midinettes, homens do povo. A uma esquina, Jorge parou, pensando que não tinha destino. Iria para o seu quarto ser de novo roído pela própria desventura. Alma não se corrigia, não perdia as antigas maneiras suspeitas, não comprehendia que o seu martyrio ia longe demais.

Absorto, fez sem sentir o estirão da Rua da Glória, até o Largo da Sé. Esbarrou num antigo collega de Seminário em Pirapora, sempre muito effusivo e cortez. O rapaz pediu-lhe noticias do avô fallecido, e confundindo tudo, informou-se se continuava a estudar pintura em Paris. Jorge desembarçou-se molestado, cortou pelo lado mais deserto e daí a pouco fazia subir o elevador do sobrado de commodos da Avenida São João.

Não teve coragem de despir-se. Pôz apenas o paletó grosso do pijama, guarnecido de alamares. Deitou-se com os braços sob a cabeça e mergulhou no seu sonho obsecante. Eram onze horas quando lhe vieram bater à porta, apressou-se em abrir. Entrou Bruno de Alfenas que tinha quarto no mesmo andar. Vira luz e viera visitá-lo.

A conversa rolou fútil e desinteressante, pouco alimentada pela frieza polida do esculptor. Bruno obstinava-se em falar da vida frívola da sociedade interlope de que fazia parte: o jazz da Rotisserie, umas meninas esplêndidas que descobrira com o barão húngaro de Kaseliz numa travessa do Arouche, as últimas piadas do jovialíssimo Barrinhos, o Mendes gordo que trouxera da Europa uma voiturette Mercedes de último modelo.

Depois de um silêncio longo que Jorge procurou manter, Bruno despediu-se com o seu ar desempenado & altaneiro. Jorge rodou de novo sozinho pelo quarto, foi até o seu pequeno bureau, abriu-o. E debruçou-se allí sobre folhas de papel, a escrever uma carta a Alma.

Fumou um cigarro, depois levantou-se. Sentia-se inquieto, incapaz de dormir. Tirou o pijama, vestiu-se de novo, sahiu.

Uma força chamava-o para o canto escuro do Lavapés. Que faria Alma a essas horas? Elle não tinha chave, iria entretanto até lá, rondar, perscrutar.

As ruas estavam molhadas, Jorge beirou o Theatro Municipal no asphalto luzente. Deixando o bar, grupos elegantes de noctâmbulos paravam e riam com grandes chapéus. Era mais de uma hora da madrugada.

Elle tomou sem pressa pelo velho Viaducto. Um auto passou. No centro, havia o último borborinho dos cafés accezos. Tylburis claudicavam vazios. O Largo da Sé parecia dormir, junto à Cathedral, num silêncio de ruínas em folha.

Pela Rua da Glória, caminhavam deante delle dois moços conversando. Elle percebeu que vinham de um theatro, discutiam a Viuva Alegre. Jorge pensou em Roma, nas noites que tivera com Mary Beatriz. Onde estaria ella?

Jorge d'Alvellos parou. Estava na esquina da Rua Scuvero, atravancada pelo movimento de pedras e de terra. Uma valeta longa subia a ladeira até o fim. Nem um soldado, nem um transeunte... Jorge beirou o sobrado, procurando sustar o ruído dos passos na areia molhada do passeio. Pareceu-lhe que havia luz em cima. Depois de um minuto, voltou. A luz era no quarto de Alma, ella talvez estivesse accordada. Ou então... uma lancinante suspeita suffocava-o. Pensou em fugir para não verificar. Estacou em baixo, no Lavapés deserto: Longe, cortou a rua uma silhueta encapotada de guarda, com passadas regulares. Jorge juntou-se nervoso a um tronco. Mas, se fosse assim, elle saberia agir, pularia o fragil portão, subiria cautelosamente ao patamar e, surprehendendo-a com o ou-

tro, acabal-o-ia a tiros. Chegou-se ainda, procurando para sempre mais perto. Foi escutar de novo o silêncio da esquina. E impulsivo, resolutivo, ágil, subiu as grades velhas, passou uma perna, parou espiando para fóra... Apenas a lanterna vermelha fitava-o entre montões de terra.

Deixou-se cahir justo a um canteiro de terra. A casa parecia dormir: nenhum ruído vinha della. Caminhou entre folhas húmidas. E recejoso, subiu os degraus, carcomidos, estacando, ouvindo.

Estendera a cabeça até a janella. A cortina larga defendia o interior, accezo. Apenas por uma fresta, viu o desalinho do quarto. Sobre um tamborete, ficara sentado, de braços para cima, um macaco caricatural, de panno.

Percebeu num susto que a vidraça estava aberta. Veiu-lhe uma momentânea afflicção; depois, empurrou de vagar.

Soergueu a cortina esticada: ella estava descoberta no leito. Nem sequer se despira. Parecia resolvida no luto do filó, onde transpareciam entre rosáceas as coxas violentas emergindo do monogramma das ligas.

Cavalgou o peitoril. Penetrara... Tocou desastradamente num móvel, houve um baque de caixa cahida.

Alma suspirou qualquer coisa por entre os dentes cerrados. E ficou tudo quieto de novo.

No toucador, estava junto à botelha de crystal esvasiada, a garrafa de absyntho, bojudada e aberta. Ella tinha bebido tudo, depois que elle partira; apenas o copo guardava um resto de droga opalina, fazendo sobrenadar uma mosca morta.

De palpebras tombadas, ella murmurou de novo alguma coisa, um nome talvez. Então, num movimento, Jorge apagou a luz,

Do escuro, foram sahindo, pouco a pouco, as formas dos quadros, das cortinas, da cama.

Alma repetia numa ternura fatigada duas syllabas confusas. Elle passou-lhe a mão pela testa glacial.

Como que animada, ella suspirou:

— Compreendes... sou tua...

Jorge, gelado, inteiriçado, escutava na sombra... Ella entreabriu os labios grossos e disse:

— Vem!

Tomara-a pelos braços carnudos no escuro do leito. Uma volúpia sinistra enlaçou-os. De seios tesos, a bocca ululante, ella absorvia-o todo.

E na noite de corpos unidos, soluçou:

— Ar-thur...

Sugado de gôzo até a espinha, elle quiz retirar-se, fugir, mas ella atracou-o, cataleptica, soluçante...

Jorge levantara-se atordoado; Alma continuava no filó, estirada, morta. Elle então recompoz nervosamente o leito, galgou de novo a janella descerrada, desceu, espiou por cima do portão, saltou num súbito medo e partiu pela madrugada das ruas.

Na manhã demorada, Alma appareceu no quarto da Avenida São João, risonha e esbelta. Tinha os olhos enfaixados no luto das olheiras.

— Passaste bem a noite, lindo?

Jorge não respondeu. Ella moveu-se pelos tapetes, foi à janella, sob o cloche de palha rústica, dizendo:

— Não dormi nada.

Sentou-se. O esculptor continuava calado, olhando-a, no grosso pijama.

— Passei uma noite de farra...

— Onde?

— Por ahí, com Camilla.

E depois de um silencio:

— Preciso de cem mil réis...

— Para que?

— Para pagar uma dívida de honra.

Jorge espreguiçou-se, ella insistiu:

— Podes dar-me?

— Tens dívida de honra?

— Fiz hontem a primeira.

— Como?

— No jôgo.

— Sonhaste...

— Não. Fui à Ponte-Grande jogar. Acabou-se o dinheiro que tinha. Camilla emprestou-me.

— Onde isso?

— Numa casa...

— Foste à Ponte-Grande?

— Fui...

— Quando? A que horas?

— Depois da meia-noite, à hora do jôgo.

— Mas onde?

— Numa casa em que ia às vezes, quando era honesta e tomava ether... Aborrece-te? Não encontrei ninguém... Voltei só.

— Andas de novo sozinha pelas ruas, à noite?

— Que mal há nisso? Não te trahi... isto é, sabes, trahi-te esta noite...

Jorge passara, naquelle instante de dialogo, por todos os horrores de que vinha tendo longa reprise. A sua credulidade excessiva, immutavel, atavica talvez, talvez voluntá-

ria, feita de <sup>â</sup>ncia de artista, seduzido pelo delírio do absurdo, não oppunha argumentos à <sup>p</sup>hantasia perversa de Alma. Acreditava que de facto ella tivesse sahido. Entretanto, tinha a consciencia do que fizera às mesmas horas — a escalada, o encontro della, bêbeda e irrequieta no leito...

— Sei que me trahiste...

Levantara-se, andou pelo quarto, depois estirou-se sobre os lençóes, disposto a ficar. Mas a sua imaginação inquietada trabalhava.

Perguntou de repente:

— Com quem me trahiste?

Elle sorriu:

— Queres que te conte?

— Quero.

— Com um príncipe. Eu era a bella adormecida no bosque de minha cama... Elle veio...

— E aecordou-te?

— Não. Dormiu commigo.

— Quem?

Alma ficara um momento pensativa.

Disse:

— Foi um sonho mau.

— Mas com quem sonhaste? Com elle? Com o teu cafageste?

Elle olhou-o num assomo rápido de ódio, quiz levantar-se, mas elle tomara-lhe os bra-

ços violentos, tentando derrubá-la sobre os travesseiros.

— Amassas-me o chapéu, bruto!

Insensível, Jorge proseguiu:

— Conta! Sonhaste com elle?

— Sonhei.

— Foi um sonho?

— Quem sabe?

— Como?

Jorge largara-a, deitara-se de novo. Alma compoz o cloche de palha rustica, retomou a bolsa matinal de missangas.

— Vens commigo?

— Espera... disse elle.

Ergueu-se, vestiu-se, enquanto, sentada, Alma olhava sem ver.

Num regresso de psychose angustiada, Jorge sentira logo um ódio renovado contra a desgraça que lhe fizera a maior humilhação da vida.

Nos encontros com o desconhecido que continuava a gingar e a sorrir pelo Triângulo, numa indiferença natural e bem vestida, o esculptor tinha impetos de destruí-lo. Chegou a enroscar-se numa premeditação de as-

sassinato, por toda uma semana. Espera-o-ia à volta de um baile no deserto escuro da Rua da Boa Morte. Tinha confiança na sua firmeza. Ninguém poderia descobrir, pois ninguém sabia.

Perdia-se horas e horas num círculo vicioso de idéa fixa: queria saber somente do outro, seguia-o, arrastava-o. Uma vez, viu-o no centro, acompanhando uma menina alta, de luto. Sorriam numa mútua sympathia conversando. Pararam um instante à vitrina de uma casa de modas. E na outra semana, pela noite, num dos seus passeios dolorosos pelos bairros distantes, o esculptor surpreendeu a mesma silhueta de luto, em sua frente. Passou por ella num subito interesse, ella sorriulhe na sombra.

— Onde mora?

— Aquí perto...

E acompanhou-a a um rendez-vous da vizinhança. No ambiente vulgar do quarto mobilado, ella despiu-se num velho hábito de prostituição. Era banal, sem intelligência, sem attractivos. Elle manteve-se frio, incoherente, absurdo. A mulher chamou-o de viciado, depois perguntou-lhe se sabia anedotas. Quis excitá-lo inutilmente. Elle pagou e sahio.

Mauro atirou-se num ímpeto de morte. Ella quiz salvar-se, correr para o quarto de Milagre. Arrastava-se de cócoras, gemendo, o rosto marcado de horror.

Elle agarrara-a e batia. Espedaçou-a contra um móvel. Voltou como um fugitivo. Sahiu.

Ella ficou estirada no sobrado, Parecia que lhe tivessem arrancado qualquer coisa lá dentro.

Na alva estrellada, Jorge d'Alvellos accorrido pediu a Deus, de joelhos, no patamar solitário, que fizesse parar a terra, para que não amanhecesse.

Lá dentro, junto de Milagre que dormia embrutecida da vigilia, Alma gritava, estreachada de perfurações.

Estava desfigurado. Sahiu cambaleando. Voltou com o clinico do bairro, na manhã in-

sensível e luminosa. O homem velho e baixote interrogou-a.

— Foi um tombo da escada. Rolei até em baixo...

E de novo torcia-se, gritando.

Elle não quiz intervir. Podia ser um caso grave. Aconselhou o internamento num hospital popular.

Numa reorganização de forças perdidas, Jorge d'Alvellos murmurou providências desconexas. Milagre partiu, buscar um taxi.

O automóvel atravessou a portaria engradada em negro da Rua Cezario Motta, contornou suavemente o jardim de cactús e cyprestes, e estacou à primeira porta da larga entrada em tijolo da Santa Casa de Misericórdia. Havia uma ambulância parada um pouco adiante. Jorge gritou por uma padiola ao enfermeiro da Assistência que o olhava.

Depositaram-na na sala da entrada, à esquerda.

Jorge ficou allí, um instante, inerte, idiota, vendo-a quasi no chão, sobre aquella maca de feridos. Depois, penetrou desabaladamente pelos corredores extensos, pedindo

pelo amor de Deus que lhe deixassem falar com uma irmã de caridade.

*septico*  
O médico que conversava com outro sôbre a janellinha de Krause, aberta, pela manhã, na cabeça de uma trepanada, explicou-lhe que era preciso intervir logo. Houvera um alarmante comêço de paraly<sup>a</sup> intestinal. D. Alma soffria de certo de uma velha annexite. A queda precipitou o material ~~sceptico~~ na cavidade. Apresentava todos os ~~symptomas~~... Fôra um horroroso desastre...

Ca<sup>h</sup>ira a tarde. Pu<sup>z</sup>eram-na entre lençôes na maca rolante da pejada enfermaria. E o carrinho seguiu entre camas curiosas, até a sala grande de operações, clara, rigorosa, na sua installação de armários e boiões, onde desinfectantes punham cheiros acres e côres amargas — verde, roxo, laranja.

Por cima, desenhava-se vazio o *amphi-*theatro donde os estudantes assistiam às lições vivas do hospital.

Sem pinga de sangue no rosto citronado, reconduziram-na cautelosamente para a maca horizontal. No cortejo de irmãs e enfermeiras, Jorge ia, automático, solenne.

Estavam na terceira manhã de hospital. Alma resistira ao choque operatorio. Mas o nariz se afilara extremamente entre os olhos roxos e baixados. Amarella de cera, a doente passara assim todo o dia e a noite; depois tivera, pouco a pouco, uma normalização de estado geral, sem vômitos, que puzera doidas esperanças no coração de Jorge e fizera mesmo o médico interno pensar que a salvava.

A febre não subira nas crises da tarde. Mas agora, ao anoitecer daquelle dia, Irmã Maria retirara o thermômetro marcando quasi quarenta graus.

Jorge sentiu gelo na espinha e veio perscrutál-a. Ella parecia dormir; descerrou o martyrio dos olhos e, vendo-o extáctico, disse:

— Eu não queria morrer... Era tão bom quando tu chegavas em casa... Lá fôra, a fanfarra do quartel...

Aterrado de estar só, ouvindo-a, elle chamou nervosamente a irmã que agasalhava outra doente. Ella veio na sua roupagem branca.

— Irmã! supplicou a enferma, dá-me o crucifixo...

A freira desprendeu a grande cruz de metal que lhe pendia do peito e, ajoelhando-se, fez Alma beijá-la.

— Deixa-o commigo, Irmã!

— Deixo, filha.

— Jorge, meu Jorge, que castigo! Vou morrer...

Elle quiz falar, protestar, mas ficou olhando-a, imóvel, petrificado. Uma sensação fria penetrara-o, conservou-se dolorosa nas espáduas, nos braços, nas pernas; e teve a certeza physica de que sahiria dali, mata-ria Mauro e rebentaria os miolos a bala.

A tarde descera num immaculado azul lá fôra: era Junho sem frio.

A sala sussurrante cahia em sombra. A enfermeira da noite veio saudar a doente e accender as luzes centraes que espalharam dos abat-jours de vidro, sobre os leitos inquietos, uma claridade offensiva. Apagaram-nas depois, para deixar somente ao fundo uma lâmpada presaga.

Jorge ia e vinha, olhando tudo: a passadeira incolor, a marcar um caminho sem fim, entre as camas, as doentes largadas como trouxas, as convalescentes em riscadinho... Alma que o detivera, a principio, junto ao leito, deixava-o agora.

Mas elle parecia perseguido por uma idéa. Achegou-se, anxiado, opprimido de soluços. Ficaram naquelle silencio de desastre.

— Alma! Exclamou elle. Quero pedir-te uma coisa... Crês em Deus, eu tambem. Tenho, desde creança, uma oração miraculosa. Vamos rezar juntos!

— Quero, disse a enferma, pondo nelle os olhos verdes, maguados e distantes.

Então, no murmúrio da sala, Jorge leu em um papel o psalmo 90 de David. Alma acompanhava-o em tom frágil, de mãos juntas sobre os seios. Jorge tinha inflexões ardentes que se perdiam no sussurro das febres. Depois, a della seguia, credula, terna, supplicante.

— “Elle é o meu Deus. Nelle porei toda a minha esperança, porque me livrou dos laços dos infernaes caçadores e da rigorosa palavra. Elle te fará sombra com Suas azas e tu esperarás debaixo de Suas penas. As Suas verdades te cercarão como um escudo e não te perturbarão os temores nocturnos, nem a setta que võe de dia, nem o ar contagioso que anda nas trevas, nem o encontro do demônio meridiano...”

Houve uma pausa: A doente reabriu os olhos marinhos, liquidados de lágrimas. A oração continuou calorosa, no desespero crescente de Jorge, entrecortada nos lábios frouxos de Alma.

— “O mal não chegará para ti. O flagello estará longe de tua casa, porque, em teu favor, elle mandou os Seus anjos que te guardarão em todos os teus caminhos...”

No corredor matinal, Irmã Maria interpelou-o.

— Escute, Senhor. Porque não chama um padre?

— Ella morre?

— Não digo isso. Tenho visto outras assim se salvarem.

- Assim... nesse estado?  
— Nesse estado.  
— Mas o doutor me falou em peritonite...  
— Ella está passando mal, precisa de conforto. Consinta que eu traga o nosso capellão, um padre velho...  
— Amanhã, respondeu Jorge, abstracto.

A noite passou-se na mesma desesperança. Elle dormiu como sempre, na polé de uma cadeira exígua.

Irman Maria veio muito cedo. A temperatura continuava alta. Os vômitos reappareceram. Reappareceram as dores fulgurantes e os soluços. A respiração era intercadente, oscillada.

Jorge, que acompanhara a freira até o corredor, disse-lhe:

— Traga o padre, mas avise-o de que não a assuste.

O doutor appareceu às nove horas. O capellão edoso, muito limpo na sua estreita so-taina, seguia-o.

— Trouxe-lhe um amigo, disse o médico á enferma.

Ella sorriu, vendo o sacerdote que se adeantava, falando:

— Minha filha... vaé sarar logo... Está melhor?

— Assim... murmurou ella.

— Então. Coragem! proseguiu elle sentando-se á cabeceira do leito. Isto vaé passar...

O médico apressado, no seu grande avental, afastou-se. Alma continuava a sorrir meigamente para o confessor. Jorge deixou-os, seguiu o doutor, interrogando-o. Tinham sahido para o corredor.

— Só um milagre...

— Está perdida?

— E' a minha opinião. Não pudemos debellar a peritonite. Houve ruptura das trompas na queda. Avisou a familia?

— Ella não tem familia.

— Esperemos um milagre, disse o médico despedindo-se.

Jorge voltou. Percebeu que Alma se confessava. Um soluço longo convulsionou-o todo. Atravessou vivamente a passagem entre os

leitos a approximou-se numa violência de choro.

O padre absolvía a doente reanimada, segurando-lhe a mão. Com passos vacillantes, Jorge ajoelhou-se junto à cama. E dilacerado de dôr íntima, com a voz cortada, pediu perdão. O padre procurava levantá-lo, contê-lo, mas elle insistiu num tumulto de lágrimas:

— Perdão! Eu quero que ella me perdoe.

Tinha a máscara, torturada, franzida, lavada de pranto. Alma olhava-o commovida, sorrindo.

— Não, meu filho, disse enérgico o padre. Jesús perdoou tudo, basta!

Jorge debruçou-se sobre a mão de Alma: ella acariciou-o sem forças. E elle ficou allí, chorando aos pés do sacerdote.

A peritonite progredira, frustrando a drenagem laparatômica. Jorge, desilludido, num enlouquecimento, esperava ainda um milagre. Toda a sua fé infantil voltara. Deus podia tudo, podia também resuscitá-la da começada agonia, extinguir-lhe a febre maldicta, reter aquelles espantosos vômitos inúteis. Fazia promessas doidas, surprehendedentes.

— Senhor de Pirapora! Esculpirei o vosso milagre para a Sala das Graças! Subirei de joelhos o vosso altar carregando-a!

A freira veio acordá-lo do seu canto. Elle olhou-a com olhos vagos, assustados, sem comprehender.

Ella havia trazido uma vela de cêra já gasta por outros agonizantes e um pequenino livro preto de orações.

Seriam dez horas da manhã. A luz era doirada e azul. O médico ordenara que se abrisse a janella próxima para o jardim cheio de árvores. Lá fora o céu alto faiscava.

A enfermeira approximou-se e logo depois o padre appareceu. Então, no silencio que cortava a respiração oppressa no leito, a voz de Irman Maria ergueu-se numa fieira de preces.

Duas lágrimas isoladas correram pela face agónica. E, de novo, a voz pertinaz e cantante da freira, elevou-se na glória matinal que enchia a sala.

Era uma ladainha que o padre acompanhava e, na distância, as convalescentes repetiam:

- Santa Mãe de Deus
  - oraé por ella!
- Santa Maria Magdalena
  - oraé por ella!

A litania resoava: era um supremo ap-  
pello aos santos pontífices, aos confessores,  
aos monges e eremitas. Súbito, mudou:

— Sêde propicio! Perdoae-lhe Senhor!  
Por vosso nascimento! Por vossa cruz e pai-  
xão!

A angústia dyspneica parecia crescer na  
cama, alongar-se, afflictiva, suffocante.

A freira accendeu a vela benta, chamou  
Jorge que se atirara de bruços na sua cadei-  
ra. Elle veio tropego, collocou o círio na mão  
desfallecida de Alma, e, de joelhos, seguiu as  
orações.

A freira, erecta, apostólica, exclamava:

— “Parti deste mundo, alma christã! Em  
nome de Deus padre omnipotente, que vos  
criou; em nome de Jesus, filho de Deus vivo  
que por vós padeceu; em nome do Espirito  
Santo que se diffundiu em vós; em nome dos  
Thronos e Dominações; em nome dos Princi-  
pados e Potestades; em nome dos Cherubins  
e Seraphins...”

Jorge d’Alvellos não se reteve mais. Aper-  
tando frouxamente o círio na mão do seu  
amor agonizante, soluçou. Eram dois haustos  
de respiração violenta, incontida, que o to-  
mavam, uniformes, isóchronos, como se um  
braço invisível e de ferro o sacudisse impla-  
cavelmente pelo peito! Percebeu através da  
cortina de lagrimas, ao seu lado, os circums-

tantes. Elles permaneciam extácticos como modelos, em composição esculptural, para um grupo da Desgraça.

Alma entrara em agonia. Com os olhos immobilizados para sempre, da garganta sahiam-lhe sons enrouquecidos e surdos...

Houve um ligeiro tumulto. O padre erguera-se, aproximara-se. E de pé, engrandecido no quadro começou:

— Kyrie Eleison!

Christe Eleison!

Kyrie Eleison!

A doente agitava-se. Teve uma primeira contorsão dolorosa de máscara.

— Vas spiritualis!

Rosa mystica!

Turris Eburnea!

Domus Aurea!

Foederis Arca!

Janua Coeli!

Janua Coeli!

Elle morria. Teve uma contorsão mais dolorosa.

— Janua Coeli! clamou de novo o sacerdote, no silêncio horrível, de braços erguidos, nervosos, como a sacudir gonzos invisíveis.

E elle acalmou-se de repente. Partiu na direcção da Porta que o padre fizera estremecer e abrir-se, enquanto carrilhões a seguir a cantavam a glória de Deus na manhã.

Pelos vidros do taxi parado, Carlos Byron — *Bair* que vinha com Torresvedras, viu o chauffeur e o guarda vermelho e rapado do largo portão dos fundos da Santa Casa se disputarem sem resultado. Gritou com raiva, pela janel~~la~~, que era para o enterro.

O homem gesticulou justificativas e abriu lentamente, desvendando no terreiro, junto ao necrotério, dorsos negros e luzidios de cavalos emplumados e um carro com doirados no oblongo da caixa.

Desceram os amigos de Jorge d'Alvellos que o tinham deixado no quarto da Avenida São João, em companhia de Bruno e Mario de Alfenas.

E pela escada exí~~gua~~, subiram até a parte inicial da capella mortuária, reservada aos pensionistas, que a piedade vigilante de Irmã Maria conseguira para o cadáver de Alma.

Dois internos do hospital, risonhos e moços, sa~~h~~iam dialogando.

Carlos e Torresvedras penetraram e viram um caixão sob um altar elevado, onde quatro velas, chorando as suas últimas lágrimas de cera, se apinhavam ante um Christo de latão. Entre os castiçães, o Christo, na

cruz desmesurada de pau preto, parecia pregado alli, inutilmente, ironicamente, havia vinte seculos.

Outra mesa sustinha outro caixão, ainda recoberto pelo panno xadrez da casa funerária.

Torresvedras abriu o que se achava junto ao altar.

E numa capa celeste, sobre a roxa túnica, de olhos apagados e a expressão de quem supplica eternamente, por dôres eternas, Alma d'Alvellos, desaparecida na magreza do próprio corpo invisível, parecia o cadáver da Nossa Senhora.

Apenas o nariz se lhe tornara mais adunco, a bôcca entreabria-se, chorando immutavelmente, as mãos não se viam sob a ampla capa da mãe de Jesus.

Um bafio denunciando podridões iniciadas fez os dois homens recuarem, fechando a morta. E como viesse Irman Maria, ataram o caixão e tomaram as alças finas, auxiliados por um negro gordo que guardava os cadáveres e pela figura ensebada e velha do gato-pingado solitário do carro.

Fizeram passar o caixão pela abertura apropriada das grades. Gente vestida de riscadinho, convalescentes idiotizados das enfermarias, paravam vendo. Irman Maria ficou compungida à porta do necrotério.

Houve uma expectativa respeitosa. E conduzindo-a, a carruagem de segunda classe, no garbo emplumado dos quatro cavallos, negros e solidos, no ouro dos arabescos e das columnas, sahiu numa apotheseose.

O taxi levando os dois rapazes rolou atráz.

E logo, homens que passavam descobriram-se. Adiante, um senhor grisalho parou e tirou o chapéu. E nas calçadas das ruas, grupos operários que iam, moços petulantes, velhos e meninos saudavam também.

Carlos Byron pensava que a morte era um triumpho: a repudiada de hontem, a só, a rapariga, ia ali tirada pelo trote possante de quatro cavallos, num coche preto e doirado, e todos instinctivamente se descobriam.

O carro funebre rolava nas pedras, o taxi fungava atráz. O dia nublado de Junho apagava as côres e as linhas.

De repente, Torresvedras moveu-se do seu canto, falou com a voz grossa, pegada na garganta:

— E agora?

Não disseram mais nada até o Cemitério. E o coche cantava nas pedras perguntando. E o taxi fungava atráz perguntando.

Carlos Byron <sup>aição</sup> comprou uma maçaroca ridicula de saudades á porta do Araçá.

Bairro

O florista, descarnado e solícito, ajudou-os a tirar o caixão, com o gato-pingado velho, lamentoso, numa sobrecasaca de ministro anglicano.

Na capella alta, com vidros de côres baralhadas, descobriram de novo a morta. Tinha o grande pescoço torcido pela marcha, a cabeça de cobre fulvo despencada e continuava a supplica perenne no manto celeste de Nossa Senhora.

As manilhas do caixão cortavam os dedos dos quatro homens na immensa caminhada. Haviam penetrado por entre árvores funereas e agora desciam a encosta terrosa dos mortos sem nome que têm covas alugadas.

Dois sapadores burocráticos, inexpressivos, nos uniformes municipaes, vieram tomar o caixão.

Atiraram-no por cordas ao fundo de uma exígua abertura, junto à sepultura esquecida do avô que se chamara Lucas d'Alvellos. Carlos Byron depositou o maço de saudades sobre o chão removido de fresco. Torresvedras quiz contar os túmulos para saber facilmente a distância da primeira aléa, mas achou inútil.

À saída, depois das gorgetas, o florista polido e funebre, que acompanhara sempre os amigos do esculptor, propôz:

— Se quizerem, eu posso fazer também uma cruz de cimento.

O cadáver nū, de cabellos atados numa toalha, foi levado, cautelosamente, até a parede do imaginário atelier.

Elle apanhara-lhe o dorso, despencado em ligeira curva. Um velho felino, barbudo e de bocca furada, conduzia de costas o cortejo, tomando-a pelas axillas, e um grande diabo, ossudo, levava as pernas geladas para sempre.

Depuzeram-na no estrado de pau, inerte e dura, murcho o ventre acima do triangulo negro e symbolico.

Depois, começaram a crucifixão.

Para lá, na vastidão respeitosa da sala, havia estatuas atadas aos punhos para trás, com retorcimentos fixos, todas recobertas como imagens em Semana Santa.

E havia amphoras e floras.

Iam crucificat-la na parede nua e branca. O velho levantando-a pelos inúteis seios, dava ordens impassiveis.

O outro batia já o seu longo prego. E apenas o braço que lhe haviam entregue a

elle, endurecera e resistia, empurrando-o para trás.

O velho esperava. O outro tinha uma cabeça de furia. Era preciso dominar a consciente resistência do braço. Aos repellões o membro em ângulo cedeu, açoitou a linha recta da cruz, num crac-crac de ossos internos. Elle tomou o martello e o prego longo, bateu a primeira pancada inútil na palma cartilaginosa. E dizia que era preciso haver mártires.

O velho atravessara victoriosamente a mão que prendia. O outro baixara-se a perfurar os dois pés sobrepostos na mesma agulha de ferro.

Elle então bateu. E houve um tinir repetido de aços, apagado pela repulsa de borraça dos membros anquilosados e murchos.

Salpicaram gottas glaciaes como remorsos nos braços musculosos e nus dos crucifidores.

E a cabeça de frango virou, o corpo suspenso desceu num peso bruto, alargando as chagas nos pregos e pondo em relevo estrias de paños, de nervos, de costellas.

Então, abriu-se a porta e um esplêndido homem nú, coroado de folhas, appareceu e gritou como um arauto.

— Sangue frio!

Ella permanecia toda estylizada na parede, que ficara como uma cruz de mil braços...

E Jorge d'Alvellos viu que era o cadáver de Alma que tinha crucificado para estudar anatomia... Ella despregou as grandes postas rachadas, latejantes, viva para elle...

O esculptor abriu os olhos na escuridão de seu quarto. E percebeu a madrugada neutra num silêncio de vidas estranhas.

Onde estava ella? Escorregara-lhe dos braços afflictos. Onde estava? Levantou-se da cama num salto. Ella fugira...

Atirou-se para a porta: permanecia fechada na noite. Voltou, bateu os ângulos desertos, foi ao leito. Pareceu-lhe vê-la ainda. Levantou os lençóis, o colchão: não estava.

Estava longe. Onde? Na enfermaria. Não, mais longe. No necrotério. Não, mais longe. Na cova...

Jorge d'Alvellos sentou-se. Viu descer no escuro, num desequilíbrio sobre os hombros que tinha aconchegados, um mundo bruto e apagado de formas.

Pensativo, ~~m~~ysanthropo, nervoso, Jorge d'Alvellos sahíu, depois de duas horas da tarde, do seu quarto da Avenida São João. Estava um tempo inconstante. Havia chovido, agora ficara claro. Uma ponta de sol varava a cinza do céu, fazendo brilhar as poças de lama das ruas, os trilhos dos bondes.

Jorge dirigiu-se lentamente para o Triângulo central de São Paulo. Subiu a ladeira íngreme e penetrou de repente na Praça Antonio Prado. Ia dizendo, ~~com~~ consigo: — o sobrenatural existe dentro de nós. A vida com Deus é ~~h~~ypócrita, sem Deus é ~~c~~ynica.

Passavam homens e mulheres. Tinham todos no rosto uma estupidez ~~triumphal~~ e cruel. Em limousines perfeitas, as senhoras dos grandes ricos ~~exhibiam~~, bellas e risonhas, a sua ~~v~~ermina insolente de prole — meninas espigadas em sêdas, meninos morenos e desdenhosos.

A cidade ~~t~~oda movia-se, rodava. Maníacos, sonhadores vencidos, faziam também trotar na ciranda os esqueletos vergados e velhos, sem perceber a inutilidade dos seus gestos de pressa.

O esculptor ia ~~de~~ vagar pela Rua 15 de Novembro. ~~A~~ porta dos bancos, homens parados abriam caras ~~neurasthenicas~~ e vazias. Outros passavam, correndo, semi-loucos, discutindo alto os seus angustiosos sonhos de lucro.

Rapazes irrepre<sup>h</sup>ensíveis, de olhos vermelhos sob óculos redondos e enormes, gigolavam nas esquinas.

Elle chegara ao Largo da Sé. Parcu na convulsão extática de populares, à porta dum grande edificio; olhou e viu, na distância, as obras da Cathedral côr de cinza, como um grito lancinante, que tivessem cortado pelo meio na immensa praça apagada. Desceu aos encontrões com a gente que se movia pelas ruas atravancadas de bondes e vehiculos. Estava perto de uma leiteria, entrou. Um homem calvo tomava notas com um lapis no balcão. Elle perguntou-lhe se havia sand<sup>u</sup>wichs. O homem não ouvira; repetiu a ph<sup>r</sup>ase fazendo uma violência ph<sup>is</sup>ica para falar.

E, de pé, pôz-se a comer.

Mocinhas de avental branco iam e vinham, fazendo o serviço das mesas, pagavam à caixa, buliçosas, sorridentes. Jorge pensou que ellas podiam ser desgraçadas um dia. *tomar*

Inconscientemente, tomara outra vez ao Largo da Sé. Estacou incommodado, ia tomando o rumo da casa de Alma. Estava agora em frente à montra pejada de uma livraria.

E Mauro? Com certeza fugira.

A tarde baixava, ameaçadora de novo. Um vento leve e constante levantara-se. Elle andara, achava-se na Rua do Carmo, divisou ao longe a casa baixa, perdida entre outras

na Rua da Boa Morte. Pensou que devia levar o desconhecido à quadra desolada do Araçá, onde Alma repousava. Mas encaminhou-se para o Braz.

No fim glabro do dia, o bairro negro fumegava com recortes sobrepostos de casas, chaminés, fábricas, gazômetros.

Descera à Várzea; seguiu para a frente, sem tomar o caminho do Palácio das Indústrias. Massas de poeira elevavam-se, caíam na planície desolada que a rua cortava.

O vento recrudesca. Homens aos grupos, negros, apressados, iam como num romance.

O esculptor foi andando. Quas<sup>z</sup> anoitecera no céu de anathema. Pingavam gottas de água, batendo nas árvores, no chão. Uma carroça passou, estridula, em disparada.

No desamparo penetrante de tudo, Jorge d'Alvellos, com gestos de polichinello quebrado, mergulhou na noite sem Deus.

Um barulho silencioso de trovões havia passado em sua vida. Depois, nada, o aniquilamento, o caos girando.

Edipo, Hamlet, Fausto — todos os grandes perseguidos — haviam soffrido horrores defi-

nitivos como elle. Mas tinham tido platéa e, a seguir-los, côrtes de figurantes, fanfarras de Fortimbraz, sabbaths rodando, o Diabo em pessoa. O rei Lear vira despejar-se, de furnas mythológicas, a hostilidade dos elementos.

Elle, não. Apenas um barulho silencioso de trovões. Depois, nada.

Jorge d'Alvellos levantou-se da cadeira em que estava. Olhou-se ao espelho oval do quarto. Tinha a pelle fresca e branca, o rosto marcado e energico, os cabellos negros e ondulantes. Sahira da tempestade assim, robusto, cheio de saúde, uma saúde cynica, insensível ao descalabro.

Decidiu voltar ao Palácio das Industrias. Mas a idéa de que fora um crime consciente tê-la deixado para Mauro vir a matá-la observava-o. Não o denunciara. Para que? Para saberem tudo o que ella era? Diabinhos subtis appareciam para conversar com elle no silencio do quarto, empáticos, pondo, a serviço de sua dialectica, as recordações que o estrangulavam como incubos.

Elle parecia agradar-se daquella tortura, gostava das longas horas de companhia in-

fernal em que discutia as suas culpas. Sem aquella brutalidade do casten, ella viveria de certo ao seu lado, boa, carinhosa, amiga.

Chorava copiosamente. Propunha-se castigos, por não tê-la defendido, castigos theatraes: deixar-se arrasar sob a estátua della que levantaria alta e massiça de quatro metros... Mas, de repente, a idéa de soffrer a morte, a morte que ella tivera, com todas as torturas, apavorava-o, deixava-o como um cão batido.

Tinha momentos eróticos: exigia para a sua desgraça uma compensação sexual. O instincto esfomeado miava dentro d'elle; e a alma ferida, espezinhada, consentia benévola, covarde.

Revoltava-se profundamente contra o catholicismo. Nos dias que precedera a morte nem uma prece lhe faltara aos lábios, nem um grande nome de santo tinha deixado de vir ao seu coração angustiado, supplicante. Nunca milagre nenhum tinha sido reclamado pela fé como aquelle. E o céu permanecera impassivel: ella morrerá, ella, o seu amor, morta por que elle a abandonara sempre.

Chegara a um materialismo resignado. Alma morrerá: nunca mais elle tornaria a vê-la, nem nesta nem em outra vida — exactamente como seu paé, sua mãe, seus avós, sua irmã... Tinham-se esfarelado na terra

creadora. Era melhor assim. Alma não soffria mais aquellas dores de fogo... Deus não o tinha ouvido, porque não havia Deus. Ella agora descansava. Era melhor.

Nesse monólogo obsecante, Jorge d'Alvellos vestira-se. Não choraria mais, para que chorar? O crime? O proprio Mauro talvez ignorasse as consequencias da queda. Era innocente. Todos eram innocentes e cúmplices.

Sabiu. A manhã ia alta. Desceu de bonde para o Palácio das Indústrias, encontrou o atelier aberto. O formador — um portuguez de grande gravata de artista — ficara com as chaves. Saudou-o, perguntou-lhe se não passaria mais a estátua em gesso.

Desembaraçando-se do chapéu, Jorge viu a um canto, sobre um pequeno aparador, dois lenços que Alma lhe trouxera, por occasião da última visita, dois lenços perfumados de *Malia* e sobrepostos num carinho feminino. Do outro lado, brilhava o espelho redondo na moldura de mogno, graciosamente suspenso: tinha sido o último presente della.

Jorge despediu o homem, foi fechar a porta. Passos afastaram-se, duros, regulares. O formador tinha tirado os pannos que recobriam a figura. Jorge fitou-a, gelado: era como um preságio posthumo e inútil. E subitamente, pularam-lhe do intimo, myriades de angustias suffocadas. As lagrimas vieram com

gritos; elle tinha os punhos virados, convulsos. E a crise foi-se apaziguando pouco a pouco, em lamentações. Elle revira Alma inteira naquella nua de sepulchro. E dizia, chorando para a estatua:

— Pobre! Pobre!

Resolveu fazer dalli o tumulo de Alma. Comprara o terreno exiguo do Araçá, junto à sepultura do avô.

E agora, manhãs, tardes e noites perdia-as num carinho enternecido, no vasto atelier.

Recebera da Italia uma carta e uma photographia de Mary Beatriz, magra, num tailleur inteiriço de inverno. Mandara-lhe tambem um registrado: foi ao correio procurá-lo. Era um livro de arte que abria com o testamento de Rodin. Começou a lê-lo e, forçando-se um pouco, collocou o retrato sorridente sobre a chiffonniere abaulada, por trás de um bronze.

Sentia-se arrasado para novos empreendimentos de vida. Sem Alma, ficava como se estivesse incompleto, provisório, desarmônico, partido pelo meio. O seu consolo era fechar-se alli, com a estatua da desaparecida.

Pretendia apenas recobri-la, onde ella se santificasse num sudário, os braços para o céu inutil, deixando adivinhar o corpo no martyrio dos últimos dias. O rosto gelava: era a morte.

Levara para lá uma recordação da Santa Casa, um volumezinho da “Imitação de Christo” que o capellão lhe dera — envelhecido por longo manuseio. Abrira-o uma vez e lera: “Toda a vida de Christo foi cruz e martyrio e tu queres que a tua seja descanso e alegria. Erras, enganas-te se neste mundo buscas outra coisa mais que o soffrer tribulações, porque toda esta vida mortal está cheia de misérias e cercada de cruzes”.

Levantou-se, caminhava inquietado. Uma vaga luz tremia em seu fundo supersticioso.

— Se pudesse rever Alma! Este enigma de mundo!

Abriu de novo o livro em outra página: “A cruz reconciliou o céu com a terra que estavam em lueta. Da árvore da cruz brota o pomo da vida que se perdera no paraizo terrestre; do seu tronco mysterioso rebentam viçosos ramos que penetram no céu”.

Jorge sentia-se, com surpresa, invadido de esperança e perguntou a si mesmo:

— Porque havemos de ter essa credulidade? Porque há em nós, no fundo, qualquer coisa que sempre crê, que sempre espera? Essa

qualquer coisa parece que não é o nosso corpo, é uma scintella íntima que tem vida à parte.

Mas ao consolo trazido pelas reflexões vitalistas, foi-se succedendo mansamente uma grande sombra de tristeza. Se Deus existia, se a scintella que reside em nós não era mortal teria que prestar pesadas contas á Justiça Divina. E foi para o seu quarto, tomado de um mixto extranho de volupia espiritual e de medo.

Uma noite, o esculptor demorara-se na Praça da República, num banco, ao lado de árvores. Mais do que nunca, sentia a tristeza do seu abandono. Alma não vivia mais. O remorso voltava. Elle queria fugir, distrahir-se, mas as recordações agarravam-no pela gola. Porque? Porque não estivera sempre ao seu lado para conter o impeto dos braços malditos de Mauro inesperadamente retornado. Antes o tivesse denunciado. Seria dez vezes melhor. Ella tinha dito também ao médico da Santa Casa que escorregara da escada. E agora não vivia mais! Levantou-se de um salto. Como? Mas como?

Andou. Sentia a loucura chegar. Tinha todos os corredores do cérebro habitados.

Pisou de repente na borda de um canteiro, o trauma physico sacudiu-o. O ar da noite, pessoas que passavam conversando, a sua propria marcha dissolveram-lhe a obsessão embolada na cabeça.

E comprehendeu como havia gente que falava sozinha pelas ruas e gesticulava à-tôa, andando.

Depois do enterro, elle regressara uma vez ao sobrado velho da Rua Scuvero. Milagre tinha ido ver a morta, vestida de Nossa Senhora, no caixão do necroterio.

Elle reviu o scenario inutil do romance extinto, pediu á mulher um jornal, embrulhou cinzeiros, o medalhão de ônix no fio invisivel de platina, um renard antigo, dois aneis. Disse a Milagre, numa generosidade enternecida, que a roupa era para ella. Mandaria buscar os poucos móveis, os tapetes e as cortinas.

Ficou ainda allí, olhando os objectos familiares, o linho desembaraçado das gavetas,

depois levantou-se, fez as contas com a mulher e partiu.

A libidinagem, entretanto, corruscava em meio daquelle derrocamento. Jorge d'Alvellos havia passado dois mezes de castidade. Os seus trinta annos idos, a sua vida sexual regulada na Europa e depois com a aventura que terminara tão mal, não lhe permittiam mais a frequência humilhante dos bordéis ou a caça cynica às migalhas do amor de aventura. Casar-se... Pensava em Mary Beatriz, mas repellia a idéa como se fosse uma injúria à memoria da morta. Voltar para a Europa, desorganizada pela guerra, e num impeto de sátyro, macular corpos innocentes, comprar virgindades nos beccos, seduzir, gozar...

Uma das tardes geladas daquelle começo de Agosto, Carlos Byron apparecera no atelier, a paradoxar elegantemente ~~a proposito das theorias de Freud~~. A libido era tudo: a libido é que fizera o mundo e que o continuava numa retesada volupia. Tudo copulava e, mais, tudo era cópula: sentimentos, religiões, aneddotas...

Nos dias que vieram, de incontida violencia carnal, Jorge desejava espojar-se sobre a

ix  
Bairão

japoneza que lhe trazia o café pela manhã, sobre a vizinha, uma oxígenoada, amante de Bruno de Alfenas, sobre a filha morena da porteira, de onze annos... E fungava, de dentes unidos, o cérebro fechado na obsessão espasmódica:

— A libido é tudo! A libido é tudo!

Vinha-lhe depois uma sensação enojada de miséria física. Tinha sonhos maus e no dia seguinte, dores de cabeça, canções. Aquella situação não podia continuar assim...

Ao pôr a chave na porta enorme de ferro do sobrado da Avenida São João, Jorge d'Alvellos pensou na luta impotente que mantinha contra o sexo. Iria poluir os lençóis em sonhos idiotas. Hesitou. Depois, subiu lentamente até o Largo do Paysandú, com automóveis parados e um ruído de vida alegre, ao lado dos theatros. Tomou por uma rua quieta. A porta de uma casa, estava uma mulher magra, de saias curtas e cabellos de bebé. Elle parou. Atrás, vinha um casal burguez, deixou-o passar. A mulher chamava um cãozinho peludo que insistia em cheirar a sarjeta. Conversou com ella, perguntou-lhe o nome do cão. E tentou entrar. Mas ella olhava-o, séria, num subito receio, e disse com delicadeza:

— Non, monsieur, je suis occupée...

Jorge tinha o chapéu enterrado na cabeça, os membros lassos, o olhar fixo.

— Bien... Au revoir...

Subiu a rua. Voltou ~~im~~mediatamente e foi se deitar.

Milagre viera agora ~~vê~~o no Palácio das Indústrias. Sabia o caminho que Alma lhe indicara uma vez.

Tinha se empregado numa casa de família, morava num quarto do Piques. Trazia alguma coisa de Alma: os sapatos altos, a camisa de bordado fino.

Jorge fitava-a, subitamente despertado. E perguntou-lhe a idade.

— Trinta e um ~~annos~~...

Entabolou uma conversa ôca, procurando interessá-la. De pé, Milagre olhava-o com olhos expertos. ~~Elle~~ levantou-se, foi até a porta que ficara entreaberta, cerrou-a, deu volta à chave, ~~veiu~~ sentar-se no ~~divan~~ e, ao passar por ~~ella~~, ~~reçou~~-lhe no corpo de ~~cavalla~~.

Milagre afastara-se: dava-lhe as costas. Foi olhando as figuras da parede, nús, torsos, estátuas. Parou em frente a um estudo de ~~sá~~tyro que ficara esboçado a ~~crayon~~. Riu-se do membro desmesurado. Jorge ~~ap~~proximou-se. Foi uma vertigem. Apanhara-lhe na ~~bô~~cca o beijo sujo, adstringente, pequeno.

Envolveu-a. Ella tinha os meúdos olhos deslumbrados, as mãos quentes. Veiu trazendo-a sem resistência.

E notou que Milagre tinha as pernas esbeltas de Alma e trazia uma calça de rendas da morta.

Sentia agora em toda a sua hediondez a desgraça moral que o devorava.

Deixara de ir ao Palácio das Indústrias, com medo de rever a mulher que tivera num espasmo subtil e doloroso, nas calças de Alma.

Ficara manhãs inteiras no quarto, a ler, a rodar, a descobrir pela janella o estirão de ladeira, com árvores nos canteiros de grama, entre os asphalartos largos. Automóveis passavam businando; bondes lá em baixo cruzavam-se. E desfilavam mulheres, escolares, prostitutas, mendigos — era o seu drama de grande espectáculo. Havia uma sorveteria em frente, quasi ao lado do Conservatório: um sujeito gordo e sujo bocejava e servia lentamente os freguezes, tirando o trôco de uma bolsa a tiracollo.

Fazia vir o almoço allí mesmo, comia sem os antigos cuidados de limpeza. Quando sahía,

voltava logo. O ambiente de velha estima, decahía. Deixara mesmo de fazer encerrar o soa-lho.

Aquell/a noite, numa obsessão, abysmava-o a aventura com Milagre. No instante do grande aviltamento, em que elle a possuira nas roupas íntimas da morta, alguma coisa gritara-lhe do fundo do sêr: — Não! Não! E elle consumara o acto abjecto.

A ausência de punições sociaes para o crime de Mauro, tornara-o inquieto, deshar-mónico. A sua consciência exigia tribunaes. E tirando do peito a medalha em que Alma lhe deixara o seu antigo riso sério, exclamava exaltadamente:

— Porque não me matas, querida! Mata-me! Ving-te em mim! Eu te daria o coração em pedaços... Mata-me!

Se, ao menos, pudesse adoecer da chaga moral que o invadia todo, morrer disso como

um morfético de sua lepra. Mas não. A Justiça Divina movia-se. O seu castigo seria outro, bem pior.

Enrodilhado numa cadeira, na noite velha, Jorge d'Alvellos pensava na possibilidade de ter engravidado Milagre.

Reunia numa estranha composição a figura de mulher à paisagem trágica de Areias e sentia, numa transposição da própria desventura, sob um vasto céu de queimada, o trabalho invisível das formigas.

Um filho com esse monstrengo que juntava todas as misérias neutras da vida.

Um filho! Ella perseguia-o. Obrigava-o a adoptá-lo, a criá-lo. Seria forte, gordo, idiota. Vaias infinitas vinham-lhe ao ouvido, pertinazes, dilacerantes. Era a vingança triumphal da assassinada: como ella ria no inferno!

Jorge levantou-se. Estava lavado em suor.

— Que idéa! Que idéa!

O plenário dos diabinhos meúdos, com sapatinhos de vidro, reunira-se para julgá-lo. No centro, o juiz de barrete vermelho e tendo uma mancha na toga, apontava-o.

Elle esperava, cheio de <sup>s/</sup>presentimentos. Estava de pé, havia guardas em <sup>â</sup>torno, atrás, na porta. A mancha era uma caveira que guinchava, pondo a <sup>l</sup>língua. Vinha-lhe uma vontade cega de gritar, de dizer desaforos. E o diabinho juiz esticava o pescoço de tripa, perguntava-lhe:

— Quer matar também?

Elle tinha os olhos <sup>s/</sup>seccos, fixos. O diabinho <sup>s/</sup>proseguia, com gestos de convite, fazendo <sup>â</sup>toda uma <sup>m</sup>mímica postiça de discurso.

— Venha, atire-se, de ponta-cabeça. Venha! E' bom...

Estava no chão, estirado num doloroso cansaço <sup>s/</sup>syncopal. Levantou-se. Tinha um inchaço na frente, que batera, no tombo, contra uma quina de móvel.

No entanto, a imagem adorada de Alma vacillara da sua primitiva fixidez.

— A vida é viva! gritara ao <sup>s/</sup>esculptor, num encontro de rua, o impagável Barrinhos, risonho, baixo, nervoso.

E elle repetia no silêncio do atelier:

— A vida é viva...

Cerrou o volume religioso. E ficou allí, no divã, a pensar no pequeno cemitério que guardava na alma, sagrado, inviolável à torrente da vida. A amante morta jazia no fundo subterrâneo do seu sêr, no inacessível fundo — immortal, perenne companheira para as noites de solidão, para as horas amargas. Que importava trahit-la? Era o corpo que trahia, a miséria physiologica, um apodrecimento disfarçado de células, a lutar contra o inexorável caminho que as havia de desagregar em sêbos pestosos e gases e liquefações e pó no escuro de um jazigo.

A scintella eterna restava fiel ao compromisso assumido.

Jorge teve um sorriso illuminado e triste. Voltava-lhe persuasiva, tentante, a suggestão theologica de que o corpo, como a semente, precisa apodrecer na terra para florir e fructificar.

Encontrara-se aquella noite com o músico Torresvedras, sempre mudo, sempre lento, no seu terno grosso e côr de burro, sob um chapêlo preto de artista. E pugera-se andar com elle pelo Triângulo.

Carlos Byron regressara do Rio, onde tinha passado um <sup>airão</sup> mês. Assistira a um baile flutuante, a bordo de um couraçado e descrevera-lhe a festa num impressionismo: os reflexos da <sup>baía</sup> baía haviam feito, de Guanabara, Veneza à noite, vista com vidros de aumento, e os flirts nos canhões, com officiaes ingênuos e fortes pedindo beijos às moças...

E levava-o inutilmente aos cabarets na roda alegre de Mario de Alfenas.

Era outro mundo o de Jorge: o mundo que <sup>presentia</sup> presentia em Torresvedras, guardando <sup>tesouros</sup> tesouros imensos de sonoridade, de realização, correntes de <sup>força</sup> força, de magia, de amor, no silêncio vagaroso do seu passo, — fechado como a Peau-d'âne da fábula naquelle terno ridiculo de casémira felpuda.

Foram andando e toparam de repente no Viaducto com a figura desengonçada e viva, buliçosa e espiritual do pintor Lino de Albuquerque, chegado de Paris. Era um menino quasi, nos seus vinte annos ágeis e sonhadores. Abraçou-os expansivo, dizendo logo:

— Vou morar aquí. São Paulo é estupendo! <sup>Hontem</sup> Hontem, depois do baile no Automóvel Club, era pura Londres. Só cartolas e o fogg... Sabem, chegou minha pequena do Rio, a Lolote...

Naquelle tumulto confiante, Jorge d'Al-

vellos reviu-se aos vinte annos na primeira investida da vida, em Roma.

Lino contava o desembarque da mulher, por engano, na estação do Braz e depois fez, num arremesso de gestos:

— Estou contente. São Paulo é estupendo. Amanhã, installo a Lolote. Vou fazer um album intitulado “Nos bordéis da America”... estudar os Anjos da Terra, vocês conhecem essas senhoras que posam Murillo nas rotulas...

Partiu num alvoroço de risos. Ia à Rotisserie visitar uma familia.

Os dois sorriam andando, empolgados por aquella effusão dyonisiaca, solidarios com o artista criança que tambem tinham sido. Mas Jorge entristeceu-se dizendo:

— Como a vida canta em ti! Como a vida ha-de chorar dentro de ti!

Foram a um circo na Barra Funda, com fanfarras, palhaços, trapézios, pantomimas. Voltaram a pé. Uma mulher alta e flexuosa passou, seguiram-na. Depois deixaram-na. Tinham chegado ao Viaducto central. Jorge veio acompanhando o amigo. No parapeito da ponte, sobre o Anhangabahú, havia ajuntamentos escuros. Para os lados da Luz, uma fogueira elevava-se sobre as casas no céu ardente. Carros de bombeiros tilintaram na distancia.

Jorge despediu-se e desceu para o quarto, murmurando:

— A vida... um circo, uma mulher, um incêndio...

Compuzera o pannejamento ligeiro da estátua de Alma, a recobrir-lhe a descarnada nudez. E passara-a para o gesso, com outro formador, italiano longo e triste.

IX Ia desnudá-la num domingo. Carlos Byron promettera levar para ver o trabalho um crítico de arte, collaborador e correspondente de jornaes. *Barras*

A estátua, enovellada num bloco informe, fôra transportada para um pavimento isolado do Palácio que abria dois quadros de janelas largas sôbre a cidade. De um lado, via-se o Cambucy, panorâmico, extenso, com a sua capellinha de Lourdes em alta miniatura, sob o céu sereno, do outro, era a elevação do casario do centro, onde as torres de pedra da Abbadia de São Bento subiam direitas, no ar lúcido. Os dois trechos recortavam a nítida manhã, emoldurando-a nas janelas.

E, numa alegria innocente, o esculptor trabalhava.

Num veston de vellido, trazido de Roma, pendurando-se à escada aberta, adecantava o escalpellamento. Tinha retirado uma grande parte da fôrma — e o dorso velado da figura saltava já, branco, numa grande harmonia presentida.

Jorge d'Alvellos continuava, integrado pela primeira vez depois de desastre, na alegria de crêar. O formão, dirigido pela mão leve e certeira, revelava detalhes, compunha trechos de movimento, tirava pedaços de vida sepultada na massa. Às vezes, o esculptor parava para arrancar as ligações de ferro que cingiam todo o bloco, e partes inteiras da fôrma, agora inútil, desmoronavam aos pés da estátua. Descobriria quasi tôda a figura e ener-vava-se em cima, num carinho, atacando de frente o rosto, numa ânçia de tirá-lo daquela suffocação inerte. Forçava cautelosamente o formão até attingir o trecho colorido em rosa, anunciando a presença immediata dos relevos.

E a estátua sahiu do soterramento, moveu-se, livre, morta...

O artista descido contemplava-a. Quanto a grêda, o bronze e o mármore eram a vida espectaculosa das formas, o gesso era a morte empedrada. Alma estava allí, branca, de pé, cinérea, sepulchral, num passo curto, de

braços infinitos. O rosto ria um riso de outra vida, perturbador, gelado.

*Bairão*  
Mas ouviram-se vozes. O esculptor foi à porta. Subiam pela escada provisória Carlos Byron e um senhor petulante num fraque preto. Trazia óculos e fumava. Carlos apresentou-o: era o crítico.

Haviam-se calado deante da escultura. Jorge perscrutava-os. No amigo elegante, bello, desenvolto, percebeu logo uma sympathia radiosa pela obra; mas o jornalista emperrara num exame attento, descoroçoador. Disse afinal com significativo desprezo:

— Isso é futurismo...

Jorge teve uma angustiada surpresa. Depois, tentou explicar. Era moderno, quizera pôr a sua nota pessoal. Auxiliado pelos recursos de cultura de Carlos Byron, defendia a estátua.

*Byron*  
O crítico continuava insensível à suggestão emocional. Jorge então abateu-se num grave mutismo colérico.

Despediram-se. *Bairão*  
À porta, Carlos Byron disse que o viria buscar para um passeio a Santos.

Estava de novo só.

Até a arte lhe negavam! Conseguira até agora vender somente aos amigos. Com isso se mantivera. Uma tristeza cortante possuiu-o. Sentou-se, olhando para Alma rediviva no sudário de gesso.

Como todo artista, acalentava a confiança ingénua do seu valor. Consentira effusivo naquella visita. O espirito do poeta precisa de espectadores, mesmo que sejam búfalos, dissera Frederico Nietsche.

Uma manhã, em Roma, fazendo uma grande estátua da Dôr, no acabar festivo das mãos de grêda, sentiu uma imperiosa necessidade de apothéose para a obra terminada. A casa toda dormia: era um domingo. Saiu até a porta da rua. Um lixeiro varria as pedras. Chamou-o, fez-o subir, respeitoso, pensando que era para retirar immundicies do interior. E o artista perguntou ao homem que pensava da estátua.

— A me, mi pare bene, signorino. Cosa rappresenta?

—Il Dolore.

— E' vero. Per questo ha le mane cosi...  
Sembra dolorata, sembra dolorata...

O lixeiro entendera, o crítico não.

— Oh! „war ich nie geboren!“, murmurou Jorge d'Alvellos.

Era a phrase de Fausto. Sim, antes não tivesse nascido. Veiu-lhe como que um resen-<sup>s</sup>timento tardio de sua pouca fortuna. Outros haviam sempre tido casas, repousos entre ár-vores, conforto, familia... Elle, que tinha sido até agora? Um "va-nu-pied! As encomen-<sup>arrão</sup>das que tinha davam-lhe apenas para viver. Precisara emprestar dinheiro a Carlos Byron para pagar/s despezas occasionadas pela mor-<sup>te</sup> de Alma. E negavam-lhe mesmo a arte!

Uma revolta fez estuar-lhe o sangue. Levantou-se, atirou uma martellada mortal ao elevado centro da estátua branca. Os braços caíram como azas.

Tinha terminado a devastação. Permane-<sup>ra</sup>cerá no sócco, pondo para fóra esbeijamen-<sup>tos</sup> de estópa côm de ossos na junção alva dos joelhos, a parte movimentada das pernas, as pernas altas, de Alma.

O artista ficou offegante. Sentia o rosto molhado, a bôcca repuxada de lagrimas. E ante a belleza que ficara naquellas linhas em ruina, teve o impeto de cair de joelhos e supplicar a misericórdia collectiva para a obra-prima mutilada.

Jorge fizera uma desabalada corrida com sentinella à vista e resolvera parar, entregar-se.

Tinha a consciencia fatalizada dos condemnados irremissiveis e monologava na sombra: Entretanto, tua vida poderia ser boa. Tu a estragaste com uma pertinacia de doido, ella, a filha unica! Vê como ficou tudo em cinza... Escuta os baques de desatêrro que estrondam dentro da alma! São os últimos amparos do teu destino...

Recomeçara a trabalhar, num ódio súbito contra a cidade que parecia negat-o, insensível, quando não hostil pela estupidez dos seus criticos. Planejara um immenso relêvo, grande como as "Portas do Inferno" de Rodin, de que o Penseur era um simples detalhe. Faria "O Limbo" — um quadro gigantesco de aspirações contrariadas, de desejos inviáveis, de cóleras mortas no nascedouro, abortos de pensamento, de vida, de acção, de poesia.

Desenhara, no chão do atelier, o esboço marcando os grupos, as attitudes, as figuras.

Ia armar os primeiros elementos da maquette, mas ergueu-se numa súbita perturba-

ção. Foi lavar as mãos grudadas de greda a um dos baldes de água do canto. E pensou de novo no deserto em que o deixara a terrível aventura. A ausência da companheira accentuava-se com o tempo, trazia-lhe tristezas de horas inteiras, acabrunhamentos indizíveis, mortaes.

— E' impossível! E' impossível!

Entretanto o atelier compuçera-se de novo, com a imprevista chegada a Santos de dois grupos monumentaes e um Retrato de Antepassado -- talhado sobre um medalhão em plenos de ferro. Eram trabalhos de Roma, que elle encarregara um amigo de mandar. A demora da vinda fizera-o esquecer-<sup>os</sup>.

Naquella manhã, Lino de Albuquerque que entrara num tumulto, extasiava-se ao lado de Torresvedras. O primeiro grupo era uma "Vingança de Fauno", alta, construída em attitudes claras, lembrando a terra pre-homérica. O outro impressionava. O artista chamara-o "Descida". Era uma suggestão de scena santa — Christo desmantelando-se, de cabeça pendida, enorme, o pescoço esticado, a bocca aberta e horrenda, os olhos apenas de

uma serenidade amortecida. O grupo construía-se num grave rigor architectónico, unindo Virgem e cathecúmenos, carne na carne, ao Deus morto que amparavam.

— Maravilha! gritava Lino de Albuquerque — maravilha! Quando digo que São Paulo é estupendo! Ora vejam se um pernambucano podia fazer isto, entender isto!

Olhava rindo para Carlos Byron que tinha a família originária de Pernambuco.

Palrador, incontido na sua effusão de vinte annos.

— E' um delinquente! E' mais que génio!

E contou reminiscências de viagens, fez phrases, anedotas.

Carlos Byron agora insistia na ida de Jorge a Santos, com o grupo, afim de festejarem Torresvedras, que obtivera pensão do governo, para estudar música em Paris.

— Elle dará um formidável concêrto na Ilha Verde, onde o Claro tem casa.

Jorge accedeu com sympathia por Torresvedras. Este chegara-se a elle, interessado:

— Você está triste, homem!

— Esta vida anda durando muito... respondeu o esculptor, estirando os braços nervosos.

Os outros protestaram. Lino de Albuquerque exclamava:

Bairão

Bairão

— A vida é boa. Eu estico a minha como uma bala puxa-puxa. Outro dia, a Lolôte quiz assassinar-me com uma pua desconhecida no faqueiro da família. Fiz escândalo. Chamei o gendarme. Foi presa, naquella ambulância de presos.

Jorge apromptou-se e deixou o Palácio com os outros.

Hypocondríaco, quebrado de dôres absurdas, o esculptor sahiu à-tôa pelas ruas. Não iria ao atelier aquella tarde. Sentia-se fraco, indisposto. Lembrou-se de que o director da Revista do Brasil mandara-lhe pedir por Carlos Byron photographias de trabalhos seus e notas biographicas. Subiria até lá, a ver o que desejavam fazer por elle.

Chegara ao Theatro Boa Vista, ia subir ao andar superior. Um homm estava parado na calçada: era elle, o desconhecido, na sua imperturbável mocidade. Tinha um feltro claro, o collarinho alto, um water-proof elegantemente enrolado no braço.

Invadiu Jorge uma vaga vontade de destruí-lo, estava armado...

Depois, como estacasse, teve medo de ser percebido pelo outro. Escondeu-se à entrada

do theatro, com cartazes na porta. E ficou allí, olhando para o homem, como para qualquer coisa de enorme na sua vida, qualquer prodígio funesto e invencível, contra o qual nem pudera lutar. Era como um raio, um castigo supremo, uma força obscura da natureza ou do destino.

Na sua análise angustiada, o esculptor percebeu que elle era bello.

Teve uma vontade enorme de fazer parar os transeúntes, apontá-los, discutí-los, indagar se os outros achavam nelle alguma coisa de sobrenatural que lhe dêsse o direito de amontoar ruínas assim.

O homem despegou as pernas balouçantes, finas, na calça cinza; andou indifferente, dobrou a esquina da Rua do Rosário.

Jorge seguiu pensando como encontraria o outro, o assassino, Mauro Glade.

Na garça vermelha, acesas em focos irregulares, nos bicos de luz dos combustores, o artista caminhava.

Trabalhara o dia todo, sahindo apenas uma vez para comer num hotel das vizinhanças da Estação do Braz

Desde a tragédia máxima de sua vida, não tivera um dia de tão grave labuta material. Haviam-no forçado a mudar de sala, por causa da exposição annual no Palácio.

Começara cedo o trabalho brutal da transposição das estátuas e dos cavalletes para o pavilhão superior, o mesmo onde destruíra a estátua de Alma.

Interrompera tudo com o cair funerário da noite sobre a Várzea. E no crepe gelado daquelle bastidor de inverno extemporâneo, fôra olhar, do alto torreão, as luzes encarvoadas dos bairros interminos e, por cima, o paredão encasado do centro, com mil janellas baças.

Permanecera em repouso no divã do atelier improvisado até mais de dez horas. Saíra com frio no agasalho fraco do seu velho capote de Roma.

Não encontrou ninguém na Várzea. Mas subindo, no desconforto do cenário pobre de casas baixas de uma ladeira, passou por elle, soluçando alto num lenço, um vulto magro, de casquette. Parecia um vagabundo adolescente de estampa.

Jorge parou, voltou-se interessado, vendo-o abrandar os passos.

Era um pequeno de grandes olhos e rosto moreno. Tinha um braço em tipóia, duro e enrolado. Obstinava-se no choro falso que começara:

— O soldado não quer que eu peça esmola... Disse que me prende...

No claro, Jorge percebeu-lhe a <sup>bo</sup>cca polpuda e vermelha de mulher, recortada <sup>s</sup>obre dentes alvos e grandes, os olhos pestanudos e canalhas:

— E esse braço?

— Foi meu paê que me deu uma paulada. Eu caí... Estive na Santa-Casa.

— Venha commigo.

O rapazola de casquette e o artista subiram. Um grupo de homens encontrou-os e todos os olhos se fixaram no adolescente imundo. Jorge sentia, inilludível, crescente, victoriosa dentro d'elle, uma presciência de diabólica ventura. Trancara tódas as portas do cérebro aos raciocínios. E caminhava ao lado do mendigo como se levasse para o primeiro encontro uma mulher amada.

Na Rua do Carmo, um typo de barriga e bigodes, num sobretudo castanho, fitou-os num espanto cynico.

Jorge affroxou a marcha. Veiu-lhe um absurdo terror de se ver denunciado do acto que meditava. Passos reçoavam atrás d'elle. O homem de barriga e bigodes, no sobretudo, passou, olhou numa verificação cheia de desaforos. Acreditara talvez ser uma mulher desfarçada o maltrapilho lindo sob a casquette. Parou entre árvores, à entrada do Largo da

Sé, por onde elles iam, para ver novamente. Jorge adivinhou-lhe todos os pensamentos. E a sua volúpia cresceu.

Atravessaram o Triângulo distanciados.

O homem partira. Estavam em frente ao Conservatório. Jorge abriu a porta pesada. E sem dizer palavra o vagabundo entrou.

Amanhecia.

Fêz-o calçar velhos sapatos, trazidos da Europa. Elle embrulhou os outros, amarellos, de elasticos, escarnados nas pontas. E partiu.

O escultor deitou-se pensando em começar bem cedo, na manhã gelada do novo atelier, a estatua monumental do seu "Santo Sátyro" que projectara uma vez em Roma, nos bons tempos idos. Depois... o vagabundo voltaria, seria o seu modelo. Elle abrandar-lheia a carne áspera, lavá-o-ia, fêz-o-ia seu...

Na noite seguinte, mordido de remorsos inúteis, Jorge deixou o Palácio mais cedo, para não encontrar o mendigo cínico.

E elle lá estava na ladeira, agora cortada de transeúntes, sentado a uma soleira de porta confusa. Vendera de certo os sapatos do esculptor, pois tinha encarrapachados sobre a lama da calçada, os mesmos pés amarellos e rasgados da vespera. Baixou repentinamente a cabeça aos joelhos unidos, escondendo, sob o escudo da casquette, o rosto lindo e o braço partido.

\* Jorge d'Alvellos sentara-se ao fundo da barca trepidante que conduzia os convidados para a Ilha Verde, na noite rumorosa de estrellas.

Claro Dutra ficara em terra para levar as mulheres em outra lancha. E além d'elle e dos homens do motor, iam naquella embarcação, Carlos Byron, Torresvedras, Lino de Albuquerque e Bruno de Alfenas.

A praia, em círculo de areia, despejava lâminas de claridade sobre o mar encrespado.

Havia milhares de estrellas, algumas enormes, ardentes, irregulares.

Os rapazes riam, cantavam. Apenas Jorge d'Alvellos olhava num humor negro a phos-

phorescência das águas molles que iam recordando.

A costa esquivava-se ao longe com massas de árvores.

E até o silencioso Torresvedras se deixara empolgar pela magia da noite scênica. Na sua voz de barytono, lamuriosa, cantante, trauteava uma canção do Brasil que computera. Cessou. Houve um tumulto de risos. Bruno tinha feito uma partida a Lino de Albuquerque, que protestava. Este agora lançara com a voz anasalada, saudosa, uma cantiga gaúcha.

Para Jorge d'Alvellos, humilhado, recurvo, amarfanhado no seu canto, tudo amargava. Olhou o amplo céu e viu uma estrela vacillar, cair sobre as águas. Tinha uma alma de losna: todas as fontes da vida estavam envenenadas para elle.

Sobre o mar, a voz de Lino cantava.

O carnaval chegara com guinchos, pandemonios, de cornetas e bombos.

Pelas ruas, começavam os atravancamentos de vehiculos adornados, anormaes, a impor a festa que o calendário marcava.

No domingo, Jorge sahíu ao léo, de capa sob o braço, receando a chuva que o céu indeciso annunciava. Desceu ao Palácio das Indústrias, encontrando pelo caminho sujeitos pingados de alvaiade, com narizes postiços, flores herrantes de papel na botoeira, e sérios, casmurros, fechados, num andar de quem não admitte brincadeiras.

Era o Carnaval de São Paulo.

Por toda a cidade, havia de pairar qualquer coisa de heróico, de solemne. Os préstitos sahiam como procissões, com devotos a seguir os carros, numa convicção tenebrosa, segurando fios coloridos de serpentinas como fitas bentas de andores.

Isso fizera Alma dizer-lhe no anno anterior:

— O Carnaval aquí é sério, quem rir vaé preso...

O esculptor teve os olhos obscurecidos de água e seguiu.

Deixara momentaneamente todo trabalho. No atelier apenas se comprazia em ver, completar, affirmar a maquette iniciada do relevo. Subiu as escadas, fechou-se.

Lá fóra, na rua chuvosa e festiva, passavam às vezes sons idiotas de cornetas.

Na noite caída, veio pela Várzea com bondes illuminados e gente aos grupos. Pierrots lamentosos passavam. Um sujeito de barbas postiças mostrou-lhe uma enorme bengala de papelão da plataforma de um bonde. Um apache sem máscara deu um pincho desgracioso para o lado d'elle e accendeu-lhe uma luz no rosto. Um menino com a cara suja de rolha estendeu-lhe na mão três serpentinas utilizadas e pediu-lhe um tostão.

A população na Ladeira João Alfredo adensava-se. O artista desviou-se do Triângulo: entrou para comer alguma coisa num restaurante do Largo do Palácio. Serviram-lhe demoradamente um menu brasileiro. Pedira o melhor vinho da casa: trouxeram-lhe uma garrafa de Bordeaux. Deshabitudo pela longa abstinência, achou azédo o vinho no primeiro gole; depois com a comida secca, foi mudando de paladar; e agora, num subito conforto physico, olhava a vida.

A sala do restaurante estava quasi deserta. Garçons portuguezes de bigodeiras passavam, serviam. Elle notara, installado a uma mesa da entrada, um homem conversando com um dominó amarello. Tinham acabado de jantar e o dominó baixara a máscara. E parecia-lhe que o não perdia de vista. Devia ser um homem alto. Se fosse Mauro Glade?

Jorge, logo depois da morte de Alma, pen-

sara na possibilidade de um encontro funesto com o assassino. Mas a hypóthese perdera-se com a normalidade quotidiana da vida do esculptor.

O mascarado olhava-o sempre. Seria o bandido? O bandido...

Jorge d'Alvellos constatou que tinha no bolso da calça o pequeno revolver Browning, trazido da Bélgica. Sete balas!

O dominó pediu licor; bebeu suspendendo cautelosamente a máscara. Não era. O companheiro pagou, saíram.

Jorge ficara só, na sala, onde as mesas vazias punham a sua nota de toalhas brancas. Pelo chão, havia confetti, destroços de serpentinas. Lá fóra, o carnaval rodava.

Viu a nota, liquidou-a e foi também para a rua.

Esquecera-se de tomar um licor. A língua guardava um travo do vinho que o café ralo, servido numa grande xícara, não apagara. Estava no tumulto da Rua 15 de Novembro. As carruagens, regressadas do corso, succediam-se de vagar, parando, indo em cortejo, no estreito corredor que a multidão acotovelada lhes deixava.

Um mascarado ruivo, gingando, interpe-  
lou Jorge:

— Você me conhece, palheta!

E o esculptor incorporado insensivelmente ao batuque colectivo, na mesma marcha automática de cem mil pessoas andando, na zanzarra desencontrada, informe e constante, foi pensando.

Automóveis de luxúria e carros altos, inflamados, paravam na glória das luzes e das trompas. Mulheres encarapetavam-se aos grupos, revelando pernas elegantes, a dizer, a contar que, naquella hora, um toldo de taxi valia um throno e um loup divinisava.

E corpos juvenis esmagavam-se docemente contra Jorge d'Alvellos, no apêrto geral e risonho. Esbarravam na suas, mãos suadas de moças, braços suados; sob as saias, iam pernas suadas tropeçando...

Continuou aos esfregamentos, às atracadelas. E foi envolvendo-o, persuasiva como uma revelação, a volúpia premeditada e conseguida que ia alli, nos carros sensuaes, com nũs quas despídos, nádegas curvas, aberturas desenvoltas de pernas. O mesmo fremito passava nas bocças rubras, nos seios entrevistos por inteiro, no cheiro adivinhado das axillas. Carroções uniformizados atravancavam a arteria urbana. Delles sahiã cantos de vozes femininas. E Jorge só viu pares unidos, enlaçados, promessas de beijos e contactos.

Encontrou uma confeitaria ruidosa, entrou.

E enquanto esperava o garçon a uma mesa do fundo, um pierrot côr de ouro, palaciano, com oito voltas de tule negro ao pescoço e ~~pon~~ pons fartos nos punhos, ~~veiu~~ para o seu lado, flexuoso, sorrindo com dentes alvos pela ~~bo~~cca vermelha. Dois olhos interessados olharam-no pelas aberturas do loup. Seguiam-no um outro pierrot sem máscara, baixo, desengonçado, côr de rapadura na barba mal feita, e um rapaz inexpressivo e loiro. Sentaram-se ~~all~~i, a outra mesa. Mas o pierrot côr de ouro gritou-lhe:

— Boa noite! Está triste?

E numa ~~off~~ensiva risonha, convidativa, levantou-se e perfumou-o longamente com o jorro frio de ~~ether~~. ~~Elle~~ defendeu-se; depois, como ~~ella~~ persistia, correu, ~~sahiu~~ tocado de esperança. Comprou ~~ade~~ante um lança-perfume. Ia voltar. O pierrot ~~sahiu~~ sozinho para comprar também. Num tumulto íntimo, Jorge atirou-se, conteve-a. ~~El~~la reconheceu-o e ficaram ~~all~~i um minuto, na multidão ululante, longe da vida, num pleno e recolhido ~~leth~~argo de perfumes trocados, persuasivos.

— Queres vir ~~com~~migo, pierrot de ouro?

Procuravam-na os dois homens deixados no bar.

Jorge insistiu:

— Vem!

E ella murmurou, numa risonha promessa:

— Depois...

Elle ia segui-la, vingar-se de todas as tristezas da terra, ter aquella bocca, aquelle corpo flexuoso, que lhe lembrava os modelos de outrora...

Ella atravessara correndo acompanhada de um bando novo de máscaras. A multidão tumultuava. Jorge quiz passar. Mas, no turbilhão de um prestito, com a alta voz dos clarins, o incendio phantástico dos fochos, as patas dos cavallos, viu-se contido, agarrado, preso ao carnaval monstruoso dos outros.

Em pijama, no leito de bronze fosco do seu quarto, deixara escoar-se lá fóra, a longa festa nocturna de segunda-feira. Não pretendia sahir. Para que? O pierrot côr de ouro? Passara, como tudo que promette, que faz de-sejar, entrever.

Quem não teve um pierrot côr de ouro na vida?

De fóra, da rua asphaltada e larga, vinha um cascadear continuo de vehiculos rodando, arfar de motores, gritos, cornetas.

32

O músico Torresvedras viera na tarde fina e limpa surprehendê-lo no atelier. E sahiram juntos, atraídos pelo imprevisto das coisas, na direcção do Triângulo.

Jantaram num desvão do centro, na descoberta interessada de um restaurante que lembrava ao escultor casas de pasto de Roma.

Seriam oito horas quando penetraram no redobrado tumulto da terça-feira gorda.

Automóveis e vehiculos voltavam mais cedo da Avenida para a celebração dos prêstitos nas ruas centraes. E enrolavam a cidade num desfile immenso, garboso e lento.

Os dois artistas caminhavam na busca innocente do maravilhoso que passava nos carros, com toilettes estranhas, evocativas de sonho, restauradoras de épocas e paizes.

Chegaram ao Largo de São Bento. Tomaram pela grande abertura asphaltada da Rua Libero Badaró.

O curso estendia-se, parado numa súbita syncope; e elles divisaram até em baixo, longa, intermina, dobrando esquinas, fazendo voltas inteiras de quarteirões, atravancando os viaductos, a linha desmesurada de allego-

rias rolantes. Pernas enluvadas saíam de saias curtas de setim; sobre capotas altas, Colombinas de gaze fechavam, num recorte, o encôsto dos torpedos arfantes; bouquets de pierrots e pierrettes ornavam pontas de taxis.

E os dois amigos seguiram, bebendo pelos olhos a successão de carros, automóveis, caminhões, que faziam a exhibição processional, sem máscara, da urbe cosmopolita e millionária.

Subiram. As vias públicas estavam tomadas pelo glorioso desfile: era toda uma collecção victoriosa e interminada de seleccionados na forte vida da América, que se mostrava assim no deshabillé da noite tropical. Os moços cultivados no esporte, atilados no commercio; as moças lindas, esbeltas, com os olhos avivados, as faces pallidas, as bocas carnosas, offerecendo risos, revelavam a mocidade apurada em um século de investida migratória por populações heterogêneas, vindas bater allí, num grande sonho, de todas as partes do globo.

A's vezes, a suburra passava, a pé, bamboleando em músicas nacionaes, o fundo perdido das seducções creoulas de umbigadas e contactos.

As moças, de cima dos carros, olhavam imperturbáveis, apparentando ignorar o convite lascivo dos maxixes espasmódicos. As

suas mães tinham sido possuídas no rendez-vous dos cafezaes, alinhados e verdes. na sombra das officinas, na agglomeração dos cortiços cidadãos, no alarido das terceiras classes de paquetes, em travessias atlânticas...

Elas também saberiam entregar-se, bellos animaes, impassiveis, á espera do macho que viria. Presentindo em cada homem rapado e ágil, um irmão de destino e de passado transcontinental, ellas promettiam nos olhos intelligentes, nos sorrisos alvos, nos contactos de carnes sólidas, pernas elásticas, seios duros, pelles de sêda, fazer a fecundação victoriosa do futuro, num aperfeiçoamento de raça eleita.

O Brasil velho também passava — eram máscaras avulsos, encalistrados nos trajes de roça, ponches melancólicos côr de fumo, chapêlões tristes de palhinha... Eram no paiz flagellado, ronzeiro e bisonho, representantes desmoralizados duma tentativa pungida de esthetica e duma suggestão vaiada de nacionalidade. Acoitavam-se num e outro cavallo feio, á sombra dos grandes caminhões ou perdiam-se na indifferença accentuada da multidão que rodava. A s vezes, juntavam-se em caravanas lyricas, animando-se então na marcha e arrastando empóz rebotalhos de raças vencidas, de povos que desappareciam — e lá iam esmoendo uma demonstração de mu-

sica primitiva e ululante; ou caminhavam nostalgicos, de passo malandro e sentimental; recompondo serenatas inúteis de antigo interior.

Menina, se eu te pedisse  
Um beijinho só de amô...

Jorge pensava dando expansão ao seu instinto de charge:

— Foram os treponemas civilizados de Wilde que escreveram as melhores réplicas de Salomé. Nestes versinhos collaboraram de certo o anquilostomo e o baratão barbeiro.

O desfile continuava com chapéus de mago, sacerdotisas, rainhas, Vinicius bellos e togados como no "Quo Vadis" dos theatros.

Passava de novo a suburra gingando.

E ficava em redor do préstito suave, o povo contente e accomodado, limpo, capaz, amanhã, de trepar tambem aos toldos feéricos com tunicas e dominós.

Jorge d'Alvellos mergulhou os pés numa poça de lama. Houve risos em torno. Um trecho do passeio havia-se quebrado naquelle ponto e tinham-no conduzido para alli, num *attrape-nigaud* idiota de carnaval. O artista procurou Torresvedras: elle havia desaparecido na multidão.

Jorge d'Alvellos sentiu-se subitamente contrariado. Acolheu-se numa grande timidez

por ter ficado só, a um canto de esquina. Per-  
to d'elle, marmanjos brincavam. Reuniam do  
chão maços fofos de serpentinas e jogavam-  
nos uns nos outros. Um guarda magro, de cara  
angulosa, sob o capacete londrino, investiu. E  
como um dos foliões escapasse por traz de  
Jorge, o soldado tomando o esculptor pelo mo-  
leque, reprehendeu-o, rude, ameaçou-o de pri-  
são.

Ao lado, um homem murmurou um não  
foi elle tímido, vendo o esculptor calar-se.  
Jorge tinha perdido toda a serenidade bem  
humorada. Num súbito suor, vira grades de  
xadrez.

Foi aos encontrões, certo de que não acha-  
ria mais Torresvedras, certo de que se despe-  
jariam de novo sobre elle cornucópias de hu-  
milhações, de revezes, de maus tratos.

Parara na Rua Direita. Os Bandeirantes  
de Momo vinham pelo Viaducto. Longe ainda,  
as cornetas annunciavam o préstito.

Jorge ficou num aperto de gente. Ia vê-lo,  
o desconhecido, o homem que lhe aniquilara  
a existencia, sorrindo e gingando. Era elle de  
certo quem dirigia o préstito, como dirigira a  
sua vida com Alma, ás trombetadas.

Num clarão de fachos, entreviam-se na distância confusas allegorias. O povo coalhava-se nas calçadas: familias defendendo creanças, mulatas gordas contendo negrinhos espevitados. Por detraz do esculptor, um sujeito alto, de fraque, nariz grande e pince-nez tinha um jornal aberto na mão e lia para duas filhas, altas tambem, com paletots vermelhos de malha.

— “O Carnaval. Estupendo carro-chefe. Carro que ostenta, no meio de magnífica projecção de luzes e de radiante aureola luminosa, o symbolo da folia, do gozo esfuziante, da inebriante loucura carnavalesca”.

Calara-se satisfeito. Jorge pensou que devia ser um funcionario publico, annexo a qualquer departamento informativo.

Os clarins haviam cessado. Agora, chegavam até alli, sons rachados de um maxixe de banda, sinuoso, repinicado, com uma zoadá meúda de pratos, de caracaxás e de bombos. Approximava-se o préstito mais e mais. Parou. Distinguia-se já a commissão de frente, toda de branco sobre cavallos brancos. A musica requebrou num subito frenesi de trombones rebolantes como ancas — e cessou. Da multidão, das janellas entrelaçadas de fios coloridos que se partiam ao vento, gritavam:

— Bis! Bis!

Jorge disse consigo: — As grandes coisas não se bisam.

O préstito continuava a sua marcha pomposa. O esculptor fôra fortemente empurrado para trás, por um magote de pessoas que tomavam o passeio de assalto. Numa ância, empurrou, varou com os hombros. Havia de vê-lo...

E sorridentes, discretos como o outro, barbeados como o outro, bellos como o outro, tirando o chapéu, num meneio gentil, os directores da carnavalada passaram. Elle não estava. Antes, estava: desdobrara-se, multiplicara-se em seis, em dez, em doze cusparadas serenas sobre a pobre honra posthuma de Jorge.

Vieram os músicos, enrolados de instrumentos, com cabeças monstruosas de papelão jogadas às costas, montando burros ordeiros, burros capazes de pedir perdão para passar...

De novo, numa syncope, o cortejo parára. Accendiam-se fachos estridentes em torno do primeiro carro: tomando o horizonte, num enleamento de cores, dragões mantinham até o alto corpos de bacchantes. Bem em frente a Jorge, os clarins impacientes esperavam. Eram nove figuras trajando de arautos, mulatos sem dentes, italianos gorduchos — a escória pialarmonica da cidade. Ouviu-se um apito e pa-

rados ainda os três da frente, num movimento  
egual, puzeram as trombetas à bocca.

As cornetas cantavam metálicas, mar-  
ciaes.

Agora, os seis outros empunhavam os ins-  
trumentos curtos, direitos, para cima: e de  
novo, um sopro sonoro inundou de epopéa o  
quadro rumoroso e extático. Naquella dezena  
de notas, cortantes e claras, passavam evoca-  
ções de batalha. Os cavallos tinham olhos tris-  
tes, olhos supplicantes, como se num fundo de  
ancestralidade nervosa temessem o mortifero  
fragor das cargas heróicas.

E rolando por entre gritos e êxtases, en-  
trelaçados de serpentinas, coloridos de luzes  
maravilhosas, conduzindo nūs morféticos de  
papelão e nūs de carne, os carros desfilaram.

**Espezinhado mas immortal!**

Numa última offensiva de optimismo, o  
seu optimismo secular, amazonico, invencível,  
Jorge d'Alvellos entrou numa casa de máscaras  
para alugar uma phantasia.

— Agora, vamos ver a Santa Casa. Foi o último caminho que ella fez, o último passeio.

O pierrot preto que tinha a cabeça côr de luar, pulando de um tufo rubro de gaze e rodellas vermelhas de botões, parou.

— Não vou. E' o cúmulo da tortura!

— Tens medo de soffrer?

— Tenho.

Deixara roupa na casa de phantasias. Trazia apenas consigo o medalhão com o retrato de Alma, o seu pouco dinheiro, um lenço e o revólver Browning.

Continuava a andar pelo Viaducto de Santa Ephigenia, rumorejante ainda de povo, com pyramides rolantes, cá e lá. Espiou para a festa de luzes que estrugia no Casino Antártica. E o incubo lhe disse:

— Se te atirasses, cahias de ponta-cabeça lá em baixo.

Era um companheiro íntimo que o tomara pelo hombro: sabia os seus mais dissimulados segredos, era vago, subtil e tinha a mania de convencê-lo.

— Não vaés ao Cemitério há muito tempo...

Era longe e triste o Araçá: entretanto, elle obedeceu à suggestão. Estava em frente ao jardim estranho da Memória. Entre arvores antigas, num arranjo colonial, uma

escadaria erguia-se em voltas até o obelisco secular.

— Uma vez, paraste ahí, com ella, vendo...

O pierrot preto desviou o olhar. Pelo centro, incendiando as mais altas fachadas, de vermelho, de verde, os préstitos iam ainda. Chegava até elle o canto das cornetas heróicas.

Voltou. Andou em tropelias, em súbitas quietudes. Foi por travessas desertas tropeçando.

E de repente viu que tinha sido conduzido à Rua da Boa Morte. No silêncio, havia lampeões espaçados de enterro e, lá em baixo, no Braz, um fervilhamento parado de luzes.

Defrontava a casa baixa. A sala tinha ficado aberta e escura. Uma mulher elegante, moça, de chapéu, chegou à janella... O pierrot preto voltou, de hombros cahidos, a cabeça côr de luar para a frente.

E o incubo lhe disse outra vez:

— Agora, vamos ver a Santa Casa...

Havia horas já que elle seguia o rastro invisível de Alma, pelas ruas onde ella anda-

va, pelas casas de armarinho, fechadas em cobertas ondeadas de ferro, pelas confeitarias onde se haviam sentado juntos.

Ia agora rever o caminho amado da Rua Scuvero. Mas um homem e um dominó fizeram-no parar. O homem dizia-lhe:

— Senhor esculptor, como vaê? Então...

Jorge reconheceu o crítico que o fizera destruir a estátua de Alma e lamuriou um bom dia sem sentido.

— Está se divertindo também? continuou o outro. Imagine que massada! E' proibido entrar nos bailes com máscara, depois de meia-noite e eu não posso desvendar este mysterio...

O dominó que recobria um corpo de mulher, permanecia direito, inteiriço. O crítico despediu-se. Jorge dizia-lhe num lamentoso sorriso:

— Sinto muito... Sinto muito...

E pôz-se de novo a caminhar.

Bateram-lhe às costas com força. Elle teve mêdo. Voltara-se andando sempre. Era um sujeito de nariz enorme que chalaceava com senhoras, à porta de uma tabacaria.

— Que pierrot delicado!

Jorge, num súbito tumulto de rua, dera um encontrão numa mocinha de cabellos fartos e desfizera-se nervosamente em desculpas. E ella ria com outra, commentando.

Chegou automaticamente ao Largo de São Francisco. Um acampamento bárbaro occupava-o. Ao lado da estátua, no fundo, com as engrenagens phantásticas paradas, as boléas nūas, um immenso carro desdobrava-se na feérica composição de sua montagem. Pares de mulas adornadas esperavam, atadas às rédeas. Gente passava retirando-se. Taxis com colombinas de gaze nos toldos faziam voltas suaves; pierrots ornamentaes, em adaga que se abria no tufo do pescoço, corriam galantemente; cavalleiros do préstito morto trotavam pelas pedras. Atraz do grande carro, outros carros destacam-se, abandonados na desorganisação final, proccionaes e immensos. Os últimos foliões desciam para o chão. E Jorge viu alguém agitar-se dentro de uma abóbora monstruosa. Estava de pagem. Tinha as pernas della, sob o busto apenas diminuído. E a voz de Alma repetiu-lhe o nome inteiro.

Ella deixara o carro; andava pelas pedras com o mesmo andar... veio para o seu lado: elle teve um ímpeto de levar as mãos á cabeça e gritar. Quiz sapatear alli, com os olhos engastados na que voltava. Era Milagre.

Parou no Piques. Bondes partiam apinhados. Subiu, andou. No centro, a festa terminava. Préstitos desciam ainda as ruas, de vagar, na desorganização suada do fim, com boleas vazias, cavalleiros a pé, a caminho dos Avernos. A banda montada de um, remexeu um maxixe pulado, picadinho, bem marcado de sons.

Uma maltrapilha que ia conduzindo á cabeça um mólho monstruoso de fitas coloridas, juntadas do chão, gingou. Riram em redor. Empurraram o monte de cá, de lá. O peso enorme vacillou, cahiu — e ella ficou apatetada. olhando Jorge d'Alvellos que passava.

— Bruto destino! Ruidos surdos dentro da alma! São os últimos desaterros que estrondam... Mas porque me doem tanto os olhos? Parece que querem sahir fóra das órbitas...

Elle ia ao Palácio das Indústrias. Parou na ponte de pedra sobre o Tamanduatehy que transbordava em lago, depois dormia em canal para as bandas da Luz. Havia olhos vigilantes de torres, fixos, longe. E lampeões e a cidade e estrellas no céu... E a correnteza em baixo, redobrada e murmurante.

O íncubo disse-lhe ao ouvido:  
— Se te atirasses, ias sahir na excrementeira da cidade...

Ao atravessar a palissada, pela primeira vez o esculptor leu numa taboá, sobre o portão, em letras pretas “Palácio das Indústrias”. Contornou a immensa e muda construcção em acabamento. Penetrou. No corredor impreciso e largo, erguiam-se maquettes alinhadas como monumentos funéreos.

O pierrot preto subiu tacteando as escadas. Entrou no atelier, riscando um phosphoro.

Ao inesperado clarão vacillante, as estátuas tiveram gestos recuados de ameaça. Era a sua obra, desconhecida, da cidade indifferente, que applaudia lá em cima os monstros trepidantes de papelão pintado, nos carros grotescos.

Jorge procurou a esphinge de gesso que permanecia á cabeceira do divan, levantando, no plano do socco, uma velha lâmpada romana. Accendeu. A esphinge ficou dourada no rosto, enigmática, terrível. E a luz levantou sombras por detrás das estátuas crescidas no atelier.

Houve pelo quarto uma expectativa.

O artista sentou-se. Não temia o phantasma escorregadio que não ousava enfrentá-lo senão nos momentos de via-sacra voluntária, pelo calvário que Deus lhe instituíra. O incubo não o levaria ao suicídio. Mas, num desânimo resignado, sentia que ia morrer, hoje talvez, amanhã... debaixo das rodas de uma carroça de rua, perdido nas suas lucubrações de predestinado, ou então na fatalidade de uma súbita paragem do estafado maquinário interior. Morreria, devia morrer...

Olhou o atelier que palpitava, à noite, nas horas de silêncio, tôda uma vida inesperada de relevos que falavam, de sombras que se moviam. As estátuas, à luz morta da lâmpada, decuplicavam de acção mística, de sublime egoísmo, de divinizado amor-próprio. O homem deixara de existir naquella officina de créaturas alvas e grandes. O torso enorme do Fauno revirava-se, o joelho em ângulo agudo, erguendo a nympha espedaçada, num desencadeamento de forças homéricas.

E a greda modelada parecia falar e denunciar mysterios de outra vida.

Lá fôra, São Paulo rumorejava nos últimos instantes do carnaval.

Jorge d'Alvellos na sua magnanimidade de artista não se queixava da cidade que o não soubera comprehender e salvar. Era pre-

ciso haver sacrificados como elle e como Alma, desastrados geniaes, estupendos, que fizessem a glória sangrenta de metrópole atordoante, como outróra fôra necessário haver mártires e santos para solidificar-se na planície callosa de Piratininga, o villarejo de índios e jesuitas.

Naquelle momento de lúgubre expiação, sentia que da sua história e da história de Alma, jorrava a certeza de que São Paulo era a nova América, na sua significação alta, possante e lyrica.

A lembrança de Alma voltou-lhe como uma queimadura.

Apagou a luz com um sópro. E uma paz de cemitério desceu sobre as estátuas.

Deitara-se ao divan. O revolver gelado pesava-lhe na mão. E pensou de repente que seria fácil acabar com a vida. Apenas puxar o gatilho daquella arma... Se o fizesse!

Encostou o canno ao coração sobre a roupa, como a ensaiar. E divagava:— Se o fizesse... que diriam? que haviam de pensar?

Habitado ao escuro incerto da sala, viu o braço de sêda, recurvo contra o peito, em posição de apontar. E fatalizado, immóvel, olhou a mão: estava dobrada sobre a arma, de dedos encarquilhados. Parecia de cêra e de paño — mão de cadáver, mão de suicida.

Houve uma luz e um baque mecânico na noite. Uma surpresa azeda na boca... Começara qualquer coisa a gottejar-lhe entre a carne e a camisa. Era sangue, quiz accender a luz, verificar... Mas a sua cabeça sahia de si mesmo para realizar no escuro soluços circumcêntricos, desenrolando-se numa espiral monstruosa e levando numa acrobacia gelada o divan e os grupos quietos.

Estava deitado.

Moveu as pernas numa afflicção de viver.

Torresvedras accordou quarta-feira, ás quatro horas da tarde. Ergueu-se dando o dia por perdido. E na solidão em que morava numa travessa da Glória, esperou a noite chegar para sair.

Um vendedor de jornaes passou, gritando. Comprou uma folha vespertina. Desdobrou-a à janella e leu de repente: "Madrugada de cinzas — Um estranho suicídio".

Fôra no Palácio das Indústrias. O músico comia as letras com os olhos. "Na ante-manhã, circundado de lâmpadas esguias, o portentoso Florentino envolvia-se num grande manteau... pierrot de sêda e alvaiade"... O no-

me!... queria saber o nome ... “o soldado que ouvira o tiro apitou arrebatado” “em decubito dorsal, os pés voltados para uma estátua quebrada”... Era <sup>ê</sup>lle... Quis rasgar o jornal que se negava a confirmar tudo... E leu no fim: “Pierrot que ora repousava tranquillo no mármore do necrotério não era mais que um esculptor brasileiro, de nome Jorge d’Alvellos, com trinta e dois annos de idade, recémchegado de Roma. O motivo do trágico desatino foram amores contrariados”.

O folhetim policial da gazeta paulista não dissera a verdade lancinante que foi para Carlos Byron e Bruno de Alfenas encontrarem, ainda morno no seu pierrot de aluguel, o corpo hirto de Jorge.

*Bairão*  
Estavam na Rotisserie, em pleno jazz-band, entre luzes e taças de champagne, colombinas, casacas perfeitas, dominós, brilhantes, quando correu na sala que houvera um suicídio no Palácio das Indústrias. Quem trazia a notícia era a própria autoridade policial que tomara conhecimento do facto. Chamado ao hotel, para verificar uma queixa de furto, entre um licor e a pres-

sa de partir para o seu posto, agitado naquella terça-feira longa do carnaval, contara o occorrido: não pudera levar médico nenhum ao Palácio das Indústrias, pois tanto o legista como o da assistência tinham tomado, momentos antes de resoar o aviso de crime no telephone do gabinete, rumos differentes e longinquos. Não fôra necessário. Vendo o pierrot largado e sem pulso e da ferida goztejar o sangue quasi negro, fizera recolhê-lo immediatamente ao necrotério da Central.

Saltando para a Cadillac que com elles fizera o curso, Carlos Byron e Bruno de Alfenas — aquelle num torero de sêda, o tricornio largo de veludo e o rabicho; este num dominó negro fechado de alto a baixo — fizeram voar a máquina possante pelas ruas onde os últimos populares dispersavam, e chegaram num pulo ao edificio aberto e illuminado da Secretaria da Justiça, no largo do Palácio. Homens despreocupados, fumando, enfermeiros de avental e um cabo sentado ao fundo, não lhes souberam explicar quem era o morto. A autoridade estava momentaneamente occupada. Disseram-lhes que podiam ir ao necrotério entrando pelo portão de ambulancias à esquerda.

As duas phantasias correram, procuraram o caminho, enveredaram por elle. Era um

Bairão

Bairão!

corredor de pedra, descendo para o fundo, entre paredes alvas. Desembocaram num começo de patamar aberto para a madrugada.

Havia neblina nos focos de luz. Uma escada desaparecia à direita, estreita, longa, interminável; e lá embaixo, no escuro, o Braz panorâmico faiscava. Elles foram devorando os degraus, Bruno levantava nas mãos crispadas o dominó embaraçante. Carlos Byron procurou inutilmente no escuro vago da Varzea a massa informe do Palácio das Indústrias. Desceram um novo trecho da escada, maior que o primeiro — e acharam-se numa entrada aberta de estrebaria. Investiram procurando. Um soldado moreno em mangas de camisa, entre dois cavalos suados, gritou com elles. Explicaram-se. O homem indicou-lhes, ao fundo, uma espécie de garage baixa, fechada por um portão. Foram indo. Havia sentinellas de pé. Num cubículo que tinha ogivas verdes escancaradas divisaram, sobre uma mesa de mármore, um caixão aberto de zinco.

E dentro, num negror de sêdas, o suicida tinha a cabeça caída para trás, os olhos semi-abertos, a bôcca muda.

Haviam-lhe arrancado violentamente um punho de rendas. A phantasia estava rasgada ao peito, a camisa também: e, sobre a carne nua e alva, devassavam-se-lhe pêllos fortes e escuros.

Carlos immobilizara-se, aterrado, chorando baixo, Bruno de Alfenas, lento, respeitoso, no dominó negro, aproximou-se. Retirou uma pasta de algodão do lado esquerdo: estava ligeiramente ensanguentada; curvou-se, limpou o lugar ferido e descobriu no mamilo o ponto avermelhado e molle da penetração da bala. Recolocara o algodão e agora espalmava a mão sobre o peito.

—Está morno...

E num súbito horror contente, gritou:

—O coração não foi tocado! Bate! Ainda está vivo, vejam!

Dois soldados aproximaram-se espiando. Carlos perguntou ao outro se não era uma ilusão. A grande figura de Bruno de Alfenas perscrutava, affirmava de novo, perscrutava ainda.

—Vamos ver se o salvamos! disse Carlos.

Pediram aos guardas que tivessem cuidado com o ferido. Iriam lá em cima, falar ao delegado. A autoridade, surpresa, não oppoz dúvida ao desejo que elles manifestaram de transporta-lo para uma Casa de Saúde. Deu ordens rápidas.

Um quarto de hora depois, uma grande ambulância deixava o necrotério. O sangue começara a verter de novo. Dois enfermeiros mantinham na maca o corpo sempre morno.

E um outro automóvel, galhardo, possante, com laços de serpentinas nas rodas, confetis nos bancos, restos gritantes da festa que celebrara, seguiu atrás, levando as duas phantasias.

Passaram a cidade, subiram a Avenida Luiz Antonio. A sereia da ambulância chorava como se fosse a própria mãe de Jorge. E ao fundo do assento fofo, Carlos Byron pensava que abafaria de flores o túmulo do amigo.

Bairão

Na alvorada hospitalar, os dois cirurgiões mascararam-se de gaze, ficando apenas com os olhos descobertos. E moveram-se nos grandes camisões. Elle fora desnudado como para uma lição de anatomia. Havia em torno irmãos de branco e enfermeiros prestimosos.

As vozes dos medicos saíam soturnas através das máscaras. Dobravam-se sobre elle, suggeriam, discutiam.

E o zum-zum das vozes continuou, lento às vezes, às vezes rápido, com silêncios profundos. Os ferros brilhantes, que elles recolocavam sobre a mesa esterilizada de vidro, continham manchas de sangue.

Tinham descoberto a bala. Costuravam agora.

A irmã que sustinha a pobre cabeça branca de cabellos ondeados, chorava.

Os medicos foram lavar-se. Depois voltaram a vê-lo em silêncio, um silêncio que não dizia nada.

Encostado ao patamar da escada interna, o velho falava na manhã de hospital.

Era um brasileiro de immensa estatura, enrugado nos recortes do rosto, grisalho nos cabellos em franja desigual e nos bigodes em ponta; herculeo e quixotesco.

Chupava um cigarro de palha, numa roupa surrada e antiga.

E Carlos Byron notava os seus olhos agudos, alerta, as suas posições instinctivas de guarda.

—Uma vez éramos crianças, o primo João de Deus e eu, dormíamos no mesmo quarto, na fazenda e um escravo quiz nos matar. Nós dois avançamos para o negro. Elle era valente, nos deu trinta e duas facadas. Pegou uma numa mulata que quiz agarrar o primo pelas costas. Seguramos o bicho. Eu me cortei aqui na mão...

Bairã

Irmãos passavam, levando remédios, chicanas, seringas de injeção; enfermeiras corriam, médicos entravam e saíam dos quartos.

Carlos Byron desde a vespera, quando viera saber o resultado da extração da bala, notara aquelle typo só, andando pausado e erecto pelos corredores. Tinha-o visto sair de um quarto de dois leitos, onde um rostinho de doente o interessara. E agora disposto a esperar a vinda do médico, puzera-se a conversar com elle.

A doente do quarto 21 que sorria um sorriso de vinte annos da sua cama alva e larga, tinha a acompanhá-la uma senhora baixa, de roupas de inverno europeu. E o velho rodava, entrando, saindo. Era quasi uma sobrinha sua, a filha única do primo João de Deus, que morrera do peito.

—Que foi isso na mão? perguntou o rapaz desencostando-se.

—Foi ar. Des'que apanhei isso, não pøude mais dar dos meus tapas de mão fechada.

E num esforço longo tentou mover os dedos parados.

—Mesmo assim ainda brigo e não tenho medo de assombração. E' só agua benta e boa faca; e vou onde quizerem...

Carlos Byron via passar nos seus olhos firmes, na sua tranquillidade provada em

meio século de dias inéditos e bruscos, a tragédia victoriosa de seu povo.

Os peões bronzeados continuavam lá longe, sob o céu em fôlha, a avançada perigosa das bandeiras, agatanhando e subindo os limites fugidios da terra descoberta, que se ia entregando farta, compensadora, fiel à vinda prophética das caravelhas.

Raça, mais que raça, expedição secular com martyrologio, calendário, santos, cidades e cathedraes no solo vencido: monção transcontinental sem roteiro, transladação imperceptível e lenta de sonhadores de todos os climas, de malditos e heróes, de transfugas e rehabilitados, de missionários e criminosos — caminhada lyrica de quatrocentos annos.

Aos primeiros movimentos que nos portos da Península retesara pannos e cordagens, trazendo, pelo mar, argonautas, degredados e padres, havia succedido outro, mais possante e mais largo no surto das frotas commerciaes do último século.

Nova gente havia deixado as costas áridas da Albânia, os portos buliçosos da Italia,

as ruelas immundas de Salónica e de Marse-  
lha, as manhãs escaldantes da Sicilia ou as  
enregeladas tardes nocturnas da Suécia... E  
tinha vindo no mesmo espirito de cruzada  
egoística, sem gritos expansivos de guerra ou  
bandeiras erguidas, apenas ao batuque invi-  
sível e teimoso da própria vontade de victoria.

Ao fundo, no largo corredor da Casa de  
Saúde, assomou a figura magra e ligeira do  
Dr. Braulio Costa. A senhora de roupas euro-  
péas que deixara com o velho a filha risonha  
dirigiu-se até elle. E perguntou-lhe:

—Doutor, é o senhor que trata do doente  
do quarto 11?

—Sou, minha senhora.

—Elle morre?

—Não se pôde dizer nada ainda.

Ella despediu-se, forçando um agradeci-  
mento, entre lágrimas súbitas, irreprimíveis,  
pequeninas.

Carlos Byron sahira depois de conversar com o médico, na volta do quarto. Não quizera ver o operado: impressionava-se demais. Jorge continuava com a respiração commatosa, ascendente e descendente. O Dr. Braulio não garantia nada...

No portão do jardim exterior do Instituto, o moço cruzou com um automóvel de praça, onde vinha um senhor gordo, de grandes olhos e barba grisalha. Sahiu para a Avenida. Doía-lhe perder o amigo: doía-lhe na alma que o artista maravilhoso, indiscutível que era Jorge d'Alvellos, fosse sacrificado assim a uma horrorosa tragédia, ignorado pela cidade para cuja glória se tinha feito nos annos laboriosos da Europa.

O senhor gordo, de olhos grandes e barba grisalha pagou lentamente o taxi, empurrou com receio a porta de vidro fôsko e ficou olhando, descoberto e tímido, para o interior do hospital.

Campainhas retiniam no quadro de chamada, suspenso à parede; creadas lépidas chegavam, liam o número affixado, faziam-no recolher com um sócco e voavam pelos corredores. O homem observava sem dizer nada, esperando que o interpelassem. Uma freira esguia passou, trazia uma toalha na mão. O visitante cumprimentou-a respeitosamente.

Ella não o viu e desapareceu por outra porta.

Vozes resoavam pelos corredores, eram médicos altos e rapados, em longos aventaes. Vinham conversando.

O homem hesitou, quiz segui-los, deu passos à-tôa. Um moço vinha sahindo de um quarto entreaberto e fixava-o. Elle cumprimentou-o e disse:

—Eu desejava ter noticias de um doente, meu sobrinho, Jorge d'Alvellos, esculptor.

—Não conheço... Estou em visita também...

A freira voltava, trazendo um irrigador metálico.

—Irmã, disse o rapaz. Este senhor quer ver um doente.

A freira levou o tio de Jorge a uma sala que dava directamente para a entrada. A uma meza alta, de pé, sobre um livro de assentamentos, um homem de cavanhaque ralo e olhos attentos, escrevia. Entenderam-se.

—Jorge d'Alvellos... quando entrou?

—Não sei... Li nos jornaes e recebi este cartão.

A irmã desaparecera subtilmente. O homem tirava do bolso interno do casaco um maço de papéis dobrados. Collocou-os respectivamente sobre a mesa e começou a procurar.

—Não sei se encontro. Trouxe tanta encomenda, tanto negócio!

Encontrara entre folhas soltas um envelope armoriado, com restos de lacre, abriu-o e entregou ao outro um cartão em que Carlos Byron lhe dava delicadamente o endereço da Casa de Saúde para onde transportara o amigo.

—Jorge d'Alvellos... dizia o homenzinho, enfiando um lapis na barba a se lembrar. Ah sei, o do tiro!

—Sim, fez o parente subitamente incomodado, movendo-se sobre as pernas grossas e procurando logo sair pelo corredor. Um caso estranho na nossa família, só houve no passado, um caso idêntico.

Iam andando. O empregado escutava-o com a mesma affabilidade indifferente do começo.

—Só um. Foi num naufrágio. Era tio-avô d'elle. Chamava-se Jorge também, o mesmo nome. Mas esse era commandante de navio. Naufragou. Salvou a população e não quiz sobreviver. Mas foi num naufrágio.

O empregado desembaraçava-se, ia saber do médico se podia conduzi-lo. O tio do esculptor esperou. Nos seus gestos precavidos, nos seus modos lentos e cautelosos, notava-se uma longa ausencia de cidade grande. Des-

*Tripulação*

habitudo ao ladrilho, às salas enceradas, e<sup>l</sup>le olhava tudo contemplativamente.

O outro voltava, ligeiro, com o lapis na mão.

—O médico está vendo uma doente. O senhor faz o favor de esperar.

—Meu sobrinho está muito mal?

—O ferimento é grave... mas...

O empregado aboletou-se, tomou apontamentos a lapis. E um silêncio de minutos engrandeceu o tic-tac lento do relógio negro da parede.

—Quas<sup>l</sup> dez horas... Diga-me uma coisa, o senhor conhece bem São Paulo. Eu não venho cá há mais de oito a<sup>n</sup>os, está tudo mudado, onde é a Casa A<sup>l</sup>emã?

—Na rua Direita.

—O bonde que se toma é o da Avenida mesmo?

—E'. Faz linha circular.

Vendo o homem olhá-lo, com a mão perdida na barbicha do queixo, Anthero d'Alvellos expandiu-se:

—Trouxe uma porção de encomendas. Imagine que não qu<sup>is</sup> dizer nada à minha mulher nem a ninguém. Escondí na burra os jornaes que traziam a notícia da desgraça. E prete<sup>t</sup>ei uma viagem de negó<sup>ci</sup>os. Quem sabe se posso levá-lo para lá?

—Oh! <sup>Ê</sup>lle não pode sahir. Foi operado há quatro dias, não?

—Tiraram a bala?

—Sim. O Dr. Braulio é uma celebridade.

—Como está tudo em progresso. São Paulo que eu conheci era bem outro. Hoje só se encontram bicycletas mecánicas, estrangeiros e audaimes.

Ouviram-se passadas ligeiras no corredor. A figura esperta do médico appareceu no avental branco. O empregado apresentou-os. Falaram de Jorge.

—E' seu sobrinho? Vamos ver se o salvamos. Pôde vir ao quarto commigo.

E no corredor claro, o médico caminhou ao lado do homem gordo que ia fixando mais os grandes olhos por tudo. Fê-lo passar.

A abertura da porta jogara um pouco de luz para dentro. Depois, restabeleceu-se a sombra.

Anthero d'Alvellos, nervoso, interessado, queria inutilmente distinguir alguma coisa no leito.

E viu afinal, entre alvuras de lençóes, uma face pallida, pallida e asthênica e duas mãos lividas, inertes.

Conhecera Jorginho pequeno, de cabellos cacheados. O doutor esperava. Como elle se demorasse muito, tocou-lhe o braço, fez-lhe comprehender que era preciso sahir.

O caldeireiro chamara num brado o seu bando de assalto. Jorge quiz atirar-se do leito, com os olhos côncavos, horríveis. E a colher inflexível verteu-lhe zinco ardente pelas entranhas do peito. A lava derretida ia engrossando, formando uma bola azul que lhe soldava os veios do tronco e dos braços.

E um urro humano, égua, regular, obsecado, d'entre o amontoado dos enfermeiros accorridos, levantou-se pelo hospital, pôz latidos na acústica dos corredores, fez os visitantes taparem os ouvidos, os enfermos pedirem que fechassem as portas...

Uma creáda roliça, de touca, passava correndo. O velho alto e hercúleo chamou-a. Ella tinha lagrimas nos olhos.

—Que é isso?

—E' o doente do 11 que está morrendo.

Jorge d'Alvellos não estava morrendo: estava subindo do fundo limoso e febreento de um precipicio, onde o haviam jogado cẽ-

go, perfurado de fogo líquido no coração, às cabeçadas, tonto, perdido, lamentável.

As veias internas do peito engorgitavam-se da lava húmida e viva. E o hospital inteiro hurrava.

Passaram-se sete dias e sete noites.

Enrolado em pensos, o operado tinha os olhos vagos, a face imóvel e branca e os lábios mecânicos falando.

—Água, formador!

E a obsessão partia-se numa clareira de ouro, que vinha, que vinha, que andava. A sua pobre cabeça queria apreender aquillo e trabalhava, trabalhava. Ficava com os braços trêmulos do esforço. Tinha compreendido: era uma música — que música linda!

A música cascadeava. E dos penhascos da serra de Santos, rolava numa corda imensa e branca, a água a accender-lhe fogos azues na garganta.

—Olha a água batendo na pedra, formador!

Desfalecia numa velha modorra. E a música accordava-o de novo. Na face imóvel e alva, os lábios dissociados contavam: eram cem violinos e os cinco mil sinos de Roma.

Os sinos paravam e rolavam e dos violinos, no ouro de um occaso de África, subiam formas longas, monstros espirituaes, estátuas lívidas...

—Que bello! Que bello!

De novo, batia nas pedras da serra de Santos, a fita torturante de água fresca.

Pelas aberturas douradas dos olhos, entravam-lhe em nuvens de persuasão e de silêncio, ondas de ouro, onde pinoteavam lentamente animaes extranhos como montanhas áridas.

Ficava a ver.

Numa sala immensa, ao fundo, concertavam num piano, impeccaveis, dois velhos amigos seus.

—Que bonito!

Era um arabesco só, um arabesco envolvente, que crescia em espamos. E a água passava nas escalas, rolava em cascatas pelo piano, inundava tudo num jorro de crystal liquido e sonoro.

Tinha a garganta ferida, sêcca, torrada; e abria os olhos para defender-se.

Cahia de novo com ouro nas frestas das órbitas cançadas. Em um immenso écran de cinema, escreviam e apagavam em letras cruas: "Arte e Delinquência".

E o velário desaparecera. Era uma descommunal planicie, onde esphinges douradas e longas paravam com olhos vasados e expres-

sivos. Eram harpias enroladas no fundo, onde despencava do alto, tenuemente, uma poeira de ~~as~~ minúsculas e egypcias, de ouro. A chuva de ouro crescia, entupia-lhe a garganta, onde placas jorravam, abertas e ardidas.

E uma mulher andava pelo quarto, abatido de penumbra. A mulher ia e vinha; tinha-se despido e viva como uma estátua, dos seios em péra, dos olhos claros, fizera-se dia de novo, dia azul, num quarto azul, de paredes infinitas. A mulher tinha as formas de bronze, com os cabellos ouro-vermelhos de Alma.

Elle viu faiscarem suas unhas côr de água, e ella crescer no azul, extingui~~lo~~ em jogos ágeis, gigantescos e terriveis.

No fim da segunda semana, o músico Torresvedras que viera todas as tardes, obstinado e mudo, foi admittido afinal a ~~vê-lo~~. Penetrou na penumbra do quarto.

Um homem de barba crescida e nariz afilado de morto tinha a cabeça enterrada para o lado nos travesseiros do grande leito.

A irmã que o conduzira ~~aproximou-se~~ do doente, curvou-se sobre elle, arranjou uma dobra do lençol e disse:

—E' um seu amigo que tem vindo sempre...

Jorge d'Alvellos continuava *immóvel*. Havia sobre o leito, almofadas coloridas, festivas, trazidas do *atelier* e do quarto.

E Torresvedras sentiu a necessidade de falar, de expandir-se, de dizer o que lhe ia por dentro. Achegou-se. Um soluço grosso ficara-lhe na garganta. Encostara-se ao leito e perguntou:

—Como foi, meu amigo...

Sem voltar a cabeça, o doente murmurou numa espaçada algaravia lamentosa:

—Arran... caram... o co... razão...

Voltara a mulher de unhas *côr de água*. Jorge apenas não via que ella tinha um *casaco* grosso de *lã*, europeu, e chorava.

Era a mãe da artista de Roma que, sem *presentir* a *catástrophe* de Jorge d'Alvellos, esperava sorrindo a sua volta do Rio no leito branco do quarto 21. Haviam-lhe dito aquillo e ella acreditava.

Quatro dias depois do desembarque em Santos, fora *accommettida* de febre violenta e resolvera passar os dias do Carnaval num Sa-

natório. Havia feito uma travessia escabrunhada e dolorosa. Quatro mezes atrás, esmagando as cores na palheta, no seu atelier de Via Margutta, sentira um subito mau gosto na bocca. Fora a primeira hemoptyse. Uma pleurocongestão declarara-se pela segunda vez. E depois disso, Mary Beatriz desfallecia lentamente.

Os médicos haviam-lhe aconselhado a Suíça, qualquer villazinha de chalets,, na Jungfrau, ou mesmo em baixo, Vevey, sobre o lago.

Era preciso deixar Roma. Como estivesse terminado o pensionato do governo de São Paulo, ella convencera a mãe angustiada de que deviam voltar ao Brasil. Faria uma exposição e se fosse preciso iria tratar-se nos Campos do Jordão.

Não avisara Jorge, num desejo infantil de surprehendê-lo na grande blusa de linho, na sacra paz do atelier que havia de ter, sob o céu caliginoso de São Paulo, quem sabe se na terminação gloriosa de um relevo para o Monumento do Ypiranga.

E na quarta-feira de cinzas, pela madrugada, sua mãe que não pudera dormir por causa dos gritos da urêmica do quarto 7 e sahira à busca de caldo, voltara pallida, aterrada, sem o alimento da enferma. Tinha assisti-

de lá fôra, à entrada do corpo em sangue de um suicida.

A doente adormecera entre os fartos cabellos, à luz do abat-jour inteiriço. A senhora sahio de novo, voltou. E nunca mais deixou de acompanhar, como se fôsse um filho que lhe negassem, o operado do quarto 11.

Abrira-se dias depois com Carlos Byron <sup>airão</sup> que immediatamente viera visitar a artista no seu leito e dizer-lhe que recebera de Rio uma carta em que Jorge d'Alvellos lhe pedia para informá-lo se era verdadeira a noticia da imprevista chegada de Roma. Fôra à residência de seus primos à Rua Aurora, e lá lhe haviam dado o endereço do hospital.

Sorrindo mais ainda, a tísica pediu-lhe que não dissesse nada a Jorge de sua doença. Viera para allí apenas repousar da travessia. E os médicos a haviam prohibido de sahir. Pediu-lhe que fizesse tudo para que o esculptor regressasse depressa. Não tinha ninguém para conversar — só a mamãe. O velho tio regressara ao interior, os primos eram occupa-dos.

Carlos Byron <sup>airão</sup> que confiava já na resur-reiçãõ de Jorge, viu, naquellê encontro inesperado, um estímulo sobrehumano para a vida do amigo e prometteu trazê-lo na próxima semana.

Nessa manhã, haviam carregado difficilmente o doente do quarto 11 para uma cadeira de rodas.

E elle ficara allí, animalizado, barbudo, indifferente, com o tronco enrolado e enorme.

O médico prohibira a mãe de Mary Beatriz de vir vê-lo, pois elle podia reconhecê-la e ter um trauma fatal.

Mas Jorge d'Alvellos não reconhecia senão a dor que lhe rondava implacavelmente pelas galerias do corpo.

Deitada no grande leito da sua esperança, ella pensava nas tintas com que refaria a vida...

E como não melhorasse, sua mãe e Carlos Byron angustiados, procuravam obter do Dr. Braulio, sempre ligeiro e attento, a possibilidade de fazer os se verem.

O médico de Mary Beatriz era o Dr. Carlos Pinheiro. Tinha a velha cara cheia de sulcos e bossas que lhe davam um aspecto de seriedade monstruosa. Manifestara-se de opinião contrária ao encontro. A tuberculose afinava a sensibilidade, a sua marcha dependia muitas vezes da affectação dos centros sen-

siveis. Ella devia partir quanto antes para os Campos do Jordão. Mas a doente, apesar do tosse que lhe rachava o peito, recalcitou — não sairia dali sem rever Jorge.

Disseram-lhe que o esculptor estava doente, de um ferimento enorme que recebera no atelier, quando evitava o desabamento de uma estátua.

Ella chorou, pensando que elle se recusasse a vir vê-la.

Carlos Byrøn <sup>airao</sup> annunciava-se todas as manhãs, pela enfermeira roliça e risonha, mandava-lhe flores. E foi preciso a intervenção mazorra e honesta de Torresvedras, para diminuir a afflicção da doente. Ella acreditou afinal e agora, à noite, esquecia de rezar por si à Madõna Del Giglio, para pedir à boa senhora que curasse de-pressa o seu amor.

Porque vendo-se mal, o sentimento definitivo de sua vida de mulher, viera-lhe numa súbita invasão, por todos os póros da alma e do corpo. Ao approximar-se das costas brasileiras, cahida na sua chaise-longue, a contemplar, nas tardes vazias, nuvem sobre o mar, ella vira partirem, uma a uma, todas as antigas restricções, as antigas reservas. Amava o seu amor, amava o seu amor! Num envolvente perdão, bemdizia a existencia toda d'elle, dia a dia, os seus soffrimentos, as suas loucuras, as suas orgulhosas revoltas.

E doía-lhe deliciadamente o coração physico. Ia encontrá-lo, e partir com elle num grande carro, por estradas e caminhos, com a felicidade por guia. Era uma exasperação, mórbida, que lhe alargava as grandes pupillas sérias e fazia-a arranhar muito tempo, com as unhas bem tratadas, os lençóes do leito.

Mas o abalo physico de Jorge d'Alvellos parecia ter sido mortal.

O resuscitado permanecia de tronco colossal e duro na grande cadeira, junto à janella, agora aberta para o céu e para as árvores de um parque. Vivia numa indifferença humilhada de animal que escorcharam. Vinham fazer-lhe o penso demorado e doloroso, uma vez ao dia. E como fosse exigido o máximo repouso, deixavam que dormisse allí mesmo.

Certa manhã, trouxeram-lhe uma visita, o velho capellão da Santa Casa, que Carlos Byron tivera o expediente de ir buscar.

E o enfermo ao vê-lo entrar, pensou em beijar-lhe as mãos. Tinha um sorriso inédito no rosto. Murmurava palavras de confusa gra-

tidão; quiz mover-se da cadeira, mas não pôde firmar o corpo imprestável. Um instante, a bocca torturou-se, entristecendo a máscara inteira recoberta de barba.

Mas sorria de novo, preso ao sacerdote que abrira com os braços erguidos as portas do céu para Alma. A mystica apparição crescia aos olhos do doente. Deus mandara também a elle o desobstruidor de paraizos.

Na sua cadeira, com o peito enfaixado depois do curativo, elle viu a irmã de caridade arrumar roupas e objectos. Chamou-a com a voz humilde.

— Irmã... eu não morro mais?

— Não. Deus o salvou.

— Que livro é esse?

— O livro das enfermeiras...

— Empresta-me?

A irmã veio sorrindo trazê-lo. Era um volume de orações e conselhos práticos.

Ficou lendo, a freira sahira. Caiu-lhe ao collo, de dentro das páginas, uma imagem. Tomou-a nas mãos: era Maria de Magdala, em lithographia, com frizos de ouro. Havia qualquer coisa escripto no verso. Jorge voltou

o santinho e leu, numa letra calligraphica:  
“Sob o peso da desgraça, a alma que não chama por Deus é muda.”

Então, não era só elle a soffrer? Pelo mundo, anónimas, caladas, existiam outras almas sob o peso de outras tragedias. Almas emmudecidas como a sua e outras almas que haviam gritado o nome do Senhor e recebido d'elle a ordem de formar na cavallaria dos devotamentos quietos, das consolações sem recompensa...

Numa confusa fixação esculptural, Jorge viu a procissão final do mundo desenhar-se num Josaphat de cem léguas: de um lado, os idolatras, os taciturnos, os blasphemos; do outro, num desabafo de victória, todos os crucificados da terra.

Lá fôra, no parque de folhagem entre muros, a névoa de São Paulo, vestia as árvores de branco, na manhã de fins de Março.

Raparam-lhe a barba. Iam levá-lo para ver Mary Beatriz que o esperava, cada vez mais ansiosa nos grandes olhos, abertos e fixos para a porta. Elle foi pelos corredores, arrastando-se e sorrindo, num cortejo comovido de amigos.

Haviam atufado de flores o quarto branco da enferma.

Ao deixarem-lhe perceber que Mary Beatriz estava allí, ao seu lado, no mesmo hospital, Jorge d'Alvellos tivera uma surpresa nervosa e feliz. Depois, vieram as demoradas conversas com a mãe da artista doente. A boa senhora reconduziu-o facilmente ao passado onde a sua mocidade lyrica cantava. As recordações avivadas, os detalhes lembrados, as noticias de amigos e de episódios, exposições de arte, a volta triumphal das tropas negras que se haviam batido em Vittorio Veneto — tudo o levava de novo, numa persuasão inquietada e excellente, ao fio partido de existencia. Além disso, a mãe tinha qualquer coisa da filha, nos olhos, no gesto — qualquer coisa.

Aquella noite, elle percebeu, numa confissão embaraçante, que amava. Pediu perdão

à morta. Tinha o corpo enrolado em pensos, as pernas desobedientes, a cabeça frágil.

E Mary voltava por entre os travesseiros alvos do encosto; sorria, esperava...

Pela manhã, foram achar Jorge d'Alvellos fôra da cadeira de rodas. Levantara-se sozinho afinal.

— Por/que não fiquei?

— Tens saudade?

— Il rimpianto...

— Chorar ainda?

— Sôbre o passado perdido.

Houve um silêncio de hospital. Lá fôra, ia gente conversando. E elle falou:

— Pobre passado! Lembras-te? Fazia um anno e um dia que nos havíamos conhecido. Tivéramos um arrufo na véspera...

— Sim... E tu partiras para voltar melhor.

— E voltei, na manhã inacreditável, batida de sinos, na manhã de luar. Dormias no divã da sala. Acordei-te num grande susto de criança. Como suspiravas profundo!

Contemplaram-se numa transfusão de existências, pelos olhos molhados. E ella, cer-

rou os cílios, numa súbita fadiga, recostada aos grandes travesseiros.

Ficaram perdidos, mão na mão. Longínqua, nos campanários novos das torres de São Bento, uma festa de sinos começou. Elle prosseguiu:

— Tinhas nervos à flor da pelle de seda. Às vezes, chegavas à Via Flamminia, com os primeiros raios esquivos do sol. Lembras-te... Foi um outomno sobrenatural. O Tibre transbordava águas negras das últimas chuvas. Como corria repousada a vida no nosso jardim de inverno! As manhãs do meu pijama de flores amarellas, com a tua entrada ligeira... E as tosses convulsivas do porteiro... lembraste! E o poeta que te amava e empoava os cabellos... E o compositor... o nosso mundo...

— Tartarella... Elle assistiu ao nosso embarque em Piazza Termini.

Mary Beatriz cerrara os olhos. A febre subia. Jorge levantou-se difficultosamente das almofadas que juntara ao chão. Ia fechar a janella. Mas ella exclamou:

— Não! Este azul lembra-me as manhãs daquelle tempo.

A tarde baixava em ouro lá fóra.

As ave-marias dos monges, na abbadia de pedra da cidade americana, resoavam espaçadamente.

— Ouves?

— Parecem os sinos de Roma!

Haviam-nos deixado sós o dia todo. A doente dir-se-ia dormir. Tinha as faces incendiadas. Jorge esperou, devorando-a com os olhos pensativos. Depois, tomou-lhe cautelosamente o pulso, contou as pancadas rápidas da artéria.

Ella parecia reanimar-se lentamente. Descerrou os olhos, e falando numa superexcitação:

— Era Maio... aquelle me<sup>z</sup> de Maio, quando íamos visitar as egrejas... Lembraste das tardes de õca, dos dias de fogo? São Pedro fazia: Bá-om! B'-om! como agora.

— No ar todo azul, riscado de andorinhas negras, de regresso como a felicidade...

Quando o médico e a mãe entraram, chamados pela enfermeira, vieram encontrá-<sup>os</sup> rubros de febre, na evocação delirante do sol, que pela janella, entre árvores, ca<sup>h</sup>ia por de<sup>tr</sup>az de São Pedro, como outrora.

Haviam-lhe chegado duas cartas.

Na sala clara da secretaria, elle abri<sup>ra</sup> a primeira que trazia um envelope da Fazenda Nova Olympia.

Era um convite risonho e bulhento, traçado numa letra quasi infantil, desenhada em caracteres americanos. Terminava assim:

“Não sabe como os seus primos e primas o esperam todos os dias, quando o Ford chega da estação. Papae nos disse que você prometeu vir sem falta. Venha logo e não se esqueça dos presentes que papae disse que você nos trouxe da Europa.”

Seguiram-se uma lista jovial, as assignaturas, as primeiras caprichadas, as outras balbuciamientos apenas legíveis:

Maria Thereza

Annita

Jorge

Belkiss

— E' verdade — disse o secretario — tenho mais uma carta, guardada aqui, deixada por seu tio.

Procurou a uma gaveta. Jorge, interessado, rasgou o envelope e leu:

“Meu prezado sobrinho.

Desde que soube de todo o occorrido, parti no forte desejo, na ância em que me vi de me comunicar contigo, de correr ao teu encontro.

Cheio de preocupações e de responsabilidades, pequenas em si, mas sufficientes e sobejas para assoberbarem um homem edoso,

vejo-me na necessidade de voltar ~~im~~mediatamente para a fazenda.

Meu caro amigo e meu filho — pois creio que te posso chamar assim — sinto que ~~so~~ffres e que estás só na vida. Esta idéa me penetra fundo e me domina, como lógica inexorável do sentimento que tenho por ti. Desejo ver-te, abraçar-te e ter-te ao meu lado, com a minha família que é a substituta da tua. Não conto voltar tão cedo a São Paulo. Por~~que~~ não vens a Nova Olympia? E' meu ardente desejo. Passarás alguns ~~me~~zes ~~com~~migo, na nossa casa. Tenho um quarto ~~vasi~~o e ~~promp~~to. E conversaremos longamente. Creio que essa viagem havia de fazer-te bem. Uma boa disposição e o trem te trarão até a nossa estação, onde irei te buscar com primos e primas. Creio que ~~at~~tenderás ao meu ~~app~~ello sincero.

Teu velho amigo e tio — Anthero d'Alvellos.”

Jorge pensou no calvário de Alma, abandonada ao lado do avô inerme. Não ~~compre~~endeu aquelle ~~inter~~esse do tronco enriquecido e ~~vi~~torioso.

Tinha a outra carta fechada na mão. Abriu-a e leu um bilhete mal ~~escri~~pto e ~~im~~mundo de Milagre. Ella dizia-lhe que trabalhava agora no ~~The~~atro Boa-Vista e pedia-lhe dinheiro.

O Dr. Braulio Costa chamou Jorge d'Alvellos para a sala de visitas, com mobilia grenat de couro, da Casa de Saúde.

— Meu amigo, preciso ter consigo a maxima franqueza. Conheço a sua robustez <sup>m.</sup>phy-sica e moral...

— Quer falar-me de Mary Beatriz?

— E' verdade. O estado della inspira cuidados. Como sabe, o Dr. Pinheiro chamou esta manhã o Dr. Mario Lupercio, uma das nossas autoridades em affecções do pulmão... A tuberculose declarou-se com uma feição lenta e silenciosa. Ella tem um precedente na familia.

— Pode morrer então?

— Não quero dizer isso. Mas é preciso procurar um clima que estacione a marcha da moléstia...

Jorge numa inesperada angústia, voltou ao quarto. Perscrutou demoradamente a doente que sorria nos travesseiros. Depois, sahio e procurou, sem resultado, obter leite de cabra no hospital. A enferma acceitara a suggestião do novo alimento. Em tudo agora que os médicos lhe ordenavam ella punha uma redobrada confiança.

Sem dizer nada, o convalescente partiu. Não havia ninguém no hall monumental e quieto do Instituto. E sahíu, num súbito maravilhamento de se ver assim, de pé, tropegando, mas vivo, com o peito arrasado, as mãos incapazes, mas vivo. Quarenta dias atrás elle passara aquella mesma porta, numa padiola da policia, vinda do necrotério, com dois mascarados atrás.

Estava vivo. Lá fôra, pisando a rua, a tarde pareceu-lhe miraculosa.

Elle soubera que allí, nos fundos do hospital, em grotas intransitáveis, havia toda uma aldeia de cabreiros. Iria lá, encomendar o alimento para o seu amor.

Caminhava sorrindo de caminhar, levantado daquelle leito de horror, sahido pela primeira vez daquelle casa branca de tortura. Olhou para trás, onde qualquer coisa de rubro faiscava entre arvores: era o sol! E o céu estava fluido e tremulo. Foi tropeçando nas primeiras barbas de bode do grande descampado...

Cahiam as ave-marias numa grande paz sem sinos.

E súbito, dum belvedere natural, elle descobriu em baixo a cidade, num polvilhamento alvo. A's vezes, destacava-se longe, uma nota viva de hangar immenso, fabricas com chaminés, officinas de caliça com centenas

de janellinhas. E, ao fundo, a linha envolvente de montanhas, em verde, escuro e branco.

O céu desmaiava em camadas sucessivas, cinza, rosa, azul. Fumaças erguiam-se, lentas, paradas, a se confundir com os vapores da bruma.

No mais profundo do casario, ao centro, Jorge viu a linha negra do velho Viaducto, ligando monstros construídos em ardósia e greda: o Theatro Municipal, Santa Ephigenia, os primeiros arranha-céus...

Esfriava. Do outro lado, o fim de occaso tornara-se de ouro. Havia um grande cheiro de campo. Grillos cantavam ao pé delle, outros chamavam: priii, priiii! E mosquitos punham bandos tremulos no ar.

Jorge d'Alvellos sahio daquelle pasmo em que se perdia, correu para as barrocas na direcção dos cabreiros. E cauteloso e decidido, procurando e proseguindo, foi descendo por entre grotões, quintalejos, fins de labor, roupas recolhidas das cercas e sons de chocalho.

Elle quiz que tivesse um effeito decorativo, theatral, symbolico, a entrada do ani-

malzinho lanudo e preto, que vinha conduzindo pelos chavelhos curtos, com a cabreira atrás ao longo dos corredores, na madrugada açceza da Casa de Saúde.

Pensava em fazer Mary Beatriz receber o leite tirado à sua vista, das tétas pendentes da cabrinha. E foi uma festa para os olhos da doente que dormira mal, veio arrastar-se até junto à cama, assim, naquelle rude serviço, seguido da mulher e da irmã enfermeira da noite que sorria. Como a cabreira, envolvida toda num chale negro, fizesse jorrar o leite num copo, elle afastou-se repentinamente commovido.

Revira uma madrugada de Roma, em que tinham ambos sahido. Fora num domingo de Páschoa. Haviam tomado o velho caminho de Aqua Acetosa, sob o céu leve. Havia ainda estrelas, como agora. E haviam chegado até uma igreja de padres descalços, em plena Campagna. Uma procissão sahia, pittoresca, com tochas acesas, bandeiras votivas, andores pequeninos, sob o rebate vivo do campanário.

Depois foram andando, elle tendo pelo braço a silhueta moça, um pouco arcada, num tailleur curto de lã, com a gola fechada em voltas de xadrez pelo pescoço.

E passara por elles, na manhã vacillante, perto de aqueductos ruidos, alongando-se em

ponta irregular, um rebanho de cabras negras e peludas, num afastar trémulo de campainhas sonoras.

E agora, numa cama de hospital, Mary arcava-se mais e bebia o leite grosso e branco para sarar.

Era uma luta desesperada e surda entre elle e as pulsações. E lia sempre e lia mais:

— “À hora habitual, Dinazarda chamou na noite seguinte a irman e lembrou-lhe a promessa que fizera.

Scheerazada continuou a narrativa:

“Effectivamente, a rainha partiu no mesmo instante, e quando chegou à borda do lago, tomou uma pouca de água na mão e com ella borrifou o ar, depois de ter pronunciado algumas palavras cabalísticas. A cidade reapareceu num momento; os peixes tornaram-se homens, mulheres, crianças; mahometanos, christãos, persas...”

— Estás escutando?

— Estou... sussurrou a doente, descerrando os olhos. — Deixa-me ver o pulso...

— Não... não!

Abriu mais as pupilas de febre e debatia-se. Mas Jorge tomara-lhe o braço muito

branco, fino e longo, de dentro dos lençóis. Deixara caír o livro azul a uma almofada. E olhando o relógiozinho de prata que lhe dera em Roma, contou baixo as pulsações. Setenta. Cem. Cento e uma... e duas... três... queria diminuir, parar... E dez... onze... quinze... vinte...

— Quantas? interrogou a enferma.

— Cento e cinco.

Estava aterrado. Tomou de novo o livro e continuou a leitura.

Havia três dias, como Scheerazada, para afastar a morte que espreitava lá fóra, contava histórias maravilhosas e incríveis, com gênios, dragões, príncipes e loucas metempsichoses...

O Dr. Carlos Pinheiro declarou-lhe inútil qualquer tentativa mais de viagem ou de cura.

Era possível então! O Senhor não o provaria bastante ainda! O seu amor que encontrara de novo, na dolorosa convalescença do tiro, o seu amor ia morrer!

Uma súbita revolta amarga levantava-se no seio do redivivo.

Mas Jesús, de carne e suor, egualado aos outros pela Suprema Vontade, tinha ido ajoelhar-se numa hora assim, a um canto de velho parque, só, abandonado aos indiscutíveis momentos do seu destino.

*Coepit pacere...*

Jorge d'Alvellos foi para o seu quarto tomado do medo humano de Jesús.

O padre não pôde mais confessá-la. Ella voltara duas vezes a si, em silêncios cansados de sofrimento, sorrindo os seus últimos sorrisos.

Estava agora calada e inerte, de olhos semi-cerrados. O sacerdote dissera o "Ego te absolvo a peccatis tuis", definitivo. E começara o Extremo Sacramento.

-- "Per istam sanctam unctionem et suam piissimam misericordia, indulgeat tibi Dominus quidquid per sensum deliquisti, quidquid per visum deliquisti"...

x E tocava-lhe os olhos, fechando-os para sempre.

— ... "quidquid per odoratum, per auditum"...

E tocava-lhe os ouvidos, cerrando-os para sempre.

— ... "quidquid per gustum et locutionem"...

E sellava-lhe a <sup>a</sup>bocca para sempre.

— ... "quidquid per tactum"...

Descobrira-lhe os pés <sup>a</sup>harmonicos e brancos...

— ... "quidquid per gressum deliquisti"...

Havia terminado.

Então, Jorge levantou-se e pediu humildemente à mãe para beijá-la. Ela agitava-se como que compreendendo. Tinha movimentos vagos na cabeça, ondulações nos braços descarnados e alvos.

A mãe achegou-se com a enfermeira, a irmã, o padre.

Levantaram-na nos braços, segurando-a, contendo-a, acalmando-a. Jorge avançou em soluços:

— Eu quero um beijo teu, eu quero, minha Mary.

Ela ouvira, parecia sorrir. Os outros sustinham-na, soerguendo-a, consolando-a.

Tinham passado assim três noites eguaes.

Jorge sentia um alquebramento physico final.

Estava sentado sobre um tamborete baixo, ao lado da agonizante.

No outro leito, a mãe e uma senhora de preto que viera, haviam cedido à fadiga e dormiam juntas.

A madrugada lá fora andava.

Jorge olhou o pequenino relógio de Roma: eram quasi três horas.

Elle resignara-se à solemne chegada desse momento que bateria na sua vida como um último aviso de Deus. Esperava-o como se espera uma ordem indiscutível de partida para caminhos novos.

\* O cansaço vencera. Elle cochilava com a cabeça deitada perto do braço grande e inerte de Mary.

E na noite de agonia, veio cantar-lhe o ouvido, solenne, depois de graves kyries, a ladainha pausada das rogações que acompanhara, no collegio, em creança, na madrugada de São Norberto:

Sancte Paule, ora pro nobis!

Sancte Andréa, ora pro nobis!

Padres e seminaristas tinham sahido para o matto, a cruz alçada na frente, o thuribulo e o hysope. E caminhavam pela aresta escura de um caminho, sob as ultimas estrellas, entre as arvores pasmadas. Ao clarão inquieto das tochas, as batinas alvas oscillavam na santa procissão.

Sancte Thoma, ora pro nobis!

Sancti Fabiane et Sebastiane, ora pro nobis!

— A vela, depressa!

Um grande anjo extáctico entrara imperceptivelmente no quarto: era a irmã enfermeira da noite. Jorge, estremunhado e trágico, accendeu o círio bento; collocou-o na mão es-caldante e largada. No outro leito, as duas mulheres dormiam. A janella descerrara-se para

fôra. E a agonizante teve apenas duas suffocações suaves — e cessou de viver.

Jorge procurou, ansioso, na penumbra, achar ainda a sua Mary. Ella partira, subtil como quando entrava, matinal e viva, no atelier de Via Flamminia.

Lá fôra, na noite, um gallo bateu as asas, cantou.

Na madrugada de leite, a febre esvaíra-se, escoara-se num último calor de veias mortas, entre bênçãos maternas, luzes vacillantes, silêncios e soluços...

Jorge fôra pelo corredor, numa placa de neblina, até o jardim, buscar-lhe as primeiras flores. Depois, esperara que lavassem a estátua enregelada e nua — a sua última estátua. E beijara obstinadamente a bocca material.

Agora, na sala de visitas estranha dos parentes, para onde a tinham conduzido, Mary dormia ao clarão dos círios altos, no féretro fofo de pau rico, com seu sorriso immobilizado nos lábios e um lírio entre as mãos.

Preso a um minuto de eternidade, num desespero mudo de dentes rilhados, Jorge

d'Alvellos sacudia, com as garras das mãos, a cabeça de cabellos despenteados e enormes.

O esculptor fechou-se no seu quarto da Avenida São João, durante dois dias e duas noites, deitado ao leito de bronze fôco.

Os amigos vieram num interêsse inquieto visitá-l-o, obrigá-l-o a comer. Na terceira manhã, como êlle todo se transformara num ouvido único que crescera, tomara conta do sêr... e escutava, escutava, saiu e tomou um trem para Santos.

Passou o dia estirado em um quarto de hotel. E a noite veio e foi... Ficou até meio dia na cama alva e desconhecida. Fazia um calor de pôrto sul-americano. Levantou-se, vestiu-se com difficuldade, tomou o trem de duas horas, de regresso.

No começo da serra, chovia. Uma retardada fadiga cahiu sobre êlle. Olhou pela janela do wagon: em baixo, entre águas, viu uma casa de tijolos com chaminé e leu um letreiro longo até o fim.

Um mosquito trouxe-lhe uma ferroada ardidada à mão.

Fitou a serrania. Para lá do valle aberto, um taboleiro gigantesco cavalgava o céu de bruma com a cohorte de seus milhões de copas verdes.

E acordou de repente afogado entre paredes negras, gottejantes, ameaçadoras. O trem parara num túnel... sahiria. Quantas vezes a sua vida também estacara assim entre muros fechados! O trem sahiria, vencendo em curvas a ladeira immensa, na direcção de horizontes desconhecidos...

Um guarda recebeu o bilhete. Tinha cesado a chuva: estava perto de São Paulo.

A cidade appareceu e engaliu o comboio por um dos seus tentáculos pardos.

Encontrou duas cartas de Nova Olympia sobre a mesa. Era um novo chamado de tio Anthero. Na outra a garrula fieira de nomes cantava:

Maria Thereza  
Annita  
Jorge  
Belkiss

Como seriam seus priminhos? Lembrava-se de que as duas mais velhas haviam nascido antes d'êlle partir para a Europa. Maria Thereza devia ser uma moça. Annita também. E êsse Jorge que tinha o seu mesmo nome, tradicional e trágico entre os d'Alvellos? E a pequenina Belkiss que mandava sempre a assignatura borrada?

Elle não era tão só! Tinha uma família que o chamava, que o queria... Uma ternura estranha commoveu-o... Maria Thereza... Annita... Jorge... Belkiss...

Não voltaria a Europa. Sentia-se inutilizado para a arte. Porque ficar em São Paulo, na interrogação dos scenários vividos?

Os amigos iam conduzi-lo, pela última vez, ao atelier do Palácio das Indústrias.

Seriam três horas da tarde quando Carlos Byron e Bruno de Alfenas fizeram estacar o auto, em frente ao grande sobrado de commodos da Avenida São João.

Abraçaram-no. Elle estava mais consolado e mais forte.

Sobre o leito de bronze fôsko tinham fi-

Bairão

cado dois livros, um de Huysmans, outro de André Gide.

Bruno contou as últimas aneddotas. E desceram, pondo os chapéus, pelo elevador.

Atravessando a cidade na tarde banal, Jorge lembrou-se de que naquella mesmo automóvel fôra a Santos, ao lado de Alma.

Mas repelliu o demônio que viera torturá-lo. Elle tinha agora uma serenidade de condemnado que se redime.

Haviam chegado. Recobria-se da última argamassa a frente monumental do Palácio. Subiram pela escada florentina. Atravessaram salas... a porta do atelier estava aberta. Fizeram Jorge passar. Mas elle não reconhecia o vasto e limpo local onde soffrera tanto. Tinha sido tudo transformado. De pé, esperando-o, estavam Torresvedras e Lino de Albuquerque. E haviam collocado flores nas estatuas como se fossem altares...

Contornando a claridade das figuras, trepando, cahindo em fios triumphaes, rubros cachos de sangue, bocças roxas e amarellas entreabertas na folhagem rude do Brasil, inundavam de glória a officina. Sobre o pedestal do centro, voltada para elle que os amigos cercavam, a Victória de mármore erguia alto as duas mãos. Tinha os seios minusculos, as ancas retesadas numa elegância unida de linhas,



riso, na vida multiforme do barro, Mary Beatriz passou inteira.

Foi lavar os dedos empastados de greda. Lino de Albuquerque seguiu-o, abrindo um lenço alvo.

Elle queria soffrer, soffrer mais ainda. Que eram a reprovação social e o escândalo, se elle se sentia desafogado de pesos enormes?

A principio, quando vieram dizer-lhe que um advogado promettia envolvê-lo numa campanha immunda, elle sentira um involuntário temor, uma emoção dolorosa de quem já tendo soffrido muito, ainda se vê apontado e destinado a martyrios novos.

Era Milagre, a perda de Areias, o pivot do retardado escândalo. E elle, num trágico receio, temia ver por detrás da mulher a figura de Mauro Glade. Mauro podia mesmo accusá-lo do seu crime.

Mas Carlos <sup>Byron</sup> havia enfrentado immediatamente o homenzinho, parado, de oculos para cima, na eterna pesquisa de miserias e chantages. O leguleio desfizera-se em desculpas. E o amigo viera trazer-lhe a noticia, transbordante de alegria.

Jorge d'Alvellos deixara-se tomar inconscientemente por aquella effusão. Não envehecerá apesar-de tudo. Nem sequer se sentia adulto. De dentro, um immutável fundo de adolescência, gritava-lhe que era preciso sofrer, viver, morrer, seguir a lei férrea do mundo.

Elle sabia bem agora que um Sér invisível e supremo existia. E numa reorganisação de blague heróica, deante do espelho, pensava que fora agatanhado no torso, sobre o coração, pelos próprios dedos de Deus.

O amigo tinha-o deixado. E elle ficara numa alegria que procura motivos, num amor de tudo, sereno, experimentado. Sorria suavemente.

Andou à-toa pelo quarto. Ia partir para Nova Olympia. Esse nome cantava-lhe aos ouvidos como uma promessa.

Ia ensaiar de novo o gume dos duros antepassados no cerne das florestas brasílicas, lá, onde elles haviam aberto a primeira passagem ao homem da Europa e, nas noites sertanejas, cerrado os olhos cheios e a alma leve à bênção calada do Cruzeiro.

Era a fuga para outra calma de céu. Elle renovara a funesta experiência cidadina dos ancestraes e resumia-se naquelle cyclo catástrophico a prometida messe de victórias nas luctas babilónicas!

Mas transportava-se a tempo ainda para a alegria integral dos descampados puros e das cidades paradas no surto virgem das eras innocentes.

Fôra infeliz... certamente, porque não se mantivera fiel aos compromissos raciaes.

E via-se à janella, num êxtase, transportado para a immensa paz verde dos cafezaes orvalhados da chuva, na tarde de nuvens cyclopicas.

Chegou-se à chiffonnière abaulada. Tirou da gaveta um grande grupo photographico. Era a familia que o esperava, que o chamava.

Quedou-se alli. Qual seria daquelles olhares firmes e grandes de zagala, daquelles sorrisos em fôlha, o da *consolatrice qui ne savait pas...*

O porteiro viera chamá-lo às cinco horas.

Elle tinha as malas promptas, a passagem comprada. Na tarde de apothéose, dera os pequenos estudos, os torsos e as máscaras aos amigos que tinham sahido carregando-os nos braços.

Guardara apenas o "Retrato de Antepassado", talhado em planos de ferro e o último sorriso de Mary.

As pernas harmoniosas de Alma, mandara-as passar para o mármore e, sobre três degraus brancos, marcariam para sempre o holocausto na encosta terrosa e esquecida do Araçá.

Elle fizera acordar-se cedo à-tôa. O trem partiria às nove horas.

Foi ao espelho. A luz farta da lâmpada, de que tirara o antigo abat-jour, abriu a camisa, examinou as devastações do tiro.

Sentia-se cansado. Resignava-se. Aceitaria doravante as diminuições que viessem. Era isso mesmo a vida humana — uma série de quedas físicas e de provações moraes, em torno de uma grave e íntima ascensão.

A porta do quarto estalou, abriu-se para o corredor escuro e quieto.

Uma corrente subtil pôz rumores nas janelas, levantou papéis na mesa.

Um sino isolado deu lambadas de bronze na noite. Lá fôra, um automóvel businou, passando.

O sino persistia: *Misericordia Domini in aeterno cantabo*. Eram as matinas dos monges, já de pé, no negror dos hábitos rectos como consciências, rezando em São Bento.

Jorge d'Alvellos parado, olhava a grande mala aberta junto à parede, a mala de cabina que o acompanhara nas antigas viagens, pelos hotéis obscuros de Paris, depois em Roma.

Estava riscada de sulcos, grudada de velhas etiquetas. Junto ao fecho de metal, tinha uma mancha redonda e queimada. Elle costumava fazer o café brasileiro sobre ella, no atelier de Via Flamminia.

E como houvesse amanhecido, sahio para despedir-se de São Paulo.

A cidade acordara como que lavada, cheia de rumores e de bulício. Midinettes passavam, trabalhadores, gente do commercio. E silhuetas claras, evocadoras de Alma, iam, preocupadas na manhã de aventura.

Elle penetrou na igreja de Santo Antonio, onde se celebrava uma missa baixa. Na penumbra, olhos perscrutadores seguiram-no.

Jorge d'Alvellos sentou-se entre uma mocinha de luto e um mendigo. E viu o padre alto, de cabeça branca, permanecer numa demorada reverência ante o tabernáculo aceso, vinte vezes secular.

A sua voz chegava, clara, precisa, até os fieis.

— "In illo tempore" . . lembrava o passado na Galiléa.

— "Per omnia secula seculorum" . . affirmava o futuro e a eternidade.

Não lhe parecia possível que aquelles homens se reunissem allí, no apparatus symbolico das alvas e das casulas, vinte séculos depois do Calvário, sem significação nenhuma, como

os pássaros que voam, os gallos que cantam,  
os animaés que pastam.

Depois do meditado silêncio da elevação,  
o sacerdote de pés unidos, cotoveios juntos,  
circunscripto à pátana, ia commungar.

A pátana era a pedra com que o piedoso  
José de Arimathéa sellara o sepulchro de Deus,  
sacrificado para tirar os peccados do mundo.

— "Domine! Non sum dignus ut intres sub  
tectum meum, sed tantum dic verbum et sa-  
nabitur anima mea!"

A campainha ressoou.

Jorge d'Alvellos, de joelhos, regava.

-- Senhor! Dize uma palavra e minha  
alma será salva!

O padre repetiu em voz alta:

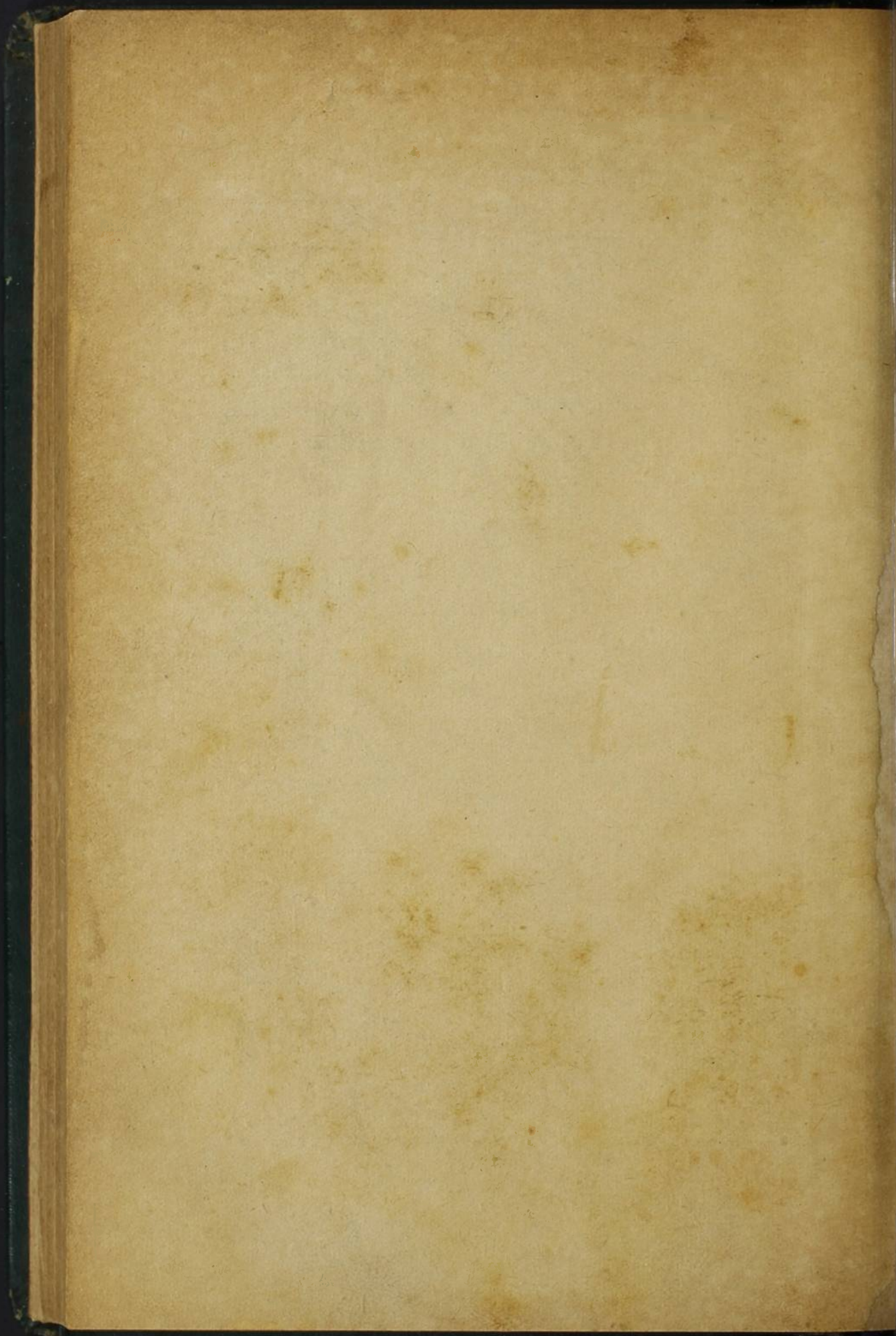
— "Domine! Non sum dignus"...

A campainha ressoou de novo no templo.

Um velho espectorou no silêncio.

~~F I M~~ X |

~~A U S D E O~~ X |



*A selecionar, 10*  
*locando no fim do volume ou*  
*na sobrecapa*  
O depoimento contemporaneo

ELOGIOSAS REFERENCIAS DA LITERATU-  
RA, DA CRITICA E DO JORNALISMO A'  
PERSONALIDADE E A' OBRA DE  
OSWALD DE ANDRADE

XI  
XI

A minha opinião é de namorado. Adoro Oswald de Andrade.

Álvaro Moreyra

“... os formidáveis “Condenados” que li como os ouvi em São Paulo e nem o tempo nem a distância me esqueceram ainda a impressão que se traduziu na mesma palavra... me doem ainda! Vocês são uns scelerados passionaes entre o Dostoiewski do “Crime e Castigo e o Charles Louis Philippe do “Bubu de Montparnasse”, entre o Poe dos pesadellos e o Wilde das perversões”.

Afrânio Peixoto  
da Academia Brasileira.

Je lis de temps em temps un de vos charmants poèmes de Pau Brasil et je sais par cœur Prosperidade qui m'enchante.

Valery Larbaud, o grande traductor das obras de James Joyce e Gomes de La Serna.

2  
Pelas duzentas páginas desse romance feito por  
mão de mestre, passa a sensibilidade de um dos mais  
elegantes espíritos do Brasil contemporâneo.

Olegário Mariano  
da Academia Brasileira.

Los tres volumenes de la obra de este autor seran  
la tragedia mas intensa que existe sobre el dolor  
humano.

Sanches Saes

Poesia ~~synthetica~~. Poesia sem ~~rhetorica~~. Poesia  
essencial. "Simplesmente poesia com P. grande, bro-  
tando do solo natal inconscientemente" na phrase  
lapidar do Sr. Paulo Prado.

Oswaldo Costa

A ~~psychologia~~ dos personagens está perfeitemen-  
te estabelecida. Todos vivem rigorosamente lógicos  
dentro das premissas do temperamento e da fata-  
lidade. A vida de Luquinhas resalta vívida, primoro-  
samente cinematographada numa série de quadros a  
Griffith.

Monteiro Lobato

Quanto ao Sr. Oswald de Andrade a sua poesia fez mais admiradores que discípulos. Não é fácil imitá-lo. No entanto, talvez houvesse conveniência em propô-lo como modelo a muitos desses rapazes que se estão pervertendo em outras companhias. Ainda há pouco, o Sr. Antonio de Alcantara Machado dizia-me com carradas de razão: "Para mim não deve haver modelos. Mas querendo seguir um, a meninada de hoje deve seguir o Oswald de preferência a qualquer outro. O Oswald não se incommoda com que os outros fazem. Primeira vantagem. Depois trabalha sem se incomodar com a opinião dos outros e sem a preocupação absorvente de querer fazer moderno".

Rodrigo M. F. de Andrade

Oswald é um grande emotivo que interpreta com singular bizarria e propriedade a alma das coisas.

Carlos Dias Fernandes

... um talento como o d'êlle, um dos mais originaes da nova geração, um dos que mais hão de marcar nas nossas letras...

Tristão de Athayde

Dans ce roman hardi, Mr. Oswald de Andrade dissèque avec un scalpel que nulle émotion apparente ne fait trembler, une humanité sacrifiée. Mais on devine à certains accents plus âpres que la pitié comme chez Dostoiewski, prend le masque de l'ironie.

Il a révélé un tempérament vigoureux d'écrivain, épris de concision alerte, sachant aborder les problèmes de front avec la rude et provocante sincérité d'un novateur.

G. Le Gentil

Professor das literaturas de língua portuguesa na Sorbonne.

*o romance*  
Vossa ~~novella~~ empolga pela parte trágica, dolorosa, característica da vida dos desherdados e pela verdade observada.

Fabio Luz

E' uma das obras mais violentamente realistas que conheço.

As notações a Dostoiewski e Tolstoi destacadas como pontas de aço ou atiradas de propósito numa

confusão de semi-delírio, adquirem por vezes rara e singularíssima eloquência.

José Antônio Nogueira

Este romancista sabe torturar e sabe emocionar como os russos. Há nelle uma dôr positiva, flagrante, uma dôr nua.

Carlos Drummond de Andrade

O senhor não é um amoralista; sente, pelo contrário, indominável revolta contra o meio social que produz "Os condenados"...

Nestor Victor

O Sr. Oswald de Andrade era antes um bom poeta brasileiro. Com a publicação do "Primeiro Caderno do Alumno de Poesia" elle se tornou um grande poeta brasileiro.

João Alphonsus

... Oswald de Andrade, o verdadeiro filete da corrente nova, e o que o Sr. Graça Aranha está a divertir-se pregando o que não faz...

Carlos de Laet  
da Academia Brasileira

Oswald na sua vibração contínua, na sua inteligência trepidante, na sua inteligência eléctrica, no tumulto das suas imagens, das suas palavras que atropelam como automoveis, é uma cidade, uma capital, um país. Oswald é o Brasil, o Brasil que se multiplica, o Brasil enorme, o Brasil que chega até Paris.

Antônio Ferro

Quem no Brasil ainda não ouviu o seu nome? Nesta atoarda dos ultimos anons, elle apparece a todo instante. Porém, quantos sabem que você tem o tumulo de Tutan-Kamen sob as areias de um aparente amadorismo? Não quero dar um troço, por lisonja ou mesmo elogio fácil: você sabe quanto sou feroz; porém não posso deixar de dizer a você: sou

dos poucos homens que sabem quem você é. E isto, meu caro, é verdadeiro, e verdadeiramente triste. Triste? Avancei uma palavra idiota. Isto é que dá alegria. Isto é que é bom! Antigamente, no tempo da Praça da República, quando você me prendia em São Paulo dias inteiros de hospedagem boêmia só para conversarmos (conversas de 15, 18 horas!) antigamente eu era como os índios de 1500, que sabiam de roteiros de minas, através do matto irrevelado. Porém com a diferença que eu gostava de ensinar o caminho aos outros. Hoje você é uma espécie de mina do Morro Velho, com estrada de ferro para lá e caravanas de turistas curiosos. O que os turistas não sabem, no entanto, é das camadas mysteriosas além dos pavimentos atingidos pela engenharia inglesa... O ouro que vem de lá só poucos reconhecem. Ainda há pouco no Rio, passámos horas inteiras na garçonnière do Mandel Bandeira, elle, Prudentinho, Sérgio Buarque e eu a reler o Pau Brasil. E' quasi doloroso este gozo de perceber e sentir as mínimas intenções! Mesmo onde você põe certas nuanças difficilimas e raras (O Fera, por exemplo) nós chegamos, nós puzemos o pé, nós atingimos e

voltámos encantados. Creio que seria inútil o esforço de tentar explicá-lo ao respeitavel publico.

**Ribeiro Couto**

Teu espirito é uma chamma purificadora, um generoso incendio em marcha. Tens o dedo ágil dos creadores, dos homens tumultuosos que estão acima do bem e do mal.

**Ronald de Carvalho**

... Mario Guastini é mal educado, cafageste, parallelepipedo, burro, illetrado quando todos estão fartos de saber que Oswald aprendeu com Mario Guastini as poucas letras e a educação que possui ou julga possuir.

**Commendador Mario Guastini**  
**Consul do Peru'**

Na Revue de l'Amérique Latine, de Paris, o Sr. Manoel Gahisto occupa-se com a litteratura brasileira, parecendo dar importancia á "Poesia Pau Brasil" que felizmente aqui ninguem conhece.

**Pinheiro Junior**  
o das "Coisas da Cidade"

O Sr. Oswald de Andrade com o "Pau Brasil",  
marcou definitivamente uma época na poesia na-  
cional.

João Ribeiro  
da Academia Brasileira

... o nascido attingirá sem duvida altos cami-  
nhos, honra e "alta conta".

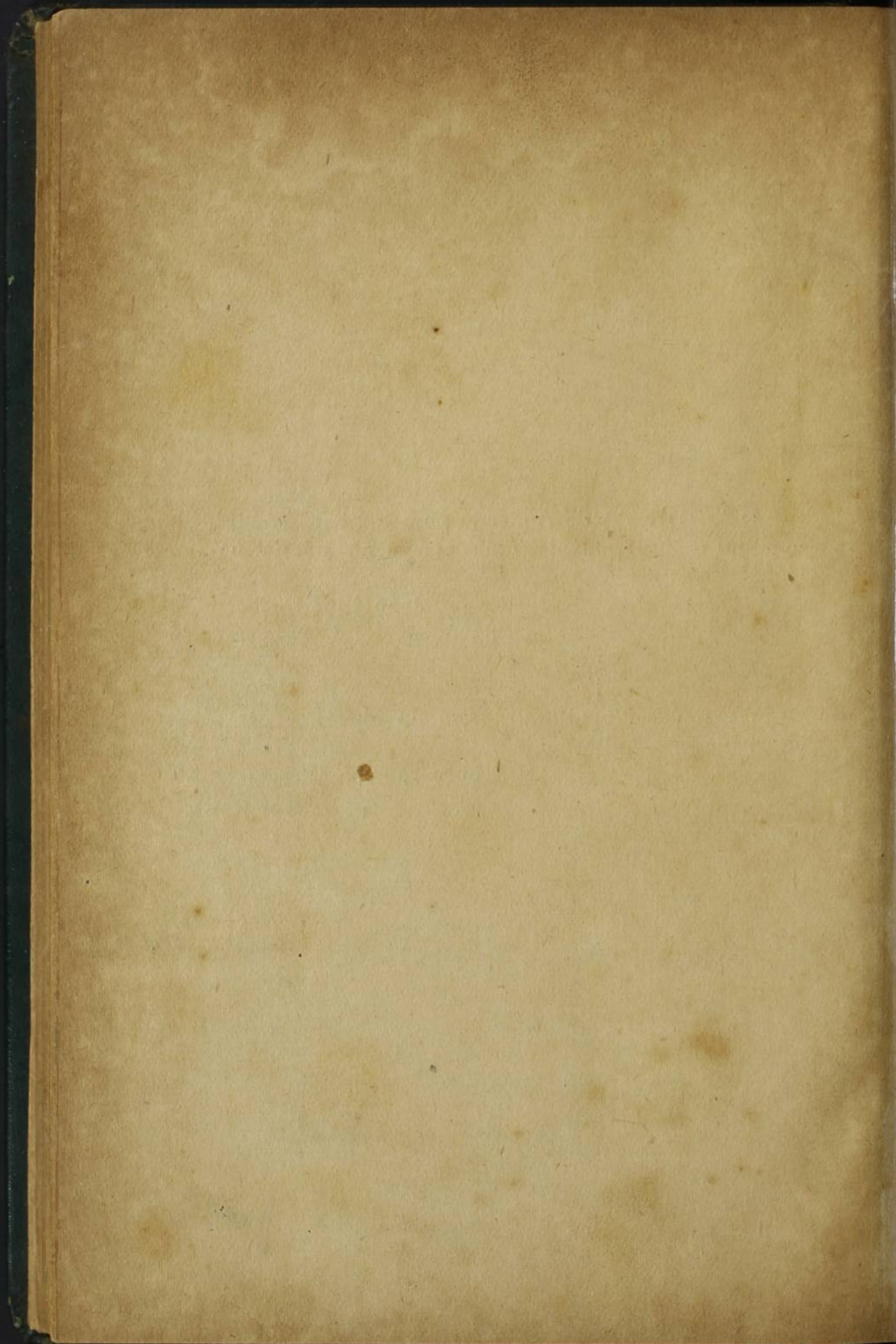
Do horoseopo do Poeta

"o maior escriptor brasileiro"  
~~o maior escriptor brasileiro~~

Jorge Amado

"imediatamente poeta"

Manoel Bandeira



## ERRATA

- Na pagina 55 sahiu "densa" em vez de "dansa".
- Na pagina 69 sahiu "com grandes chapeus" em vez de "com mulheres de grandes chapeus".
- Na pagina 71 sahiu "resolvida" em vez de "revolvida".
- Na pagina 80 sahiu "sceptico" em vez de "septico".
- Na pagina 99 sahiu "tomara" em vez de "tornara".
- Outros erros de revisão, de psychologia ou de intriga serão facilmente corrigidos pelo leitor arguto.

23978

